FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALECIDOS,
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÒBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO I.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1850.

PROLOGO.

Inimigos do monopolio litterario, não podémos resistir á tentação de repartir com o público tantas poesias ineditas ou raras, por antigas ou por extraviadas, que as investigações a que nos temos votado sôbre a história da America nos haviam deparado.

Decidimo-nos logo a fazer dellas collecção, e vista a impossibilidade, e quasi inutilidade de publicar tudo, resolvemos dar á imprensa o que nos pareceu mais a proposito. Desde logo conhecemos o pêso de responsabilidade que sôbre nós recaía, constituindo-nos juiz pâra a escolha; mâs cobrámos fôrças ao considerarmos a vantagem que sempre resultará da empreza, e ao adoptarmos uma regra pâra preferir éstas áquellas poesias, que nos alivia de grande parte de tal responsabilidade. Como o enthusiasmo que temos pêla America, onde vimos a luz, e a fé no desenvolvimento futuro de sua poesia, era um dos nossos estimulos, julgámos dever dar sempre preferencia a ésta ou áquella composição mais limada, porém semi-grega, outra embora mais tosca, mâs brazileira, ao menos no assumpto. Ésta decisão

nos facilitou a empreza, e cremos que ésta collecção adquirirá com isso mais interêsse pâra o leitor europeu, ao passo que deve lisongear o americano, vendo que vai já pâra dois seculos havia no Brazil quem julgava que se podia fazer poesia sem ser só com coisas de Grecia ou Roma.

Como não tratavamos de offerecer modelos de arte poetica, preferimos, em logar do methodo do *Parnaso Lusitano*, o de apresentarmos as poesias pêla ordem chronologica dos auctores, cuja biographia precedesse sempre as composições de cada um. Éstas últimas, bem como a introducção, que contém um pequeno ensaio da história litteraria no Brazil, foram tambem escriptas com alguma repugnancia, ao ver que deviamos em muitos assumptos ser os primeiros a votar, quando o público é em poesia tão competente juiz. Màs era preciso dar ao livro a necessaria unidade; e por outro lado, essencial é que nos vamos aproveitando destas pequenas tentativas, a fim de formarmos de uma vez estylo pàra empreza maior, a que devemos dedicar a idade madura, se Deus antes nos não chamar da vida.

O leitor perdoará a pretenção do titulo que vai no rosto. Intitulâmos este livro — *Florilegio da Poesia Brazileira* — màs repetimos que não queremos por isso dizer, que offerecemos o melhor desta, porém sim (com alguma excepção) o que por mais americano tivemos. Escolhemos as flores, que julgámos mais adequadas pàra o nosso fim, embora seja alguma menos

vistosa, outra pique por alguns espinhos, ésta não tenha aroma, aquella pareça antes uma descorada *orchydea*, e aquell'outra uma parasyta creada com ajuda de seiva alheia, etc.

Não chamâmos *Parnaso* a ésta collecção, pelo mesmo motivo de estarmos um pouco em briga com a mythologia, e por devermos distinguil-a de outra anterior, que leva aquelle titulo.

Cumprindo adoptar uma regra pâra os que deviam ter entrada na nossa collecção, fizemos prevalecer a do nascimento no Brazil, por ser o principio mais geral que (salvo casos mui especiosos ou de pretendidas argucias) instinctivamente em nossos animos tambem prevalece, quando se trata até das provincias do mesmo reino, em que a patria natal prefere sempre á terra em que nos estabelecemos, bem como em direito internacional, quando não ha declaração em contrário, a nacionalidade de origem prefere á do domicilio.

Por ésta rasão excluimos Pinto Brandão e Diniz, embora escrevessem versos sôbre assumptos do Brazil. Marcial, os Senecas, Lucano, e varios imperadores bem se criaram e viveram em Roma; e, sem embargo, pelo seu nascimento os mesmos escriptores romanos lhes chamam *hispanos*, não esquecendo jámais sua origem.

Em ninguem está mudar o nascimento, nem ser insensivel á ternura do coração, quando este lhe bate ao lembrar-se da terra onde quiz Deus que viesse ao mundo...

Aqui desejaria alguem que entrassemos na questão da divisibilidade das litteraturas portugueza e brazileira, o que varios julgam impossivel, em consequencia da uniformidade da lingua. Repugnará sempre a nosso ânimo entrar em tal questão, por nos parecer que os argumentos de parte a parte poderão correr o risco de sair pedantes, ou demasiado escholasticos, sem falar dos mal entendidos preconceitos de amor proprio nacional n'uma questão litteraria.

Seja-nos, porém, permittido deixar aqui consignadas algumas dúvidas, cuja solução offerecemos aos que neguem a possibilidade — a naturalidade da divisão das duas litteraturas.

1.ª Deverão deixar de figurar, nas histórias litterarias da Prussia e de Portugal, as obras dos eminentes escriptores Humboldt e Pinheiro Ferreira, só porque estes, pâra terem mais leitores, as escreveram em francez?

2.ª Desalistaram-se da litteratura portugueza o bispo Osorio e Paiva de Andrada, porque escreveram em latim?

3.ª É, por ventura, tão verdadeira, tão estricta essa identidade da lingua? Não ha no Brazil nomes do paiz ali conhecidos, e cujo objecto é mais ou menos poetico, dos quaes em Portugal a sua pronunciação dizem que excita o riso? Lembremo-nos dos receios que neste sentido tinha o A. do *Caramurú* ao publicar o seu poema, e lembremo-nos mais dos que certo censor tinha de que provocassem o riso tantos nomes do Brazil, como v. gr. *jacaran-*

dá, palavra ésta em que ha nada menos de quatro *aa*. *

Entendamo-nos: ésta opinião do vulgo, que acha tambem em Portugal mui ridiculo um dos nomes de mais glória pâra o Brazil — O Ipiranga — prova que a poesia brazileira tem que declarar-se independente da da mãi-patria; pois desgraçado do poeta do Brazil que, ao chegar-lhe a inspiração, tivesse que mandar consultar em Portugal um de seus filhos, que nunca tivesse ido á America (pois a estes se acostuma o ouvido como é natural), se tal ou tal palavra lhe promove o riso, como o *jacarandá* ao censor.

Longe de nós o consignar a idéa de que no Brazil não se deve, e muito estudar os classi-

* Já vamos ver que o nosso censo, quando tal disse, tinha pouco presente a nossa prosodia, e talvez estava com muita disposição pâra rebentar de riso; mâs o que é mui verdade, é que com a sua expressão emittiu elle a opinião do vulgo. Dissemos que o censor não tinha presente a prosodia, porque ha na lingua portugueza muitas palavras com quatro *aa*, e até com cinco, que estamos certos o censor haverá dito e escripto, sem ser atacado do accesso de riso, que lhe deu o triste páu *jacarandá*, do qual um simples pedaço a outros terá feito chorar. Por certo que o censor em sua vida não terá deixado de empregar algumas das palavras — *acabará, afastará, alastrará* — e outras em que pâra mais a syllaba final é accentuada, e os *aa* estão bem nusinhos, e nem ao menos uma vez disfarçados com um nasal. Pois se lhe falarmos de palavras com cinco *aa*, v. gr. *alapardada*, como não rirá o censor? Assim uma *casaca alamarada, barata, farta d'abas*, com quinze *aa* juntinhos, devia ser uma coisa pâra fazer morrer de riso. E se ella tivesse como era possivel, *casas falsas, mangas largas, lã má, fraca, rala, clara*, etc., teriamos trinta e um *aa*, que bem podem dar volta á cabeça do censor.

cos portuguezes e a grammatica. — Pelo contrário, reputâmos essa necessidade urgentissima, ao vermos que os nossos melhores escriptores, — os que mais agradam no Brazil, foram os que mais os folhearam.

A este respeito remettemos o leitor pâra o que diremos na introducção, ácêrca do estudo dos classicos, e lembrâmos que Byron, com seu grande genio, e Irving e Cooper, com serem poetas tão originaes e americanos, só conseguiram tão brilhante nome, depois de haverem estudado muito, e muito, os livros antigos e modernos da litteratura ingleza.

5 de Junho de 1847.

INTRODUCÇÃO.

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL.

Ao descobrir-se a America, ou antes, ao colonisar-se ella, durante o seculo XVI, achavam-se no seu maior explendor as duas nações do extremo occidental da Europa, que nisso se empenhavam: assim as suas linguas e litteratura, sempre em harmonia com a ascendencia e decadencia dos estados, como verdadeira decoração que são de seus edificios, tocavam então o maior auge.

Com effeito o castelhano e o portuguez, que tiveram a sorte de passar primeiro que outras linguas do velho ao novo continente, subiam então pelas suas litteraturas á cathegoria de linguas, graças ao impulso que lhes davam os respectivos centros governativos.

O portuguez puliu-se sem degenerar quasi nada de sua filiação gallego-asturiana, nem corromper o valor das articulações latinas. O castelhano, procedente da mesma filiação, só chegou áquelle resultado, depois da arabisar-se muito, de adoptar o gutural arabe, e de alte-

rar insensivelmente outras articulações latinas. O portuguez de hoje é o mais legítimo representante do antigo castelhano, e do dominio romano na Hespanha; e o castelhano moderno serve a comprovar quanto o dominio de uma nação estrangeira póde fazer variar um idioma já bastantemente formado. *

Mâs apesar dêsse polimento da lingua e litteratura portugueza, na epocha em que se colonisava o Brazil, como se as lettras se encolhessem com medo do Atlantico, não passavam ellas com os novos colonos. Não era no Brazil que os ambiciosos de glória tratavam de buscar loiros pâra colhêr, pois que essa ambição elevada se satisfazia melhor na Africa ou na Asia. Ao Brazil ía-se buscar cabedaes, fazer fortuna; e as miras do litterato alcançam mais alto: não é aos gôsos, nem mesmo ás glórias terrenhas a que aspira — é á glória immortal.

Os troncos colonisadores não trazem, pois, da arvore-mãi seiva poetica bastante, pâra produzirem fructos com ajuda do clima da terra. A actividade intellectual, que emigrava da metropole, nem bastava toda pâra se estender pelos Algarves d'Além, e pêla India, onde fei-

* Veja-se a este respeito, o que dizemos na introducção do livro — *Trovas e Cantares*, etc — publicado em Madrid em 1849. A excursão que posteriormente fizemos á Galliza, serviu para confirmar-nos na opinião ha muito assentada, de que ésta provincia não só na lingua, como nos trages, nos usos e costumes, não parece mais que uma continuação do norte de Portugal. Ésta verdade poderá melhor apreciar o portuguez, que depois de haver estado em Castella passe do Minho á Galliza.

tos heroicos se passavam. Os acontecimentos que na Asia e na Africa se representavam, eram eternisados em verso por um Camões, um Côrte-Real, um Vasco Mausinho; e em prosa por um Gaspar Corrêa, um Castanheda, e um Barros. A unica obra que nesse primeiro seculo se escreveu com mais extensão sôbre o Brazil, só ultimamente se imprimiu: refferimo-nos á do colono Gabriel Soares, cujo trabalho, feito em 1587, foi o fructo da observação e residencia de dezesete annos na Bahia; tantos como passára na Persia o naturalista Ctesias, que foi quem primeiro fez conhecer aos gregos as riquezas naturaes da Asia. Ao Brazil não passavam poetas: é, pois, necessario esperar que elle se civilise, e que os poetas ahi nasçam e vigorem seus fructos. Os indigenas tinham um genero de poesia, que lhes servia pâra o canto: os seus poetas, presados até pelos inimigos, eram os mesmos musicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes, mâs eram demasiadamente monotonos: improvisavam motes com voltas, acabando éstas no consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora garganteava a cantiga, e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo, e no mesmo logar em roda, ao som de tamborís e de maracás. O assumpto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam passaros, cobras e outros animaes, trovando tudo por comparações, etc.

Eram tambem grandes oradores, e tanto apre-

ciavam ésta qualidade, que aos melhores faladores acclamavam muitas vezes por chefes. Os missionarios jesuitas, conhecendo éstas tendencias, trataram de empregar a musica e a poesia como meios de cathequese. Nos seus collegios começaram logo a ensinar a cantar aos pequenos cathecumenos filhos da terra, e, mais tarde, compunham até comedias, ou *autos sacros*, pâra elles representarem ; e dahi proveio o primeiro impulso da poesia e do theatro no Brazil. Assim a respeito dêste último succedeu neste paiz o mesmo, que nos seculos anteriores se passára na Europa ; pois como é sabido o theatro na idade média se conservou e se aperfeiçoou depois, occupando-se exclusivamente de assumptos religiosos, como até se deprehende da lei das Partidas.

Na America Hespanhola succedeu diversamente. A Hespanha não tinha Africas, nem Asias : as suas Indias eram só as occidentaes. Do territorio hispano não havia já mouros que expulsar, e ás Indias tinham de passar os que queriam ganhar glória. Assim em quanto Camões combatia em Africa, e se inspirava em uma ilha dos máres da China, Ercilla, soldado hespanhol no occidente, deixava gravada uma oitava sua no archipelago de Chiloe ; e, quando os *Lusiadas* viam a luz (1572), havia já tres annos que corria impressa a 1.ª parte da *Araucana*. Os passos de Ercilla eram no Chile seguidos por Diego de Santistevan Osorio, e Pedro d'Oña (já filho d'America), que em 1605 publicou em dezenove cantos o seu *Arauco Domado*. Já então,

se tinha organisado em Lima uma *Academia Antartica*, e havia na mesma cidade uma typographia, na qual em 1602 Diogo d'Avalos y Figueroa imprimiu a sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas*, obra que faz lembrar a *Miscelanea Antartica y origen de Indios*, que o presbytero Miguel Cabello Balboa deixou manuscripta. Da mencionada *Academia Antartica* nos transmitte em 1608 os nomes de muitos socios a introducção, feita por uma senhora, ás Epistolas d'Ovidio por Pero Mexia. Ahi se mencionam, como mais distinctos arcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo compunha tambem em Lima Fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada*, publicada em 1611, e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puren Indomito*, que nunca se imprimiu. A regularmo-nos pelos tons dos cantos do berço, estes montuosos paizes da America Occidental deveriam ter que representar um importante papel, no desenvolvimento futuro da litteratura americana.

O Mexico não deixava tambem de participar do estro iberico ; mâs aqui com ar de conquistador, e não com fórmas nacionaes, como no Chile, onde o proprio poeta soldado é o primeiro, não só a confessar, mâs até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco, que elle combatia com armas. Com rasão diz a tal respeito D. Gabriel Gomes :

« Al valiente Araucano
« Alonso venció y honró : la ira
« Recompensó la lyra. »

Nem sequer um canto de bardo se levantou a favor do, por enganado, não menos heroe, tão sympathico Montezuma.

Com o titulo de elegias canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a história dos hespanhoes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Savedra imaginaram epopeas a Cortez ; mâs foram tão mal succedidos, como seculo e meio depois o mexicano Francisco Ruiz de Leon.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no Mexico em 1604 pelo, ao depois bispo Balbuena, auctor da epopeia—*El Bernardo*—é, apesar de suas hyperboles e exaggerações sempre poeticas, o primeiro trecho de bôa poesia, que produziu a vista dêsse bello paiz, que logo se começou a corromper, primeiro com falsidades na guerra, depois com a sêde do oiro. Fôrça é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em scenas descriptivas, por se haver elle inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos, que deve entrar em toda a elevada poesia americana— a magestade de suas scenas naturaes. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caíu algum tanto o proprio Ercilla, e muito mais outros que chegam a ter a sinceridade de assim o declarar. Dêste número foi Savedra, e o capitão Gaspar de Villagra, que em 1610 publicou em Alcalá (em trinta e quatro cantos de verso sôlto, aos quaes melhor

chamára capitulos) a sua—*Historia de la Nueva (sic) Mexico*—e nesta descreve os feitos do Adiantado Oñate e seus companheiros. Mais poeta nos parece que sería o P.e Rodrigo de Valdez, de quem possuimos a Fundação de Lima; mâs infelizmente escripto em quadras, que deviam ser a um tempo hespanholas e latinas, é ás vezes obscuro; e, com mira de fazer heroico o panegyrico, o deixa apparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Ayres, de si terra pouco inspiradora, occupou as attenções de Martim del Barco Centenera. Mâs a *Argentina* é tambem mais uma dessas histórias em verso que um poema.

Não cabe aqui seguirmos a história das producções poeticas, nos paizes que hoje constituem as differentes republicas hispano-americanas; comtudo deixaremos consignado, que tanta seiva emprestada de pouco lhes valeu, por seccarem talvez as arvores antes que as raizes fossem assás vigorosas, pâra nutrir novos rebentões. Por nossa parte fazemos votos pâra que uma tal litteratura se eleve á eminencia de que é susceptivel: o altiloquo Heredia, e o mimoso Placido abriram o caminho—não ha mais que seguil-o. Haverá quem o siga? Quanto a nós temos nisso inteira fé: quando as ambições se cancem per si mesmas, quando chegue o desengano de que a politica actual quebranta a alma, e deixa um vago no coração, o genio terá que buscar, na cultura do espirito, o mais seguro e mais glorioso refugio.

Lancemos as vistas pâra o nosso Brazil. Deus o fade igualmente bem, pâra que aqui venham as lettras a servir de refugio ao talento, cançado dos esperançosos enganos da politica! Deus o fade bem, pâra que os poetas, em vez de imitarem o que leem, se inspirem da poesia que brota com tanta profusão do seio do proprio paiz, e sejam antes de tudo originaes — americanos. Mâs que por este americanismo não se entenda, como se tem querido prégar nos Estados Unidos, uma revolução nos principios, uma completa insubordinação a todos os preceitos dos classicos gregos e romanos, e dos classicos da antiga mãi-patria — Não. A America, nos seus differentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descriptivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem; mâs enganar-se-ía o que julgasse, que pâra ser poeta original havia que retroceder ao *abc* da arte, em vez de adoptar, e possuir-se bem dos preceitos do bello, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que, pâra buscar originalidade, despresasse todos os elementos da civilisação, todos os preceitos da religião, que nos transmittiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir effeito, e ostentar patriotismo, exaltando as acções de uma caterva de canibaes, que vinha assaltar uma colonia de nossos antepassados só pâra os devorar? Deu-nos Deus a inspiração poetica pâra o louvarmos, pâra o magnificarmos pela religião, pâra promover a civilisação, e exaltar o ânimo a

acções generosas; e serão amaldiçoados, como diz o nosso poeta religioso,

> . . . . os vates em metro perigosos
> Que abusaram da musa. . . . . . .
> *(Assumpção, c. 2.º)*

Infeliz do que della se serve pâra injuriar sua raça, seus correligionarios, e por ventura a memória de seus proprios avós !

Mâs voltando aos tempos em que deixámos as lettras e a poesia entregues aos desvelos dos Jesuitas : é, sem dúvida, que dos collegios dêstes que se haviam apoderado da instrucção da mocidade sairam os primeiros humanistas, e os primeiros poetas que produziu o Brazil.

Nessas aulas se educaria primeiro o franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564, e auctor de uma história do Brazil, que existe manuscripta ; nas mesmas estudaria o seu compatriota, o P.ᵉ Domingos Barboza, que escreveu em latim um poema da *Paixão.* Dellas sairiam os dois amigos de Vieira — Martinho e Salvador de Mesquita, dos quaes o primeiro imprimiu obras em Roma (1662 — 1670), e o segundo deixou tragedias e dramas sacros. Dellas saíu, finalmente, o escriptor paulistano Manoel de Moraes, queimado em estatua pela Inquisação.

Mâs * é singular como a actividade littera-

* Por muitas rasões deixámos de contar como poeta brazileiro a Rolim de Moura, auctor dos *Novissimos*, se bem que haja opiniões que o deem nascido no Brazil, crença ésta, de que nos aproveitámos em outro logar.

ria só começa depois que a guerra dos hollandezes, despertando, por assim dizer, os animos, os distrahiu da exclusiva occupação de ganhos e interêsses mesquinhos, pâra occupar-se mais em apreciar as artes do engenho. Toda a guerra de alguns annos, quando bem dirigida, convem de tempos a tempos ás nações, pâra as despertar de seu torpor. O sangue é fecundo, quando bem derramado, e a conquista de glórias é tão necessaria a um povo-nação, como o augmento de suas rendas.

O P.e Vieira, com seu genio vivo e grande eloquencia, foi, por meio de seus sermões, um dos mais poderosos agentes, que contribuiram pâra a regeneração moral, e, até, litteraria da nova colonia. As suas lições e os seus estimulos, deram ainda aos pulpitos, além de outros prégadores brazileiros *, Antonio de Sá, e Eugenio de Mattos. Este foi além disso o primeiro brazileiro, que se deu á poesia religiosa. E, por uma notavel singularidade, a guerra contra os hollandezes, que foi um tonico pâra o povo, que serviu de motivo de inspiração a Vieira de muitos de seus rasgos mais eloquentes, que lembrou mais uma comedia **

* Neste número se devem contar Fr. Ruperto de Jesus, Fr. Manoel da Madre de Deus, P.e Sebastião do Valle, Fr. José Pereira de Sant'Anna, P.e Angelo dos Reis, além dos escriptores ecclesiasticos, Luiz Botelho do Rosario, José de Oliveira Serpa e Valentim Mendes, e outros.

(*Vid. Barb.*)

** Ainda está inedita, e a possuia ha pouco tempo Mr. Rich, em Londres. João Antonio Corrêa publicou em 1670 outra comedia, sôbre o mesmo assumpto.

ao immortal Lope de Vega, essa mesma guerra foi a causa de que passasse ao Brazil um dos maiores homens, que contam nos annaes de suas litteraturas Portugal e Castella: refferimo-nos a D. Francisco Manoel de Mello, que, como testemunha de vista, escreveu por ésta occasião a Epanaphora bellica, sôbre a expulsão dos mesmos hollandezes de Pernambuco.

Algum tempo depois da acclamação do duque de Bragança, um filho do Brazil, Diogo Gomes Carneiro, foi nomeado chronista geral dêste paiz, a quem o novo monarcha brindou com o titulo de principado na pessoa do herdeiro do throno.

Antes de passarmos adiante, diremos em poucas palavras as nossas opiniões ácêrca do accento do Brazil, que não obstante variar em algumas entoações e cacoetes segundo as provincias, tem sempre certo *amaneirado*, differente do accento de Portugal, pelo qual as duas nações se conhecem logo reciprocamente; a não ser que os nascidos em uma passassem a outra em tenra idade, sôbre tudo desde os oito aos dezeseis annos. Alguma observação a este respeito nos chegou a convencer, que as differenças principaes que se notam na pronunciação brazileira, procedem de que a lingua portugueza no Brazil, desde o princípio, se *acastelhanou* muito. Éstas differenças, que principalmente consistem na transposição dos possessivos, no fazer ouvir abertamente o som de cada uma das vogaes, sem fazer elisões no *e* final, nem converter o *o* em *u*, e em dar ao *s*

no fim das syllabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do *sh* inglez, ou do *sch* allemão * , ésta alteração na pronúncia, que se estende até a alguns modismos e usos, procedeu não só de que os primeiros descobrimentos e colonisação foram feitos com ajuda de castelhanos, como de que pâra a recuperação da Bahia contra os hollandezes passaram outros muitos, que ahi ficaram estabelecidos ; além disso no interior da provincia do Rio Grande fala-se hoje pelo menos tanto hespanhol , como portuguez, e o contacto dos negociantes de gados e *tropeiros* com estes paizes, fez que se adoptasse del-

* Em Portugal pronuncia-se v. gr. *bashtar*, no Brazil silva-se o *s* : *bass tar*. No Brazil diz-se O bôbô, e não *u bôbu* como em Portugal ; tambem se diz como em castelhano *apártâ-tê dê ahí*, e não *apárta-t'd'ahi*. Algumas provincias do Brazil dizem á italiana *di* por *dê* ; mâs é vicio provincial. Em Portugal diz-se : *Das-me isso?*— e não : *Mê dás isso?* como no Brazil, á maneira do castelhano *Mê dás eso?*

De castelhanos e não de portuguezes, passou ao Brazil o uso frequente das palavras *venda*, *posada*, *sitio*, *pantâno*, *libra* em vez de *tenda*, *estalagem*, *quinta*, *pântano*, *arratel*, etc. , e *vice versa* passou o haver-se abandonado como em castelhano *rapaz*, e não se dizer *rapariga* ; mâs sim *moço* e *moça*. A palavra *xacra* pâra dizer quinta , veio da America hespanhola. O mesmo se póde dizer de muitos usos, v. gr. da construcção das casas no sertão , similhantes ás das duas Castellas, do alugar éstas aos mezes (*Arenas*, c. 22) e não aos annos, e meios annos, como no Reino. Mui hespanholas são certas exclamações, v. gr. — Que disparate ! Que bêbáda, etc. : e ainda mais hespanhol é o uso de substituir por carinho o verdadeiro nome da pia, por outros de familiar convenção : assim em Hespanha os *Josés* são *Pepes* entre os amigos, e no Brazil são *Jucas* e *Cazuzas* ; assim os Franciscos são em Hespanha *Pacos*, *Quicos*, *Panchos* e *Curros*, e no Brazil são *Chicos*, etc.

les quasi tudo quanto é nomenclatura da gineta, por exemplo — lombilho, etc.

Dadas éstas rasões, parece obvio que a pronunciação ou accento peculiar ao Brazil, já na epocha de que nos vamos occupar, sería a mesma que hoje. Havia de ser pois a do P.^e Vieira, pelo menos creado no Brazil desde mui moço. Tambem sería a pronunciação de Eugenio de Mattos, que nunca do Brazil saiu, e talvez mesmo a de seu irmão Gregorio de Mattos, poeta satyrico, de que adiante trataremos com mais extensão.

Desejáramos dar agora algumas amostras das primeiras cantigas religiosas ensinadas pelos Jesuitas; ou d'alguma modinha das que devia entoar a bella colona, sentada junto ao rio, a gosar da suave viração da tarde! — Màs só o tempo poderá recolher esses monumentos da primitiva poesia nacional.

Quanto aos Jesuitas sabemos que em 1575 fizeram representar em Pernambuco o *Rico Avarento e Lazaro pobre*, que produziu o effeito de darem os ricos muitas esmolas. Nos annos de 1583 e seguintes não temos mais que ler a narrativa da visitação ás differentes provincias do P.^e Christovão de Gouvêa, escripta por Fernam Cardim, pâra nos convencermos dos muitos progressos * que haviam feito os discipulos dos Jesuitas, que na Bahia tinham já um *curso d'ar-*

* « Pelas aldêas dos filhos dos indios, já muitos tangiam frauta, viola, cravo e officiavam missa sem canto de orgão, coisa que os pais estimavam muito. »

(*Cardim*, pag 47)

tes, e duas classes de humanidades. Na obra de Cardim se lê tambem (pag. 30) como ouviram os indios representar um dialogo pastoril em lingua brazilica, portugueza e castelhana, lingua ésta que falavam com *muita graça*.

Cardim nos dá notícia de uns versos compostos então ao martyrio do P.e Ignacio de Azevedo, além de muitos epigrammas que se faziam sôbre varios assumptos: tambem nos reffere uma procissão das onze mil virgens, em que éstas íam dentro de uma náu á vélla (por terra) toda embandeirada, disparando tiros, com danças, e outras *invenções devotas e curiosas*, celebrando depois o martyrio dentro da mesma náu, descendo a final uma nuvem do céu, e sendo as martyres enterradas pelos anjos, etc.; tambem o mesmo descreve a representação de certo dialogo (que se julgava composto por Alvaro Lobo) sôbre cada palavra da Ave-Maria.

Os escassos fragmentos que chegaram a nós de poesias principalmente religiosas em lingua guarani não pertencem á presente collecção.

Das modinhas poucas conhecemos; e essas insignificantes, e de epocha incerta, a não ser a bahiana:

«Banguê, que será de ti!»

glosada por Gregorio de Mattos: essa mesma sabemos ser antiga, mâs não nos foi possivel alcançal-a completa.

Não deixaremos de commemorar a do *Vitú*, que cremos ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que parece comprovar-se com

ser em todas as provincias do Brazil tão conhecida. Diz assim :

« Vem cá Vitú ! Vem cá Vitú ! »
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá : —
« Que é delle o teu camarada ? »
—Agua do monte o levou : —
« Não foi agua, não foi nada,
« Foi cachaça, que o matou. »

Igualmente antiga nos parece a modinha paulista :

Mandei fazer um balaio,
Pàra botar algodão : *etc.*

Cabe agora occupar-nos do primeiro poeta, que se fez notavel no Brazil. Foi o satyrico Gregorio de Mattos, que já em Coimbra, onde se formou, e depois em Lisboa nas Academias dos *Singulares* e na dos *Generosos*, a que pertenceu, começára a manifestar as tendencias de seu genio. Passando ao Brazil, terra que, segundo elle, o criára pâra « mortal veneno » o descontentamento e mal estar o irritaram a ponto tal, que em vez de satyrico, era muita vez insolente. Se nas descripções das festas ou caçadas, em geral demasiado prolixas, nos entretem e diverte, nas sátyras pessoaes temos sempre que lamentar, que o poeta ultrapasse os limites da decencia, e que algumas vezes deixe de ser cavalheiro. A maledicencia que emprega contra o governador Antonio Luiz, a par dos elogios que de sua administração nos deixou Botelho, e principalmente Rocha Pitta fazem acreditar que não a justiça, mâs a

vingança, o movia contra esse representante do podêr.

Poderiamos ácêrca dos seus versos satyricos dizer o que de outras cantigas analogas diz um illustre contemporaneo: — « Eram verdadeiros fescininos; eram jambos de Archiloco refinados; eram estocadas de varar até ás costas, e catanadas de abrir em dois até aos arções: íam os nomes estendidamente; íam pelo claro as baldas públicas e secretas, até os defeitos involuntarios: os do corpo e os da geração, isto tão sem resguardo nos termos, que até as obscenidades se despejavam com um desembaraço digno de Catullo, Marcial, ou Beranger. » *

Mattos, pelas tendencias do seu caracter, fez-se, não discipulo, mâs escravo imitador de Quevedo; portanto assim como succede a este, se muitos lhe acham graça e chiste, outro o acharam em opposição com o decoro de engenho: em vez de senhor e gracioso, o encontrarão truão e chocarreiro; quando quer ser philosopho, o acharão cynico. Como de Quevedo, o estylo é cortado e desigual: a par de um bello conceito, traz Mattos uma sandice,

* « A éstas composições que o apparecimento dos offensores e dos offendidos torna quasi de todo indifferentes á volta de poucos annos, tira a velhice que lhes vemos uma graça e accrescenta outra: tira-lh'a fazendo com que o chiste de várias allusões a coisas passadas e esquecidas já para nós não seja chiste, e lh'a accrescenta, descobrindo-nos algo dos costumes de outra idade, que tanto mais nos apraz enxergar, quanto mais remota se nos vai esvaecendo por essas trevas do preterito. » (*Castilho.*)

um disparate, ou uma indecencia. Sua imaginação era talvez viva, mâs descuidada. O seu genio poetico faisca, mâs não inflamma; surprehende, e não commove; salta com impeto e fôrça, mâs não vôa, nem atura na subida.

Com Quevedo, e com os poetas portuguezes dessa epocha, cultiva os assoantes sôbre tudo nos romances. Os hespanhoes ainda hoje em dia conservam essa meia rima: em portuguez foi ella inteiramente abandonada; e quanto a nós com rasão.

Não é este o logar mais apropriado pâra entrar na questão da conveniencia ou não conveniencia do uso dos assoantes na poesia portugueza: harmoniosa e bella é a nossa lingua, pâra no heroico elevado contentar-se com o sôlto. Os redondilhos que são pâra poesia menos elevada, tornam-se monotonos, se a rima os não abrilhanta; e nos lyricos menores até ás vezes se requer que aquella seja aturada. Só aos ouvidos mais delicados é dado apreciar a arte do assoante *, e por ésta rasão nunca elle será popular.

Das poesias, que dâmos por litigiosas, entre os dous irmãos Mattos, confessâmos que nos inclinâmos a que sejam pela maior parte de Fr. Eusebio. Ha nellas em geral mais uncção religiosa, e mais viva crença, que é natural ao genio do poeta satyrico. Quando muito, será de Gregorio a glosa á *Salve-Rainha*, entreteni-

* Pára dar-se assoante é essencial a paridade de vogaes nas duas últimas syllabas, v. gr. *campo* com *rezo*; *bello* com *sceptro*, etc.

mento similhante ao de Quevedo, glosando o *Padre-Nosso*.

Seguia-se neste logar tratarmos d'um poema descriptivo dos sertões brazileiros — *O Descobrimento das Esmeraldas* — obra composta em 1689 por Diogo Grasson Tinoco, e da qual era heroe Fernam Dias Paes. Infelizmente de tal poema não conhecemos mais que as estancias 4.ª, 27.ª, 35.ª e 61.ª, que Claudio Manoel da Costa transmitte nas notas da sua *Villa Rica*. Fazemos votos pâra que o manuscripto que possuiu Claudio ou algum outro, venha a apparecer em Minas, e seja dado ao prelo.

Bernardo Vieira Ravasco, filho da Bahia, irmão do Padre Antonio Vieira, deixou muitas poesias manuscriptas; mâs parece haverem-se perdido. Outro tanto terá succedido aos *Autos Sacramentaes*, que compoz seu filho Gonçalo Ravasco, e á comedia *A Constancia e o Triumpho*, de José Borges de Barros, ao depois Vigario geral da Bahia. Fazemos aqui muitas vezes resenha destas obras, que não conhecemos, pâra chamar sôbre ellas a importancia, a fim de que se publiquem, se se chegam a encontrar.

Manoel Botelho de Oliveira foi o primeiro brazileiro, que do Brazil mandou ao prelo um volume de poesias. Ahi confessa elle a existencia de outros poetas, que haviam então no Brazil, e são seguramente esses contemporaneos, de cujas poesias apenas se conhecem os titulos. Botelho de Oliveira talvez nascesse poeta, e não lhe falta imaginação, como se conhece quando segue sua natural inspiração, nos mo-

mentos em que não quer ser demasiado *culto*, como então se dizia, e nós hoje diriamos *contorcido*. O peior que elle fez foi querer demasiado imitar os poetas d'Italia, e Hespanha (expressões suas) dessa epocha; pois insensivelmente toma por modêlo a Gongora, e Gongora, apesar do seu grande talento, nunca podia imitar-se, pois cousas que elle diz, só elle as sabia dizer com arte. Botelho tinha nimia erudição pâra podêr obedecer sempre ás proprias inspirações, e encher todo o seu extenso volume da *Musica do Parnaso* (que á imitação talvez de D. Francisco Manoel dividiu em *choros*), com mais composições similhantes á sylva, em que descreve a pittoresca ilha bahiana da *Maré*. Quiz passar pela vaidade de compor nas quatro linguas portugueza, castelhana, italiana, e latina, e melhor fôra ter-se estreado n'uma bem. Ao seu castelhano falta-lhe sempre o geito de tal; nem que escrevesse primeiro em portuguez, e depois lhe cambiasse as terminações. No italiano e latim, a difficuldade da empreza prendeu-lhe a veia poetica. Nas suas obras se comprehendem duas comedias, uma das quaes *Hay amigo para amigo* já antes fôra publicada anonyma entre as *Famosas*. É o titulo da outra — *Amor*, *enganos y zelos*, tres inimigos d'alma, diz a comedia, que se dão nos amantes e no mundo todo. O enredo destas duas composições é mui insignificante; nem sequer o A. soube pâra ellas inspirar-se com os soccorros de Calderon, e outros poetas dramaticos dessa epocha. Em ambas fala-se

de amor e mais amor; mâs em ambas ha pouca paixão. Na primeira um amigo céde a outro a dama, por quem ambos estavam apaixonados. Nota-se de uma e outra, que o A. possuia mui pouca arte, ou pouco conhecimento deste genero de litteratura dialogada: em vez de pôr em dialogo o que lhe convem, tira-se de cuidados, e manda muita vez cada qual á scena dizer o que lhe aconteceu, e o que intenta fazer. Além disso as jornadas ou actos são em geral demasiado extensos. Em defensa, porém, do A., cumpre-nos dizer que elle por certo nunca destinou pâra o theatro éstas composições, a que chama *Descante comico redusido em duas comedias* titulo que lhe quadra, pois vê-se uma certa fórma pâra servir de pretexto a dizerem-se, segundo o gôsto da epocha, descantes de trocadilhos e conceitos amorosos, ou com pretenções de taes; pois mal das finezas amatorias que não foram inspiradas por algum sentimento, ou alguma reminiscencia da paixão do amor! — Se existiu de véras a *Anarda* de Botelho, duvidâmos que se enternecesse com taes declarações desenxabidas. Além da sylva, acima mencionada, das comedias e das poesias amorosas, deixou-nos Botelho várias canções, um panegyrico em 34 estancias ao marquez de Marialva, que nos parece digno, com mais algumas outras suas composições, de ser condemnado, pâra nos servirmos de uma expressão querida na epocha em que elle viveu, a afogar-se no Lethes.

Quasi contemporaneo a Botelho de Oliveira

deve ter sido o auctor, que no *Florilegio* designâmos pelo nome de *Anonimo Itaparycano*, e hoje temos a certeza que era o P.e Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica da ordem seraphica, e que ainda vivia em 1751, em que consagrou várias composições aos funeraes do rei D. João 5.º — Filho da bahiana ilha de Itaparica, não só disso se presou no seu nome, como nos seus versos, por pouco merecimento que se encontre nessa descripção da ilha de Itaparica. O *Eustachidos*, tão recommendado pelo assumpto, que tem sido escolhido pára empreza de mais de um poeta, contém algumas bellas oitavas, não inferiores ás do moderno poema castelhano do P.e Fr. Antonio Montiel * , que começa com as tres bellas oitavas seguintes:

Divina Mosa, inspira favorable
Conceptos á mi mente confudida:
Dime, ¿quien fue el varon inimitable,
Que en paz y guerra, en la muerte y vida,
Siempre glorioso, siempre inalterable,
En una y otra suerte padecida,
Con exemplo notable de heroismo,
Supo vencer al mundo, y á si mismo?
Aquel hombre, mayor que la fortuna,
Y que á pesar del tiempo y del olvido,
Roma se acordará de ser su cuna;
Buen amigo, buen padre, buen marido;
Ni la desgracia le abatió importuna,

* *Eustaquio ó la Religuion laureada*, Malaga, 1796 — 2 tomos.

Ni la felicidad le ha envanecido:
Aquel, que problemático ha dexado,
Si fue mas infeliz. que afortunado.
Dime, pues, ¿cómo Eustaquio haya podido
Llenar la tierra y mar de sus hazañas?
¿Cómo despues de poco haya caido
De tanta altura? ¿cómo tan extrañas
Aventuras sufrió! ? ¿cómo ha perdido
El fructo de su amor y sus estrañas?
¿Cómo ha pagado su valor el suelo?
¿Cómo ha premiado su virtud el cielo?

Cabe aqui fazer menção de um jesuita, filho do Rio de Janeiro, que então se exercitava na poesia latina. O Carmen *De sacchari opificio* de Prudencio do Amaral, só foi impresso no fim do seculo passado, e corre encorporado nos quatro livros *de rebus rusticis brazilicis*, em que José Rodrigues de Mello trata da cultura da mandioca e outras raizes, da do tabaco, etc. Cumpre reconhecer que a obra brazileira tem menos desenvolvimento do que a de Raphael Landivar, auctor de quinze livros latinos, que podêmos chamar Georgicas Mexicanas. O mencionado Amaral nos deixou o *Stimulus amandi Dei param*, que julgâmos nunca foi impresso; e em prosa são seus os elogios dos Bispos e Arcebispos, que acompanham as Constituições da Bahia.

Mais tarde tambem se exercitou na poesia latina o P.^e^ Francisco d'Almeida, natural da Cachoeira, o qual no seu *Orpheus brazilicus* trata das virtudes do P.^e^ José de Anchieta.

Gonçallo Soares da Franca, e o P.^e^ João Alvares Soares, occuparam-se de algumas insignificantes poesias á morte de D. Pedro 2.º, que correm impressas. O primeiro começou a *Brazilia*, poema sôbre o descobrimento do Brazil; o segundo é o erudito Soares Bahiense, A. do *Progymnasma Litterario*.

Contentemo-nos com fazer menção da pernambucana D. Joanna Rita de Sousa, e de Luiz Canelo de Noronha, do qual diz Brito de Lima:

> «Nas loas do Parnaso as brancas aves
> Avantajou no harmonico e sonoro
> Luiz Canelo, que em metrica harmonia
> É modulado cysne da Bahia.»
> (*Poem. fest.* pag. 141.)

Este Brito e Lima foi um dos poetas da Bahia, que mais versos conseguiu fazer imprimir: dedicava-os á adulação, e naturalmente o publical-os corria por conta dos adulados. Conseguiu por isso mais fama e glória?

Desgraçado do poeta, que, em vez de seguir a inspiração, a busca em assumptos alheios a elle, pâra lhes prestar servil acatamento!

Cabe aqui consagrar algumas linhas á memória dos paulistas Alexandre de Gusmão, e de seu irmão Bartholomeu Lourenço, o voador, ambos os quaes cultivaram as lettras. Do primeiro não comprehendemos, em nossa collecção, nenhuma das composições ou traducções poeticas, que, sem a necessaria authenticidade, correm em seu nome, por nos parecerem todas ellas inferiores a tão grande homem. Quere-

mos antes ver Alexandre de Gusmão, presenteando sua patria com a colonisação das ilhas de Santa Catharina e Rio Grande, com as providencias sôbre o quinto do oiro, e com a confecção do grande tratado de limites de 1750. É nestas obras, e em quanto esse illustre politico escreveu, pâra as levar a effeito, que se pôde sondar o genio dêste brazileiro. Seu irmão não foi entendido no seu tempo: contra a sua invenção choveram sátyras, e até uma comedia manuscripta vimos nós no Porto, expressamente feita naquelle tempo pâra o ridiculisar. Não admira, quando essa, e ainda peior, tem sido a sorte de tantos outros homens de genio.

Pouco diremos neste logar do desgraçado Antonio José, remettendo o leitor pâra a sua biographia, e pâra os trabalhos que sôbre suas obras terá talvez já ora publicado o nosso amigo, o Sr. Pontes.

Pâra o fazer figurar na nossa collecção, separâmos de suas óperas alguns versos, que publicâmos, talvez sem a ordem e as explicações necessarias, e sem que se refiram ao Brazil. Basta-lhe que, por mais de um seculo, haja o público esquecido o seu nome, não se declarando este nas óperas, e appellidando-as *do judeu;* basta que a Santa Inquisição se vingasse do que elle escreveu, queimando-lhe o corpo! É de saber, que o pai d'Antonio José, o mestre em artes, João Mendes da Silva, natural, como seu filho, do Rio de Janeiro, tambem cultivava a poesia; mâs, por infelicidade, nunca se impri-

miram as obras, que se lhe attribuem. Barboza menciona um officio da cruz em verso; a fabula de Leandro e Ero, em oitavas rimadas; um hymno a Santa Barbara; e finalmente um poema *Christiados*. Notámos que na maior parte dos assumptos se conteem, pelo menos nos titulos a não serem parodias, profissões de fé anti-judaicas. Dedicar-se-ía elle, pois, a taes composições, só pâra que o não perseguissem? É certo que João Mendes morreu advogado da casa da supplicação, quando a mulher e o filho soffriam os tratos dentro da Inquisição. Se as taes obras foram compostas pâra defender-se das perseguições destas, desculpemos-lhes a hypocrisia; mâs cremos que não seriam ellas obras de inspiração, porém poesias de cálculo; e em tal caso a perda de taes manuscriptos não deve muito lamentar-se. É sabido que *Christiados* fôra o titulo de um poema latino do Bispo Balbuena, de cujo manuscripto se apoderaram os hollandezes, quando assaltaram a ilha de Porto Rico.

Ao referirmo-nos ás óperas, ou antes sarsuelas de Antonio José, cumpre dizer que não nos consta, que fossem jámais representadas em theatros do Brazil. Exigiam ellas (como os *vaudevilles* francezes de hoje) comicos, vozes e musicos, o que não era facil encontrar em tempo, em que ainda na Bahia não havia theatro regular, nem comicos de profissão. Só por occasião de festas se davam extraordinariamente representações, mâs de comedias, entremezes, e um pouco de dança; e esses algumas

vezes em hespanhol. Temos informação da representações, feitas em duas dessas festas; e se bem sejam de epocha um pouco anterior á das óperas de Antonio José, julgâmos a notícia curiosa pâra não deixarmos de aqui a dar. Em Janeiro de 1717 sabemos que se representaram na Bahia *El Conde de Lucanor*, e os *Affectos de Odio y Amor* de Calderon; em 1729, com a notícia dos casamentos dos principes, representaram do mesmo Calderon — *Fineza contra fineza; La fiero, el raio y la piedra;* e *El monstro de los jardines;* e além disso *La fuersa del natural*, e *El desden con el desden*, de Moreto. Não negâmos bôa escolha nas producções acima; mâs haveria ali, mesmo na capital do Estado, actores capazes de desempenhal-as? Eis quando, pâra nol-o contar, é pâra sentir que já não vivesse Gregorio de Mattos.

Estamos chegados ao momento de dever dar conta da primeira sociedade litteraria regular, que teve o Brazil, a *Academia dos Esquecidos*, creada na Bahia em 1724, sob a protecção do vice-rei, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, ao depois conde de Sabugosa. O nome de *esquecidos* tomaram talvez os socios da circumstancia de não haverem sido lembrados os seus na *Academia de História*, que se creára em Lisboa em 1720. Daquella Academia chegou a fazer memória o *Mercurio historico de França* dêsse mesmo anno; mâs os trabalhos dellas eram de pouca importancia, a regularmo-nos por alguns manuscriptos que foram parar á biblio-

theca dos frades d'Alcobaça, e tivemos accasião de consultar; a saber: dissertações dos desembargadores Luiz de Sequeira da Gama, e Caetano de Brito e Figueiredo; outra do Dr. Ignacio de Barboza Machado; e uma sôbre a história ecclesiastica do acima mencionado Gonçalo Soares da Franca. Já que falámos da Academia de História, cumpre dizer que della foi socio o bahiano Sebastião da Rocha Pitta, que em 1730 publicou uma *História do Brazil*, que se recommenda pela riqueza das descripções, e elevação do estylo, que ás vezes são taes, que mais parecem de um poema em prosa. Antes tinha dado á luz varios escriptos, e composto poesias, pelas quaes pouco se recommenda o auctor bahiano. O P.e João de Mello, jesuita pernambucano, tambem publicou em 1742 um livrito de poesias, que apenas tivemos occasião de ver. O mesmo nos succede com as do fluminense Manoel José Cherem, publicadas em Coimbra, e com o culto metrico á Senhora da Conceição, do Secretario d'Estado do Brazil, José Pires de Carvalho. Todas tres possuia um amigo nosso, portuense, mâs não nos foi possivel obter delle que nol-as remettesse pâra nos servirem nesta notícia. Mais felizes fomos com impressos de Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa, da Academia da História, e das dos Applicados; mâs éstas exclusivamente panegyricas de um Bispo do Porto, e de um dos Duques de Cadaval nada teriam com o *Florilegio*. É, porém, pâra sentir que em Olinda já em tempo de Jaboatão não se achassem os manuscriptos do poema ao

Espirito Santo, e a tragi-comedia de *Santa Felicidade e seus filhos*, por cujas obras poderiamos ajuizar do genio do poeta. Este escriptor bahiano era tido por bom prégador. Do Geneathliaco, composto a uma senhora, pelo pernambucano Manoel Rodrigues Corrêa de Lacerda, dos escriptos do conego João Borges de Barros, nada podêmos aventurar. O livro dêste último — *Relação Panegyrica* dos funeraes (que consagrou á Bahia) á memória de D. João 5.° contém muitas poesias de brazileiros, as quaes excluimos do nossa colleção, não por falta de merecimento, mâs por julgal-as só proprias de uma *Miscellanea.* *

Na cidade do Rio de Janeiro, onde em 1735 se tinha começado a organisar uma sociedade litteraria, que não vingorou, volveu-se em 1752 a tratar de outra, que chegou definitivamente a organisar-se, com o nome de *Academia dos Selectos*. O mesmo succedeu mais tarde no vice-reinado do marquez de Lavradio, á *Sociedade litteraria*, que sob seus auspicios se creou. Cinco annos antes da fundação da Academia dos Selectos, em 1747, fôra ahi estabelecida por Antonio da Fonseca uma typographia, em que se imprimiu uma pequena relação composta por Luiz Antonio Rosado, e tambem, segundo se crê, o livro —*Exame de Artilheiros* do lente

* Naquelle livro se encontram poesias do mesmo Barros, do P.e José de Oliveira Serpa, e de Silvestre de Oliveira Serpa, de Fr. Henrique de Sousa, de José Pires de Carvalho, de Jeronymo Sodré Pereira, do coronel Sebastião Borges de Barros, de Santa Maria Itaparica, e de muitos outros.

da Escóla militar, José Fernandes Pinto Alpoim. Esta typographia emudeceu logo, ou porque a fizeram calculadas medidas de uma politica desconfiada, ou porque não poderia per si mesma sustentar-se, o que não é pâra crer, quando tantas outras havia já em várias cidades, muito inferiores da America Hespanhola. *

O Rio pelo seu commercio, pelo talento de seus filhos, patenteado em Coimbra, e sôbre tudo por se achar mais central pâra acudir de Pernambuco á Colonia do Sacramento, já tinha sôbre a Bahia uma grande preponderancia, quando em 1763 o marquez de Pombal pâra ali transferia a séde do *vice-reinado*.

Mâs foi mais que tudo a provincia de Minas, que (por ser patria d'uns litteratos, e residencia de outros) imprimiu um novo e grande impulso na regeneração da litteratura brazileira. Se ésta nascêra da actividade de uma guerra de armas, agora, um seculo depois, outra guerra com os elementos, com as brenhas e entranhas da terra pâra extrahir-lhe o oiro nellas escondido, produziu a regeneração litteraria que já traz em si mesma o cunho de ser nascida daquelles sertões do coração do Brazil.

Eram filhos dessa provincia, mâs della ausentes, José Basilio e Durão; eram nella nas-

* Ao Mexico levára a primeira typographia, em tempo do governador D. Antonio de Mendonça (no fim do primeiro terço do seculo XVI) um lombardo de Brixia, chamado João Paulos. Em Lima se imprimiam já pastoraes e catheci?mos, durante o mesmo seculo XVI, etc.

cidos e achavam-se ahi residentes Claudio, e Alvarenga Peixoto; Gonzaga desempenhava o logar de ouvidor em Villa Rica; Silva Alvarenga vivia no Rio de Janeiro; o irmão dêste, e Antonio Caetano d'Almeida, irmão de José Basilio tambem: todos formavam uma especie de Arcadia, que se chamou Ultramarina.

Se bem dêstes poetas Claudio é o mais antigo, trataremos antes dos ausentes, não só por darmos notícia de suas epopeas d'assumpto brazileiro, como por deixarmos os outros pâra os attender, conjuntamente, nos fataes acontecimentos posteriõres.

E primeiro tratemos de José Basilio, e do seu *Uraguay*. Ésta epopea é das modernas de mais merecimento, se bem que o A. com a pressa não lhe désse todo o desenvolvimento. José Basilio tinha-se familiarisado muito com a litteratura classica e italiana, e deixou disso frequentes reminiscencias, espalhadas pelo poema. O A. do *Uraguay*, principalmente se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre adoptar os sons ás imagens. Ás vezes faz correr os versos fluidos e naturaes; outras, como nas falas de Cacambo, demora no verso de proposito, porque deseja representar distancia, socêgo, ou brandura. Se a imagem é audaz e viva, como quando fala Cepé, faz precipitar os versos: até dirieis, que em casos duros e de batalhas, etc., sabe fazel-os roçar asperamente uns com outros.

Durão deixou-nos o *Caramurú*. Este poema

mais acabado que o anterior, é de facil e natural metrificação, e dicção clara e elegante: nelle o pòeta só pelo seu genio conseguiu fazer heroe um individuo, que estava longe de o podêr ser. Entretanto cumpre dizer, que se da Iliada se colhem estimulos de valor; se a Eneida commove á piedade; se o Orlando inspira sentimentos de cavalleirosa abnegação: se os Luziadas exaltam o patriotismo, e a Jerusalem é um modêlo de prudencia e conselho, o poema Caramurú offerece um typo de resignação christã, e de virtudes conjugaes. O Caramurú ganhará, de dia para dia, mais partido, e chegará talvez a ser um dia popular no Brazil.

Claudio deve considerar-se o primeiro poeta mineiro, por direitos de antiguidade; pois já em 1751 em Coimbra começou a imprimir algumas poesias: depois de ir a Minas, serviu de secretario do Govêrno, correu os sertões com o governador Lobo, e foi protegido do conde de Valladares.

Deixou-nos Claudio mais de cem sonetos, vinte eglogas, muitas epistolas, alguns epicedios e romances lyricos, e um heroico, além de cantatas e cançonetas em italiano: pulsou a lyra, orçando pelo sublime na sua saudação á Arcadia Ultramarina; mâs no poema *Villa Rica*, não acertou bem com a embocadura da trombeta epica. Nos sonetos faz muita vez recordar a Petrarcha; as suas eglogas parecem em tudo modeladas sôbre as de Garcilasso. Era Claudio, como este, exacto na expressão, e como elle amante da litteratura italiana. Mais

delicados e ternos que sublimes, um e outro eram como nascidos pâra a egloga e elegia. As obras de Claudio devem estudar-se como modelos de linguagem : é, porém, de temer, que o genero bucolico em que mais abunda, venha a convidar poucos á sua leitura.

Alvarenga Peixoto era dotado de grande genio poetico, e o pouco que delle nos resta é bastante pâra lamentarmos que nos não deixasse muito mais, ou por ventura que não appareça o mais que comporia. O seu canto geneathliaco em 19 estancias, e a magnifica composição com que convida D. Maria I a passar-se á America, são por si sós bastantes pâra lhe tecer eterna corôa de poeta.

Gonzaga *, cuja Marilia de Dirceu já vai sendo traduzida em todas as linguas, acabando de sêl-o em castelhano, a rogo nosso, pelo amigo o Sr. D. Enrique Vedia, distingue-se pela ternura dos affectos, e pela naturalidade da versificação. Ninguem como elle a nosso ver tirou tanto partido, pâra expressar seus sentimentos, de tudo quanto o rodeava, inclusivamente na prisão, com a imagem da morte perante os olhos.

Se Gonzaga (Dirceu) nos deixou um cancioneiro por nome *Marilia*, temos outro de Silva Alvarengo (Alcindo) intitulado *Glaura.*

* Ao imprimirmos éstas linhas, temos por averiguado um facto, que a conhecel-o antes houvera privado o Florilegio das obras déste poeta : Gonzaga nascêra no Porto, foi baptisado na freguezia de S. João ; antes de ir a Villa Rica, havia servido em Portugal em tres varas differentes.

Á maneira do de Petrarcha, um e outro constam de duas partes: no primeiro canta o poeta os seus amores, na segunda chora a perda delles; Dirceu pela sua prisão, e destêrro; Alcindo, como Petrarcha, pela morte do objecto amado.

Silva Alvarenga, a quem devemos os melhores ensaios feitos de intento n'um genero erotico novo, tinha grande amor á poesia, e elevadas ambições de poeta. É correcto na linguagem, poetico nas imagens, natural, sensivel, e melodioso nas redondilhas, mâs nem sempre altiloquo no heroico. Seus ensaios eroticos de côr americana perdem por monotonos, e convertem ás vezes o poeta n'um namorado chorão e *baboso*. Seu irmão João Ignacio, passava por ser o A. * da famosa ode a Albuquerque, que ultimamente se deu de presente (não sabemos com que fundamento) a Vidal Barbosa.

Do irmão de José Basilio da Gama, nada podêmos dizer, por não conhecermos composição alguma sua.

O governador Luiz da Cunha de Menezes não soubera ganhar as sympathias da capitanía, cujo govêrno lhe fôra confiado em 1783. O seu genio vaidoso, os seus erros administrativos, e o prestar-se elle em pequenas cousas ao ridiculo, deram assumpto pâra a violenta sátyra que em nove epistolas, intituladas *Cartas Chilenas*, contra elle escreveu um dos poetas de Villa Rica. A facilidade da metrificação, a naturalidade do estylo, e a propriedade da lin-

* Veja as *poesias ineditas*, impressão em 1811, tom. 3.º pag. 11.

guagem fariam attribuir ésta obra a Claudio, a não desmentirem da sua penna, algumas expressões chulas e pouco decorosas. Tão pouco nos atrevemos a attribuil-as a Alvarenga Peixoto, de quem nenhuns versos possuimos dêste genero: é, porém, sem dùvida que os taes versos eram de pessoa exercitada em os fazer, e não havia então em Minas poetas neste caso mais que os dois, e Gonzaga, que fica excluido, por se falar delle nas mesmas cartas. As epistolas suppõem-se dirigidas por Critillo a um Dorotheu (Theodoro?) que estava na Côrte. Correm precedidas de uns versos de outro auctor, que em certo logar nos previne a favor da nomeada de Critillo, como escriptor conhecido. Não fallam nas cartas verdades que deviam de ser duras aos ouvidos não só do governador presente, como até de todos os mandões maus que lhe succedessem. A sátyra foi escripta provavelmente em 1786, isto é, depois das festas por occasião dos casamentos dos infantes de Portugal e Hespanha.

As cartas *Chilenas*, que melhor podêmos chamar *mineiras*, são o corpo de delicto de Cunha de Menezes, cujo desgovêrno foi a origem da primeira fermentação em Minas, pâra a conspiração em que appareceram complicados como chefes e cabeças os poetas de que ultimamente fizemos menção, Claudio, A. Peixoto, e em apparencia Gonzaga. Talvez nenhuma outra história litteraria offereça a novidade de se ver assim inseparavel d'uma conspiração politica, em que, segundo parece, tiveram os poetas a principal parte.

Em 1788 succedeu a Menezes no govêrno o Visconde de Barbacena, e á sua chegada correu a voz de que ia forçar a capitanía ao pagamento de 700 arrobas de oiro, que ella devia pela lei da capitação. Entretanto as idéas de conspiração e revolução, originadas no govêrno anterior, haviam amadurecido, e a notícia de que se ia violentar o povo a satisfazer aquelle tributo, fez-se espalhar como conveniente pâra fazer rebentar a revolução, que os conspiradores imaginavam, teria tão feliz exito como a que se acabava de levar a effeito nos Estados-Unidos, graças á grande protecção que estes encontraram da parte da França e Hespanha contra a Grã-Bretanha.

Alvarenga Peixoto estava enthusiasmado pelo futuro da nova nação; improvisou-lhe a bandeira, e propoz as providencias que deviam adoptar pâra crear partido, e pâra resistir á guerra que infallivelmente, dizia elle com rasão, devia ter logar. Mâs, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em delatores. Antes de rebentar a revolução foram todos os suspeitos réos presos, e depois julgados. * Claudio matou-se no carcere, enforcando-se com uma liga. — Alvarenga Peixoto,

* Foi ésta a quinta sedição formal, que desde o principio dêste seculo teve logar em Minas, sendo a primeira em 1708, dirigida por Nunes Vianna; a segunda sete annos depois, por Domingos Rodrigues do Prado, em Pitangui; a terceira em 1720, primeiro sôbre a casa da fundição. e depois proclamando alterações na fórma da administração, etc.; a quarta em 1756 foi prevenida em tentativa. Vej. Rev. do Inst. Vol. 1.° da segunda Serie pag. 54 e seg.

foi sentenciado á morte, e Gonzaga, talvez innocente á conspiração, a degredo por toda a vida pâra as Pedras Negras em Angola. Éstas sentenças foram commutadas, por uma Carta Régia de perdão, a daquelle em degredo perpetuo ao princípio pâra Dande, e depois pâra Ambaca; e a dêste em dez annos de degredo pâra Moçambique. O poeta portuguez Diniz foi um dos juizes signatarios destas sentenças de seus collegas.

Já neste seculo, principalmente desde o Marquez de Pombal, vemos filhos do Brazil occupando os primeiros cargos do Estado, e outros distinguindo-se com escriptos que ganharam nomeada. João Pereira Ramos, um dos reformadores da Universidade, é guarda-mór do Archivo da Torre do Tombo. Seu irmão, o Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, é Reitor e reformador da Universidade; D. José Joaquim Justiniano Mascaranhas foi feito Bispo do Rio de Janeiro, sua terra natal; o baculo de Pernambuco confiou-se a D. Francisco da Assumpção e Brito, natural de Mariana; e depois a D. Fr. Diogo de Jesus Jardim, do Sabará, e mais tarde a D. José Joaquim d'Azevedo Coutinho, de Campos. D. Thomaz da Encarnação, natural da Bahia, é A. de uma conhecida História Ecclesiastica, publicada em Coimbra em quatro tomos. O franciscano Jaboatão, nascido na Villa dêste nome, publicou uma história da sua ordem seraphica no Brazil; Pedro Taques d'Almeida Paes, e Fr. Gaspar da Madre de Deus, escreveram memórias

historicas sôbre a sua Provincia de S. Paulo; José Monteiro de Noronha, do Pará, em cuja Sé foi vigario capitular, era um ecclesiastico de bastante saber. Na Advocacia distinguiram-se os Doutores Ignacio Francisco Silveira da Motta, Saturnino, e como magistrado fez-se muito notavel o Desembargador Velloso. Além dos advogados mencionados, outro havia de quem nos restam algumas composições poeticas, além de outras que possuem seus netos: só tres publicâmos do poeta fluminense Mendes Bordallo. Igual nome não daremos, mâs sim o de simples versejador a outro fluminense, cuja condição humilde foi pâra nós grande recommendação pâra o comtemplarmos. Referimo-nos ao çapateiro Silva. Os seus versos devem guardar-se, e podem alguns ler-se.

Tambem nas sciencias alguns brazileiros ganharam celebridade nesta épocha; Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brazileiro em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; José Bonifacio d'Andrada, de cujas poesias adiantando trataremos, agora viajando como mineralogico pela Europa; do mesmo modo que o seu patricio (natural do Sêrro do Frio) o naturalista Manoel d'Arruda da Camara, * e o fluminense Antonio de Nola, ao depois lente em Coimbra; Coelho de Seabra escrevendo tratados de chimica, além de muitas dissertações scientificas **; Conceição Velloso, traba-

* Vej. a sua biogr. no Tom. 4.º da *Revista* do Instituto Historico do Rio de Janeiro.

** Além das que apontámos em sua biographia, publicada

lhando em uma grande *Flora Fluminenses*, e deixando impressos muitos tratados compostos, ou traduzidos; o Dr. José Vieira de Couto, naturalista em Minas; Manoel Jacinto Nogueira da Gama (ao depois Marquez de Baependy) distinguindo-se em Coimbra nas mathematicas, do mesmo modo que Francisco Villela Barboza (Marquez de Paranaguá), e vindo ambos reger cadeiras dessas sciencias. * Pires da Silva Pontes encarregado dos tratados de limites e de levantamentos de cartas no Brazil; e José Fet. Fernandes Pinheiro (V. de S. Leopoldo) já magistrado, e occupandose de traducções de obras que podiam ter applicação á industria do Brazil; Silva Feijó naturalista empregado em explorações nas Ilhas de Cabo-Verde; José Pinto d'Azevedo, medico distincto da escola de Edimburgo, e outros de menos nomeada.

Nos fins dêste seculo um filho da Bahia, que nesta cidade professou o ensino da grammatica, José Francisco Cardozo compoz em latim um canto heroico sôbre a expedição dirigida contra Tripoli e commandada pelo chefe de divisão Donald Campbell, pâra que o bey entregasse uns francezes ahi refugiados. O A. não era d'imaginação mui rica, seus versos estão longe da perfeição, e o mesmo estylo é em geral pouco poe-

pelo Instituto do Rio, temos que mencionar a memoria sôbre a cultura do arroz, que se imprimiu em 1800; outra dêste mesmo anno sôbre os prejuizos das sepulturas nos templos.

* Poemas de Francisco Villela Barboza, natural do Rio de Janeiro, e estudante de mathematica na Universidade de Coimbra. Coimbra, 1794 — 127 pag. 8.º

tico; mâs este poema teve a honra de ser vertido em verso portuguez por Bocage, o poeta mais harmonico que tem dado Portugal; assim a obra de Cardozo ganha muito em ser antes lido na traducção portugueza. Rematemos o que falta dizer dos poetas dêste seculo XVIII, com um que se póde dizer concluiu com elle seus dias: alludimos ao pardo Caldas Barboza. E com referencia á sua biographia no Florilegio, diremos que este cantor de viola, como se lhe tem querido chamar, merece mais consideração do que se lhe tem dado até agora. Além de que se ensaiou em todo o genero de poesia, deixou-nos a par de muitas composições insignificantes, outras que lhe devem conferir o nome de poeta. Possuimos delle elegantes quintilhas, harmonicas estrophes, e alguns sonetos, nos quaes só o muito desejo de criticar poderá encontrar senões.

Não é por certo seu merito a comparar com o *seu chará* tambem ecclesiastico — o sublime Sousa Caldas. Conta-se que aquelle reconhecia tanto essa superioridade, que uma vez, encontrando ao último em sociedade, improvisou a tal respeito a seguinte quadra: *

« Tu és Caldas, eu sou Caldas;
Tu és rico, e eu sou pobre;
Tu és Caldeira de prata;
Eu sou Caldeira de cobre. »

* Esta quadra apesar da liberdade da idéa da *Caldeira*, não é destituida de merito pára um improviso. O cobre e a prata alludiam não so aos sons dos dous metaes, como á côr dos dois poetas.

Sousa Caldas é talvez o poeta brazileiro que mais orçou pelo sublime; e tambem com seus versos lyricos menores sabía ser festivo. Como poeta sagrado revalisa com elle, não pelo sublime e correcto, mâs pela viveza das imagens, colorido, e facilidade de expressão, o auctor da epopea sagrada a *Assumpção* da *Virgem*.

Fr. Francisco de S. Carlos, teve a coragem de se abalançar neste seculo a tratar um tal assumpto, e só pela fecundidade de seu engenho podéra sair bem da empreza. Com muita arte envolve a America e suas grandezas neste assumpto divino, passado em tempos em que aquella não era, é verdade, conhecida dos christãos; mâs já era do Eterno, e o podia ser do Archanjo seu nuncio. Igualmente a idéa de pôr no Paraizo terreal os fructos da America, isto é, o verdadeiro jardim da terra, é bellissima e original.

Na *Assumpção* ha mais poesia que no *Uruguay* e no *Caramurú*; mâs as rimas pareadas serão fataes á popularidade do poema e glória do poeta, sempre que algum leitor animado pelo assumpto piedoso, ou prevenido em favor do genio poetico do A., se dedique boamente á sua leitura, sem fazer reparo a um que a outro logar de menos castigado estylo. Infelizmente ao poeta faltou-lhe em vida não só outro poeta amigo a quem podesse dar a censurar suas composições. E devemos crer, pelo que elle proprio nos diz, que dos outros em vez do estimulo só recebia signaes de indifferença; e

até ao fim do poema se achára sósinho, sem mais valimento que o da sua musa: queixando-se a ésta, nos diz:

> « Aquelles mesmos, que nos meus suores
> Deveriam ter parte são peiores.
> Surdos se teem mostrado, e indifferentes
> A tão nobres vigilias... Vê, que gentes,
> Que estima pelas musas, que alto brio
> Produz do teu Janeiro o illustre Rio. »
> *(C. 8.º pag. 211.)*

Quanta repulação e quanta glória não podéra ter adquirido um dos poderosos de então, se houvesse querido, e sabido proteger um pobre frade, que com taes versos implora a benevolencia da posteridade! — Sem aguardar pâra mais longe, já os que nascemos depois, quasi condemnâmos todos os que então figuravam no Rio, e com quanto prazer, com quanta glória pâra elle, não citaramos aqui o Mecenas, se alguem tivesse querido então sêl-o!

De Manoel Joaquim Ribeiro, professor regio de Philosophia em Minas Geraes, possuimos alguns sonetos, e várias lyras, e lástima é, que tantas destas composições não passem de puros encomios á pessoa do Capitão General. Vê-se que Ribeiro quiz tomar por modêlo a Dirceu, e fôrça é dizel-o que ás vezes tanto o imitou, na graça e naturalidade, que chega a illudir-nos.

Ao fazermos menção de Minas nesta epocha, é impossivel deixar no olvido a exacta e ingenua descripção dessa Provincia, feita em quadras pelo Alferes miliciano Lisboa. As suas outras composições patrioticas, e contra a invasão fran-

ceza em Portugal, nem sequer tiveram voga na epocha de enthusiasmo em que se deram á luz.

Mineiro era tambem o P.ᵉ Silverio, chamado da Paraopeba. Suas composições são recommendaveis pela muita originalidade, e quando se collijam fornecerão uma pintura de muitos usos de nossos sertanejos.

Mais pâra o interior, em Goyaz, pulsava a lyra de Pindaro o sublime Cordovil, de quem devemos sentir que não sejam conhecidas maior número de producções. Tendencia ao sublime se descobre tambem nas composições que temos do bahiano Luiz Paulino. Mais que estes se distinguiu posteriormente no lyrico elevado o pernambucano Saldanha, cantando os principaes heroes que dirigiram a restauração da sua provincia contra o jugo hollandez. — Infelizmente Saldanha parece não ter tido mais modêlo, que as odes pindaricas de Diniz, que já demasiado se parecem umas ás outras.

Restava occuparmo-nos mais extensamente dos ultimos quatro auctores poetas, com que termina o nosso Florilegio. D'alguns outros modernos, falecidos, não possuimos composições bastantes; e dos vivos não ousâmos nós julgar, e muito menos a par dos mortos. Assim Deus faça subsistir por muito tempo os motivos porque deixâmos aqui sem exame as poesias dos Pedra Branca e Alves Branco, dos Odorico Mendes, e de tantos poetas talentosos de nossos dias. Reservando-nos, pois, o projecto de publicar um supplemento a ésta colleção, quando tenhamos juntado os materiaes pâra elle, egual-

mente promettemos pára o futuro um *album*, contendo duas ou tres das composições ou trechos de poesias, que cada um dos poetas, que a nós se dirijam, e que são convidados neste logar, creia preferiveis ás outras suas.

Os quatro auctores referidos, que terminam o nosso Florilegio, são José Bonifacio, Paranaguá, Januario, e Alvaro Macedo: os laços de amisade e veneração, que a elles nos prendiam, e nos ligam ás suas familias, quasi nos apertam o pulso, e fazem que a mão trema ao escrever delles um juizo crítico — prematuro talvez. Digamos antes de tudo, que nenhum dêsses brazileiros talentosos cultivou a poesia senão por distracção de mais serios estudos. José Bonifacio era naturalista; Paranaguá mathematico; Januario prégador; e Alvaro profundo nos estudos da vária philosophia; e todos elles dedicaram grande parte da sua actividade e tempo aos afans da politica, já como deputados e ministros, já como escriptores e jornalistas. De cada um dêstes dois ultimos não póde contar a litteratura mais que um pequeno poema, com escasso desenvolvimento; de Paranaguá faltam ao público a maior parte das composições, com a correcção com que as ía limando no decurso de sua vida, sôbre tudo as primeiras que publicou em Coimbra no seculo passado. Não sabemos como haverá modificado a sua *Primavera*, tão notavel pelo estylo e metrificação, mâs onde faltava muita côr americana. Sentimos que o poeta fluminense preferisse entre as quadras do anno a que

na Europa é mais risonha, e fizesse menção de se ter acabado o frio do vento norte, quando o frio no Brazil não vem desse lado; e que se lembre da flor da amendoeira, pois se ha ésta árvore em algum jardim de aclimatação, não é pâra nós um indicio da primavera, etc. — As composições amorosas, quando não abundam em nomes mythologicos, e sôbre tudo as heroicas ao Fundador do Imperio, e que ouvimos recitadas da propria bocca do poeta, cremos que irão á posteridade com unanime louvor, e darão a Paranaguá mais glória, do que a *Primavera*, a que, por falta de outros modelos do A., démos a preferencia.

José Bonifacio não se póde classificar como poeta: não pertence a nenhuma escola, se bem que se educou na classica; não se affeiçoou a nenhum genero, mâs em todos se ensaiou; não poetava por amor da arte, mâs por fugir do tedio em horas que não queria pensar em sciencias, nem em politica. Isto em nada se oppõe a que não sejam de superior merito algumas poesias que nos deixou. Parece que juntamente com o brazileiro Mello Franco muito concorreu pâra a confecção do poema satyrico da Universidade de Coimbra — *O Reino da Estupidez.*

Se o conego Januario merece nos differentes ramos da litteratura brazileira uma reputação muito maior, do que a que lhe dão suas obras, na poesia, sôbre tudo, os seus serviços foram maiores, do que os que indica o seu *Nicteroy.* —Januario foi o primeiro collector de poesias

brazileiras, que promoveu o gôsto pelas lettras americanas, e dellas foi na imprensa, na tribuna, e até no pulpito estrenuo e acerrimo campeão. Seu estro descobriu elle, principalmente, em producções anonymas, que por ora ao menos não podem pertencer á litteratura, pelas muitas personalidades que encerram, nascidas de paixões politicas, ás quaes não foi estranho na idade madura este activo ecclesiastico.

Alvaro de Macedo era um moço de saber, e conhecedor profundo da lingua e litteratura ingleza, e desta grande admirador. A *Festa de Baldo*, apesar de seus defeitos, que consistem em faltas de desenvolvimento de certos pensamentos, e no prosaismo de alguns versos, é o nosso primeiro poema heroi-comico.

A muita convivencia que, na qualidade de collega, com Macedo tivemos, e a amisade que a elle nos ligava, nos permittiram quasi que assistir á composição dos ultimos dois cantos do seu poema, ao qual, a pedido nosso, o auctor decidiu dar uma côr *mais americana* na parte descriptiva; e lastimâmos que não désse ainda mais desenvolvimento a este nosso pensamento, quando quasi simplesmente nomeia as fructas, etc.

A obra de Macedo ganhará, talvez, de dia pâra dia, mais popularidade, e d'aqui a menos de um seculo figurará no paiz, e na litteratura mais do que hoje. Nella nos legou o auctor uma verdadeira imagem da sua maneira sincera de pensar em religião, em politica, em pro-

ceder social e domestico, em tudo finalmente. Nella nos apresentou um espelho do seu caracter, que conciliava á profissão de principios severissimos, com um trato tão alegre e galhofeiro, quanto lh'o consentiam as queixas que tinha contra a sorte, que pouco o favorecêra na carreira que abraçára. Essas queixas, reunidas á sua compleição debil, lhe quebrantaram a existencia aos quarenta e dois annos de idade. Faleceu em Bruxellas, onde servia como representante do Brazil.

F. A. de Varnhagen.

INDICE

DÊSTE PRIMEIRO TÔMO.

FLORILEGIO

DA

POESIA BRAZILEIRA.

EUSEBIO DE MATTOS.

Um dos filhos da America mais distinctos em lettras no seculo 17.º, — e o primeiro, que temos a contar como poeta, é sem dúvida Eusebio de Mattos. — E nem por isso é seu nome conhecido, apesar de o recommendar Barboza como « insigne prégador assim em a subtileza dos discursos como na vehemencia dos affectos; *poeta vulgar e latino, cujos versos eram tão discretos como elegantes;* musico por arte e natureza, compondo as lettras que acommodava aos preceitos da solfa: arithmetico grande, sendo sempre eleito para arbitro das maiores contas; pintor engenhoso do qual se conservam com estimação particular muitos debuxos: discreto, jovial na conversação; e ultimamente tão consummado em todas as partes que constituem um homem perfeito, que affirmava delle o P. Antonio Vieira, que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e não fôra mais por não querer. » — Estas expressões estão em Barboza; mas não é a Bibliotheca senão livro para consultar, e ninguem póde advinhar o que lá está.

Eusebio de Mattos viu a luz na Bahia em 1629, e ahi morreu em 1692, sem jamais ter visitado outra terra. No calor dos tropicos nasceu, vingou seus fructos e pereceu. — Foi o segundo * filho de Gregorio de Mattos, e de sua mulher D. Maria da Guerra, senhora de engenho na Patatiba.

A esperteza que logo mostrou nos primeiros estudos fez que os Jesuitas o procurassem attrahir a si, e com effeito entrou na Companhia a 14 de Março de 1644. — Era o Reitor natural de *Cabo Frio*, e ao que parece um tanto aspero para os minoristas. Foi o irmão Eugenio atacado de um pleuriz, pelo qual teve de ser sangrado. E vindo o Reitor com outros Padres visital-o, advertiram que o saugue estava denegrido e como queimado; ao que replicou o nosso irmão enfermo := » Pois não é queimado de calor, senão do villão do *Frio*, que logo no principio ia dando *Cabo* de mim. — Foi por todos applaudido o conceito, e se augmentaram os creditos do irmão Eusebio. — Seguiram-se novos estudos de humanidades e philosophia: de que era mestre o celebre P. Antonio Vieira, e ainda Eusebio nelles por tal fórma se distinguiu, que veio depois a succeder-lhe no magisterio.

Professando de quarto voto na Companhia em 1664, leu philosophia tres annos, e humanida-

* O mais velho Pedro de Mattos de Vasconcellos grande solphista foi expulso da Companhia, não proseguiu os estudos que começára em Coimbra, e destinando-se a lavrador, falleceu em 1686. — O mais novo foi o poeta Gregorio de Mattos, de quem em seguida nos vamos occupar.

des uns dez. — « E não só nestas sciencias foi singular (diz o P. Manoel de Sá) mas excellente latino, e bom poeta. » Foi grande prégador: a ponto que a Bahia, então acostumada só a apreciar os sermões do grande Vieira, e de seu rival no estylo o P. Antonio de Sá, seguia unanime voto que era superior este último aos outros na voz e accionado, Vieira na logica e clareza das provas, mas que a ambos excedia Mattos em polimento de fraze e subtileza. Se bem que não possamos decidirnos em assumpto tão arriscado, é certo que o *Ecce Homo* de Mattos, isto é, as suas Práticas dos Espinhos, da Purpura, das Cordas, da Canna, das Chagas, e do Titulo de Homem, são bellos, e correctos modellos de estylo sublime, e cheio de uncção religiosa. Lástima é que este livro, digno de estudar-se como bom modello, seja hoje tão raro, por se haver apenas impresso uma vez.

Eusebio de Mattos não acabou seus dias na Companhia; pelo contrário de vinte e seis annos que foi religioso, talvez só delles metade vestiu a roupeta de Santo Ignacio. Passou pâra a ordem do Carmo: não diremos em que anno; por que são nelle discordes os autores. É porém certo que, quando o P. Antonio Vieira voltou á Bahia em 1681, já o achou Carmelita com o nome de Fr. Eusebio da Soledade. Sabendo então que era por culpa dos da Companhia que elle os deixára, exclamou: — « Pois tão mal fizeram que tarde se criarão para a Companhia outros mattos. » — E ao explicarem-lhe

que o tinham feito pâra castigar certo escandalo de um filho natural, replicou : — « Creio bem que seja isso intriga ; mas que o não fôra, o P. Eusebio tem tal merito, que convinha mais á Companhia sustental-o com filhos e tudo, que privar-se de tão importante soldado. »

Era Eusebio como os outros seus irmãos grande musico, e tocava bem arpa e viola. Consta que tambem desenhava primorosamente, e que fazia estampas tão perfeitas que pareciam gravadas.

Das suas obras ficaram-nos, além das *Práticas*, impressas em 1677, uma Oração funebre feita em 14 de Julho de 1672 ao Bispo D. Estevão dos Santos ; e além de um *Sermão da Soledade*, impresso em sua vida, mais um tomo delles posthumo, que contém quinze, e devia ser o primeiro da collecção que premeditava fazer dos fragmentos encontrados na sua cella, o seu collega Fr João de Santa Maria, que lhe chama : « Engenho singularmente fecundo, e em todo genero de lettras divinas e humanas a todas as luzes grande... cujos applausos em sua vida voaram desde a America até a Europa, sendo a meu ver abono assaz realisado merecer as mais vivas attenções do maior orador dos nossos seculos o P. Antonio Vieira. » Ignorâmos por que motivos não se continuaria a collecção de sermões, se bem que em verdade os achemos um tanto pezados ; e nos fragmentos que nesse tomo saíram impressos, não encontremos o acabamento e belleza de estyllo que se nota nas Práticas.

Na ordem do Carmo passou modestamente o resto dos seus dias, até que na propria casa carmelitana da Bahia falleceu, com grande veneração e demonstrações catholicas em 1692, como dissemos, isto é cinco annos antes do seu mestre Vieira, e na mesma idade que depois falleceu o seu irmão Gregorio de Mattos.

Das suas poesias, que nos consta eram copiosas, apenas alcançámos authêntica a pequena mostra que publicâmos. *

* Temos porém motivos para crer que as outras não estão perdidas, mas só comprehendidas nas de seu irmão Gregorio, por se terem encontrado nos papeis do espolio deste; sendo mui provavel, que elle houvesse adquirido as de Eusebio, achando-se na Bahia quando este falleceu, sem outro herdeiro. Dal-as-hemos separadas depois das de Gregorio de Mattos; e se bem que os assumptos. e o estylo pareçam fazer descubrir nellas o autor do *Ecce Homo*, julgâmos mais prudente o deixal-as em pendencia. E a pequena amostra que damos por authêntica, teria a sorte de estar hoje em letigio se não encontrassemos as provas de sua legitimidade. São dez estancias de que o *Postilhão d'Apollo* (T. 1.º) quiz fazer presente a Vieira Ravasco, attribuindo a Eusebio de Mattos as outras dez primitivas que deram logar á paródia, as quaes temos a certeza de haverem sido dirigidas por Gregorio á sua estimada D. Brites, que outras vezes mais o inspirou.

Parodiando com palavras forçadas outras dez estancias de seu irmão Gregorio de Mattos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o último estava apaixonado.

Quem vos mostrar mudada a *bizarria*,
Da cara, que luz dava á bella *Aurora*,
Creio nenhuma affronta vos *faria*,
Se a morte contemplasse em vós, *Senhora;*
Porque, sem luz vereis naquelle *dia*
A cara que brilhar vêdes *agora;*
Que então haveis de ter, só por *estrella*,
Ver em cinza desfeita a cara *bella*.
Horror então será esse *thesouro*,
Que hoje naufrága em ondas de *cabello*,
Trocando, com mortifero *desdouro*,
Só em fealdade quanto tem de *bello:*
E se por áureo, vence agora ao *ouro*,
Então a terra ha de *convencel-o*
Que quem na vida vive *celebrado*,
Perde na morte as prendas de *adorado*.
Esses olhos, que hoje olham tão sem *tento*,
Então não hão de ser o que hoje *são;*
Por quanto, se hoje são da luz *portento*,
Das trevas hão de ser *admiração:*
Se por tão claros, hoje dão *contento*,
Não hão de dar então *consolação;*
Porque verão o fim a seu *desejo*,
Terminar nas cavernas que eu cá *vejo*.

A bocca, que por ser tão *pequenina*,
Conquista a côr do cravo, e a do *rubi;*
Trocará quanto tem de *peregrina*
Pela mais triste bocca que eu já *vi;*
Eu attendi chamar-lhe alguem *divina;*
Mas confesso, Senhora, que o não *cri;*
Porque entendo, que havia a vossa *bocca*,
Pela de uma caveira fazer *troca.*
* Esse aljofar, que agora se *desata*
Pâra brilhar melhor nesse *rozal*,
Não mostrará no nácar viva *prata*
Quando vir consumido o seu *coral:*
Ostentas, que por golpes de *escarlata*,
Mostram o rutilante do *cristal;*
E então, no descórado do *marfim*,
Dentes só se hão de ver, mas não *carmim.*
O peito, que hoje é fragoa do amor *cégo*,
Não será fragoa então, nem será *peito;*
Porque, por dar á Parca seu *socêgo*,
Perderá quanto tinha de *perfeito:*
Se em algum tempo foi de fogo *emprêgo*,
Então verá em si tão rijo *effeito*,
Que julgará improprio a tudo o *mais*,
Que não chegar a ver prodigios *taes.*

* Para mais clareza desta oitava julgámos conveniente transcrever aqui a correspondente, que é, além disso, a melhor das parodiadas.

Ver o aljofar nevado, que desata
A aurora sôbre a galla do rozal;
Ver em rasgos de nácar tecer prata,
E perolas em conchas de coral;
Ver diamantes em golpes de escarlata,
Em pingos de rubim, puro cristal;
E' ver os vossos dentes de marfim
Por entre os bellos labios de carmim.

A causa que algum tempo foi de *amor*,
Aqui motivará tal odio, e *tanto*,
Que não verá o mundo outro *maior*
Na fabulosa luz do seu *encanto;*
Por quanto, o que causava tanto *ardor*,
Da mesma fealdade será *espanto;*
Sem ver em si figura, nem *sinal*,
Dos dous botões, que tinha de *cristal*.

Das mãos hei de dizer, pois me *aventuro*,
Que se sua belleza agora *mata*,
Seu horror matará então *seguro*,
Quanto timido agora *desbarata:*
Que se agora são prata, e cristal *puro*,
Então não hão de ser cristal, nem *prata:*
Pois ossos hão de ser, que vão *formando*
Gadanhos, que vão mortos *sepultando*.

Pôr os olhos na cinta *não me atrevo*,
Porque a vejo de carne *tão succinta*,
Que já me não suspendo, nem me *elevo*
Da belleza que via nessa *cinta:*
De eu a ver, na garganta a morte *levo;*
Porque, por feia a vejo tão *distincta*,
Que não se attende dessa *formosura*
Mais que um osso, que serve de *cintura*.

Do pé ia a falar: *mas tate, tate*,
Que não tem nada o pé de *peregrino:*
Oh loucura de Amor! Oh *desbarate?*
Aqui, minha Senhora, *desatino!*
Quem consumiu o pé; quem lhe deu *máte?*
Mas ai! que a terra o viu tão *pequenino*,
Que por não ver em si sua *pégada*,
O picante do pé, tornou em *nada*.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA. *

Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 20 de Dezembro de 1633. Seu primeiro nome do baptismo, que se effectuou na Sé daquella cidade a 28 do mesmo mez, foi João; mas ao depois o prelado D. Pedro da Silva lh'o trocou pelo de seu pai.

Seguidos na patria os estudos preparatorios transportou-se á Universidade de Coimbra, onde se destinguiu por seus talentos, e veia poetica, com especialidade no genero satyrico. Ahi esteve sete annos, segundo elle proprio diz no adeus a Coimbra, ao acabar de doutorar-se:

Adeus Coimbra inimiga,
Dos mais honrados madrasta,
Que eu me vou para outra terra
Onde vivo mais á larga.

. — .

Adeus prolixas escolas,
Com reitor, meirinho, e guarda,
Lentes, bedeis, secretario
Que tudo sommado é nada.

. — .

Adeus famulo importuno
Ladrão público de estrada.
Adeus: comei desses furtos,
Que a bolsa está já acabada.

* No tom. 3.º pag. 333 da Rev. do *Inst. Hist.* do Rio de Jan. vem uma extensa biographia de Mattos transcripta do tom. 2.º pag. 47 de *Parn. Braz.* a qual diverge em alguns pontos desta nossa.

Adeus ama mal soffrida
Que se a paga vos tardava,
Furtaveis sem consciencia,
Meios de carneiro e vacca.
Adeus amigos livreiros,
Com quem não gastei pataca,
No discurso de sete annos,
De tantas carrancas cara.

• — •

Passando a Lisboa recommendou-se na prática da advocacia pela novidade de seus recursos ; exerceu depois com distincção os cargos de juiz do crime e dos orfãos ; mas caindo da graça da Côrte, talvez pela vehemencia de seu genio satyrico, regressou á Bahia na idade de 47 annos, quando pâra ahi voltava entre outros o célebre Antonio Vieira. Diz Gregorio de Mattos que ia então desterrado

« Por um Juiz de má morte »

de quem não tinha appellado a elrei, que elle reconhecia por bizarro, se bem nos informe

« Não vinha muito pago delle. »

O poeta Thomaz Pinto Brandão, que tambem embarcou desta vez para a Bahia, refere-se ao nosso Mattos nos seguintes versos :

Procurei ir-me chegando,
A um Bacharel mazombo ;
Que estava pâra a Bahia,
Despachado, e disgostoso,
De lhe não darem aquillo,
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de poeta,
Sôbre jurista famoso, *etc.*

Despachado, diz Pinto Brandão, porque na verdade o primeiro Arcebispo da Bahia, D

Gaspar Barata, que então tambem ia, levou comsigo o mesmo Mattos fazendo-lhe mercê dos cargos de vigario geral (só com ordens menores) e de thesoureiro mór com murça de conego.

O procedimento pouco regrado e maledico do nosso poeta, fez atrahir contra elle grande número de seus patricios, e dos collegas de modo que logo que lhe faltou o seu protector, foi pelo novo Arcebispo deposto de todos os cargos. E como não lhe bastasse ver-se assim reduzido á pobreza, levado da paixão pela viuva Maria de Povos, se uniu com ella em consorcio. — Viu-se então obrigado a vender umas terras que tinha; e conta-se de sua extravagancia, que recebendo o dinheiro em um sacco, o despejou n'um canto da casa, donde se ia tirando o necessario para os gastos.

Por fim, malquistado com a mulher, desamparado dos pleiteantes, que temiam seu genio e desproposito, converteu-se, retirado a casas de varios senhores do Reconcavo, n'um vadio Diogenes, que aborrecido do mundo de tudo satyrisava com mordacidade. E se por um lado castigava muitos vicios, abusava do genio, e muitas vezes a virtude tambem empeçonhava.

O Governador D. João de Alencastre, que primeiro o quizera levar por bem, teve a final de mandal-o degradado para Angola, a fim de o subtrahir á vingança de um sobrinho de seu antecessor Camara Coutinho, que vinha no corpo delle desforrar se das satyras, que soffrêra o tio.

Chegou a partir para o desterro, e advogava em Loanda, com bons creditos; mas tendo occasião de prestar algum serviço ao Governador deste reino em um tumulto popular, foi por esse motivo restituido ao Brazil. Aportando em Pernambuco, conseguiu fazer-se ahi mais querido do que na Bahia, até que falleceu reconciliado como bom christão em 1696; e foi sepultado no Hospicio da Senhora da Penha, dessa cidade.

Era Gregorio de Mattos de boa estatura e delgado de corpo; de testa espaçosa, cor clara, olhos grandes, e usava de oculos. Trajava de capa e volta, e punha cabelleira de bandas. — A sua vida, escripta por um contemporaneo collector de suas obras, o bacharel Manoel Pereira Rebello, é um tecido de anecdotas comicas e chistosas, que farão de certo apparecer um dia no tablado com muito bom exito o nosso poeta.

Gregorio de Mattos passou por grande conhecedor de musica, e acompanhava na viola seus improvisos — Pelo que deduzimos de sua propria linguagem, e ás vezes até de descuidadas expressões, foi elle como os seus contemporaneos, grande ledor de livros castelhanos, e bem é de crer que estudasse por Lope, Gongora e outros poetas, cuja leitura era então moda. — Das suas Poesias sacras e profanas possuimos nós uma collecção em 4 volumes, — a mais completa que conhecemos. E em quatro volumes deviam arranjar-se suas obras todas, segundo a vontade do proprio poeta, que na dedicatoria

satyrica, que dellas faz ao Governador citado, Camara Coutinho, diz:

Desta vez acabo a obra,
Porque este é o quarto tomo. — . .

. — .

A vós illustre Tocano,
Mal direito e bem giboso,
Pernas de rollo de páu
Antes que se leve ao torno.

. — .

A vós dedico e consagro
Os meus volumes e tomos. — . .

De nenhum autor brazileiro possuimos pois mais poesias do que deste: e entretanto será talvez delle que maior porção teremos que regeitar; não tantas por insulsas, como quasi todas por menos decorosas. Ainda assim, pâra não privarmos o público d'alguns bellos trechos, e pâra sermos antes favoraveis á memória do poeta (que só desejariamos poder exaltar), fazendo-o apparecer em logares, onde se descobre mais claro o seu estro, fomos obrigados a cortar ás vezes algumas expressões, quando não versos ou até trechos inteiros. * — Até hoje não nos consta que se te-

* Não deixaremos uma linha de reticencia por cada verso omittido por não nos expormos a ver alguma vez uma pagina só de pontinhos. *Economisaremos* mais espaço convencionando em

1.º Quando se omitta um ou mais versos, que deviam completar a rima com outros que ficam, dar disso este signal no verso anterior aos omittidos (— . .)

2.º Quando n'um verso se supprima alguma palavra, deixar-lhe tantos pontinhos quantas as letras omittidas.

3.º Quando se omittam quadras, decimas, etc. inteiras supril-as só pelo signal (. — .)

nham publicado dellas mais do que as duas satyras, dois sonetos e algumas decimas que em 1831 imprimiu o nosso defunto amigo Conego Januario no 5.º dos seus cadernos de publicações poeticas, a que dera o nome de *Parnaso Brazileiro*. Podemos ainda mencionar a satyra disfarçada em lyra publicada a pag. 92 do Tom. 1.º das *Orações Academicas* em 1723, e que começa

« Salve, pater Apollo, »

se é que não foi essa composição uma das muitas espurias, em verdade bem no estylo de Mattos, com que os socios da *Academia dos Anonymos* judiaram com o bonacheirão do seu presidente Fr. Simão, — que figurou muito tempo depois do nosso poeta partir para o Brazil, e ahi fallecer.

Ao governador da Bahia Antonio de Sousa de Menezes, alcunhado o *Braço de Prata.*

Oh! Não te espantes, dona anatomia,
Que se atreva a Bahia,
Com exprimida voz, com plectro esguio,
Cantar ao mundo esse teu bom feitio:
Que é já velho em poetas elegantes
O cair em torpezas semelhantes.
Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
Lucano do mosquito;
Das rans Homero; e estes não desprezo,
Que escreveram materias de mais pêzo
Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.
Quando desembarcaste da fragata
Meu dom *Braço de Prata*,
Cuidei que a esta cidade tonta e fátua,
Mandava a Inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida salvajola,
Visão de palha sôbre um mariolla.
O rosto de azarcão afogueado,
E em partes mal untado;
Tão cheio o corpanzil de godilhões,
Que o julguei por um sacco de melões;
Vi-te o braço pendente da garganta;
E nunca prata vi com liga tanta.

O bigõde fanado posto ao ferro,
Ali está n'um desterro;
E cada pello em solidão tão rara,
Que parece ermitão da propria cara.
Da cabelleira me affirmaram cegos,
Que a mandaste fazer no Arco dos pregos.
Olhos .... sempre á porta,
Me têm esta alma absorta,
Principalmente vendo-lhe as vidraças
Nos grosseiros caixilhos das couraças;
Cangalhas que formaram luminosas,
Com dous arcos de pipa umas ventosas.
De muito cego (não de bem querer),
A ninguem pódes ver;
Tão cego que não vês teu prejuizo,
Sendo coisa que se olha com juizo;
Tu és mais cego que eu que te sossurro,
Que em te olhando não vejo mais que um burro.

•—•

Pernas e pés defendem tua cara;
E quem imaginára,
Tomando-te a medida das cavernas,
Se movesse tal corpo com taes pernas?
Cuidei que eras russim das Alpujarras,
E já frizão te julgo pelas garras.
Um cazaquim trazias sôbre o couro,
Qual odre a quem o touro
Uma e outra cornada deu traidora,
E lhe deitou de todo o ventre de fóra,
Tal vinha o teu vestido de enrugado,
Que o julguei por um odre esfuracado.

Na esquerda mão trazias a bengalla;
E ou por fôrça, ou por galla,
Lá no sovaco ás vezes a mettias,
Só por fazer infindas cortezias;
Tirando ao povo, quando te destapas,
Entonces o chapeo ,agora as capas.
Os que te vêem ser todo rabadilha,
Dirão que te perfilha
Uma quaresma (chato porsovejo)
Por arênque de fumo ou por badejo;
Sem carne e osso quem ha aqui que crêa,
Senão que és descendente de lamprêa.
Livre-te Deos de um sapateiro ou xastre
Que te temo desastre;
E é que por sovéla ou por agulha,
Armem sobre levarte alguma bulha;
Em que depositando-te o contracto,
Será n'um agulheiro, ou n'um sapato.
Fundia-se a cidade em gargalhadas,
Vendo as duas entradas
Que fizeste do mar a Santo Ignacio;
E despois do collegio até o palacio, —..
Acolheste a palacio, e sei que logo
Casa armaste de jogo;
Ordenando as merendas por tal geito,
Que a cada jogador das um confeito:
Dos tafues um confeito é um bocado;
Sendo tu pela cara o enforcado.
Despois déste em fazer tanta parvoiçe,
Que ainda que o povo risse
Ao princípio; cresceu depois a tanto,
Que chegou a chorar com triste pranto
Chora-te um de roubador, de falso;
E vendo-te eu de riso me descalço.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja ;
E a ti nada te aleija :
E por teu sem sabor e pouca graça,
És fabula do lar, rizo da praça.
Ah ! Que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vez levarte a cara !

Prozapia do governador da Bahia, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, depois de chegar D. João de Alencastre, seu snccessor.

Cá veio ao Espirito Santo,
Da Ilha da Madeira, Alves,
Um Escudeiro Gonçalves,
Mais pobretão que outro tanto : — ..
Tomou Victoria, a Gradada,
Que então lhe soube agradar.
Á tal, era uma tapuya
Grossa como uma giboya,
Que roncava de tipoya,
E manducava na cuya : — ..

Pariu a seu tempo um cuco,
Um monstro, digo, inhumano,
Que no bico era tocano,
E no sangue mamaluco :
E não tendo bazaruco
Com que faça o baptizado,
Lhe veio, sem ser rogado,
Um troço de fidalguia,
Pedestre cavallaria,
Toda de bico furado.

O Cura, que não curou
De buscar no kalendario
Nome de santo ordinario,
Por Ambrozio o baptizou:
Tanto o colomim mammou,
E taes fôrças tomou que...
Antes de se pôr em pé,
E antes de estar de vez,
Não falava portuguez,
Mas dizia o seu *cobé*.

Cansado de ver a avôa
Com saias á dependura,
Tratou de buscar ventura,
E embarcou n'uma canôa.
Indo parar a Lisboa,
Presumiu de fidalguia:
Cuidou ser outra Bahia,
Onde basta a presumpção,
Para fazer-lhe um christão
Muchissima cortezia.

Casou com uma rascôa,
Que por elle ardia em chammas,
E era criada das damas
Da Rainha de Lisboa:
Era uma grande pessoa,
Porque tinha um cartapacio
Onde estudava *de espacio*
Todo o primor cortezão;
Que até um sujo esfregão
Cheira a primor de palacio.

Nasceu deste matrimonio
Um anjo; digo, um marmanjo;
Que no simples era um anjo,
E no maligno um demonio:
Deram-lhe por nome Antonio:
Oh! Se o Santo tal cuidára!
Eu creio, que se irritára
O Santo portuguez tanto,
Que deixára de ser santo,
E o nome lhe tomára.

Este pois, por exaltar-se,
Veio reger a Bahia:
Que bom governo faria
Quem não sabe governar-se?
Se elle quizera enforcar-se
Pelos que enforcar queria,
Que bom dia nos daria?
Mas elle, tão mal se salva,
Que quando dava a má alva,
Então tomava o bom dia.

O Ministro ha de ser são,
Justo, e não desabrigado:
Ha de ter odio ao peccado;
E do peccador compaixão.
E se tem má propensão,
Fará justiça com vicio;
E se maior maleficio
Tem, e póde condemnar-me,
Livre-me Deus de julgar-me
O official do meu officio.

Que, porque furte o que coma,
Me enforque, póde passar;
Mas que me mande enforcar
A bengala de um......
Quem soffrerá, que Mafoma
Me queime por máo christão,
Vendo que Mafoma é um cão
Velhaco, de suja alparca,
E o mais fino hereziarca
Que houve entre os filhos de Adão?

Quem na terra soffreria,
Que o fedor de um ataûde,
Com biôco de virtude
Simulasse a ....
E de officio, cada dia
Désse ao povo um enforcado;
E que de puro malvado,
Désse esse dia um banquete,
E alegrasse o seu bufete
Com bom vinho, e bom bocado?

Os bens, que os mais bens encerra,
E as glórias todas contém,
É reinar quem reina bem,
Pois figura a Deus na terra.
Eu cuido, que o mundo erra
Nesta alta reputação;
Pois se erra o rei uma acção,
Paga o seu alto attributo
Um tristissimo tributo,
E miserrima pensão.

O principe soberano,
Bom christão, temente a Deus,
Se o não soccorrem os ceos,
Pensões paga ao ser humano:
Está sujeito ao tyranno,
Que adulando-o ambicioso,
É aspide venenoso,
Que achacando-lhe os sentidos,
Turbado o deixa de ouvidos,
De olhos o deixa lodoso.

Se fôra elrei informado
De quem o tyranno era,
Nunca á Bahia viera
Governar um povo honrado:
Mas foi elrei enganado;
E eu, como povo, o paguei;
Que é já costume, e já lei
Dos reinos, sem intervallo,
Que pague um triste vassallo
As desattenções de um rei.

Pagâmos ver ésta hyena,
Que com a voz nos engana;
Pois fala como......
E como homem condemna:
Uma terra tão amena,
Tão fertil, e tão fecunda,
Que a tornasse tão immunda,
Falta de saude e pão!
Mas fôrça é, que tal mão,
Peste e fome nos confunda.

Pagâmos, que é homem branco,
Racional como um calháo;
Mamaluco em quarto gráo,
E maligno desde o tronco.
Apenas se dá um ronco,
Em briga, apenas se fala,
Quando os sargentos, á escalla
Prendem, com descortezia,
Os honrados na enxovia,
Todo o patifão na sala.

Pagâmos, que tal fomento
Isento de mãos gadunhas,
Não furtasse pelas unhas,
Senão por consentimento:
Porque as quatro vezes cento,
Que se vieram trazer
Ao seu capitão mulher,
Por que o pão suba mais dez,
Não foi furto que elle fez,
Mas deu geito a se fazer.

Pagâmos, ver o prelado
Que se présa de prudente,
Dos serventes de uma gente
Descortezmente ultrajado:
O sobrinho amortalhado
Com tão fidalgos brazões
.... dos calções,
Que fiado em ser valido,
Fez do sangue esclarecido
Tão lastimosos borrões.

Pagâmos, com dor interna
Que entre os passos da Paixão,
Tão devoto da prisão,
Que quer levar a lanterna.
Se entende, que a glória eterna,
Prendendo, ha de merecer;
Fôra melhor entender,
Que o ceo lhe dá mais ganhado, — . . .

Pagâmos vel-o esperar,
E estar com expectativas
De ser conde de Maldivas,
Por serviços de enforcar:
E como mandou tirar
Um rol de quatro maráos,
Que enforcou por vaganáos;
Cuidei (assim Deus me valha)
Que entre os condes da batalha,
Fosse elle o conde de páos.

Porém, Sua Magestade,
Qual Principe Soberano,
Que não se indigna de humano
Sem damno da dignidade:
Conhecida ésta verdade
Que é verdade conhecida,
Fará justiça cumprida,
Pâra que se lhe agradeça,
Que o máo, na propria cabeça
Traz a justiça aprendida.

Porque já de antemão,
A seus favores mostremos
O quanto lhe agradecemos
Este Senhor D. João:
Era justo, era razão,
Conforme o direito e lei,
Que elrei ausente da grey,
Outro em seu logar quer pôr,
Que seja governador,
Tão fidalgo como elrei.

Retrato do dito governador A. L. G. da Camara Coutinho.

Vá de retracto
Por consoantes;
Que eu sou Timantes
De um nariz de tucano côr de pato.
Pelo cabello
Começa a obra;
Que o tempo sobra
Para pintar a giba de camello.
Causa-me engulho
O pello untado;
Que, de molhado,
Parece que sae sempre de mergulho.
Não junto as faltas
Dos olhos baios;
Que versos raios,
Nunca ferem senão coisas mui altas.
Mas a fachada
Da sobrancelha,
Se me assemelha
Uma negra vassoura esparralhada.

Nariz de embono,
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.
Nariz que fala
Longe do rosto;
Pois na Sé posto,
Manda na Praça pôr a guarda em ála.
Membro de olfatos;
Mas tão guardados
Que um rei coroado
O póde ter por copa de cem pratos.
Tão temerario
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantareira de um armario.
Você perdoe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se assoe.
Ao pé da altura
Do nosso oiteiro
Tem o sendeiro
O que bocca nasceu e é rasgadura.
Na gargantona,
Membro do gôsto,
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhona.
Vamos á giba:
Mas eu que intento,
Se não sou vento
Para poder trepar lá tanto arriba?

Sempre eu insisto,
Que no horizonte
Deste alto monte,
Foi tentar o diabo a Jesus Christo.
Chamam-lhe autores,
Por falar fresco,
Dorsum burlesco,
No qual *fabricaverunt peccatores.*
Havendo apostas
Se é gente ou féra
Se assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.
De grande, arriba
Tanto se entona,
Que já blazona
Que engeitou ser canastra, por ser giba.
Oh pico alçado!
Quem lá subíra,
Para que víra
Se é Etna abrazador, se Alpes nevado.

. — .

Os pés dão figas
Á mór grandeza;
Por cuja empreza
Tomaram tanto pé, tantas cantigas.
Velha coitada;
Cuja figura,
Na arquitectura
Da pôpa da náo nova está entalhada.
Boa viagem,
Senhor Tocano;
Que para o anno,
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Romance em defensa do dito governador.

Agora sáio eu a campo,
Por vós, meu Antonio Luiz;
Que já fede tanto verso,
Já enfada tanto pasquim.
Que vos quer esta canalha
Torpe, de villãos ruins?
Tanto poeta sendeiro?
Tanto trovador russim?
Se fizestes mau governo,
(Que é certo que foi ruim),
Elles qne o façam peior,
Que eu lhes dou de quatro mil.
Que enforcastes muita gente?
Mente quem tal coisa diz:
Gabriel os enforcava,
Que eu com estes olhos vi.
É verdade, que gostaveis
Vós mesmo de vel-os ir;
Sois amigo de enforcados;
Ter-lhe odio, isso é que é ruim.
Este povo é muito bêsta;
E não sabe distinguir,
Que o ser amigo é virtude,
E o vício é não ser assim.
Cada qual gosta o que gosta;
Um carneiro, outros perdiz:
Vós, um quarto de enforcado;
Eu, um quarto de pernil.

Em gostos não ha disputa;
Dai ao demo o povo vil,
Que até nos gostos se mette
A ser dos gostos juiz.
O querer não tem razão,
Que a vontade é mui subtil;
E assim, por onde quer entra,
E talvez não quer sair.
Cada um quer o que quer;
Não ha nisso que arguir:
Fez Deos as vontades livres,
Prendel-as, é frenezim.
Sois amigo de enforcados:
Quem vo-lo póde impedir?
Oxalá foreis amigo
De levar o mesmo fim!
Ora vamos á farinha:
Foi pouca, cara, e ruim;
Mas vós, não sois sol, nem chuva,
Para haver de a produzir.
Eu confesso, que houve fome,
Governando vós aqui:
Sois mofino; e por mofino,
Ficou mofino o Brazil.
Ser mofino, não é culpa,
A fortuna o quiz assim:
Quem é mofino comsigo,
Com os mais ha de ser feliz?
Não vos mandou governar
Elrei farinhas aqui,
As carnes, nem os pescados;
Porém a forca, isso sim.

Valha o diabo a vossa alma,
Cabellos de colomim!
Mandou-vos elrei, acaso,
Desgovernar o Brazil?

.—.

Mandou-vos acaso elrei
A Sodoma? Ou ao Brazil?
E se não estaes em Judéa,
Quem vos metteu a Rabi?

.—.

Ora ide-vos com os diabos;
Que não quero já sair
A campo, por um ....
........villão ruim.

Descripção de umas festas das onze mil Virgens, em tempo que tinha tomado posse do governo D. João de Alencastre; achando-se presente o mencionado Camara Coutinho seu antecessor sendo juiz dellas Gonçalo Ravasco, filho do poeta Bernardo Vieira, irmão do célebre Padre Antonio Vieira.

Foi das onze mil Donzellas
Juiz, o juiz mais nobre,
De quanto no Brazil cobre
O manto azul das estrellas.
Nesta festa, sem cautellas,
Gastou com liberal mão;
E pâra mais devoção,
Usar de escrivão não quiz,
Sendo o primeiro juiz
Que serviu sem escrivão.

Bem mostra que de Bernardo
Tem herdado o natural,
Além de ser principal
O seu ânimo galhardo.
Applausos grandes aguardo,
E de Camena melhor,
Que publiquem seu primor;
Que a minha Thalia nova
Hoje admirações approva
Por mais heroico louvor.

Seis dias de cavalleiros
Ouve, com bastante graça:
Foram bons e máos á praça
Em ginetes e em sendeiros.
Tambem houve aventureiros,
Premios, e mantenedor,
Touros, que foi o melhor;
Porém sem ferocidade;
Que os touros nesta cidade
Não são de muito furor.

E pois eu chronista sou
Desta grã festividade,
Tenho de falar verdade,
E dizer o que passou.
Agaste-se quem andou
Mal, que a mim se me não dá:
Sem saber não fossem lá;
E se lhe der isso espanto,
Quando eu fizer outro tanto,
Tambem de mim falará.

Bem sei que é culpa fatal,
E contra a razão sossobra,
Dizer mal de quem bem obra,
E bem de quem obra mal:
Mas nesta festa cabal,
Com meu fraco entendimento,
Aos cavalleiros intento
Julgar, sem odio nenhum,
Applaudindo a cada um
Conforme o merecimento.

Nestes dias festivaes,
Com summa galla e grandeza,
Assistiu toda a nobreza
Dos homens mais principaes:
Ministros, e officiaes
De guerra, e damas mui bellas,
Que em palanques e janellas,
Mostravam como arrebol,
Que estando ali posto o sol,
Bem podiam ser estrellas.

Posto o sol ali se via:
Porém com notavel gôsto,
Quando vi que era sol posto,
O terreiro mais luzia:
Dois soes * postos na Bahia
Vi, com differença atroz;
Um, Saturno, que se poz;
Outro, posto na janella;
Sol de luz tão clara e bella,
Que hoje nasce para nós.

* Allusão aos dois governadores presentes.

Desterrando sombras mil
De um sol, que causou desmaios,
Nasce com benignos raios
Este sol para o Brazil.
Oh quem tivera o subtil
De Apollo! Lyra discreta,
Da Fama a aguda trombeta,
Pára que podesse ousado,
Sem temor, nem perturbado,
Descrever este planeta.

Com branca e encarnada pluma,
Galan vestido de verde,
Que ainda a esperança não perde
Do neto da clara espuma:
Capitão de graça summa,
André Carvalho saiu:
Logo o povo se sentiu;
Porque de incidente novo,
Os olhos levou do povo
Quando no terreiro o viu.

N'um branco bruto corria
Mais ligeiro do que o vento;
Tanto que com o pensamento
Correr parelhas podia:
Veloz desapparecia,
Das pernas ao leve abalo;
E não podia julgal-o
O povo que ali se achava,
Se era vento o que levava
Pelos áres o cavallo.

Não presumam, porque tem,
Que são mais que os pobres, nobres;
Pois ha muitos homens pobres,
Mui bem nascidos tambem:
Ao pequeno não convém
Por pequeno desprezar;
Que se este quizer falar,
Achar póde algum defeito;
Que nenhum ha tão perfeito
Em quem se não possa achar.

Seguia-se um cavalleiro
Ao famozo André Carvalho,
Que levou sem mais trabalho,
De cada golpe um carneiro;
Tambem foi aventureiro
De um premio, mas com defeito
Ao corpo dava um tal geito,
Que ficou pasmado e absorto,
De que fosse ao premio torto,
E o premio ao outro direito.

O famoso Braz Rebello,
Razão é de Marte o apóde;
Pois que dar dias santos póde
Nesta arte ao que for mais bello.
E se com louco disvello,
Do que digo alguem se abraza,
Escute a razão que é raza;
E verá se faz espantos,
Que dar possa os dias santos
Quem tem domingos de casa.

Ñas lanças que poz mui bem,
Teve de premios ganança;
E certo que pela lança
Não o ha de vencer ninguem.
Dos cavalleiros que tem
Modernos hoje a Bahia,
Leva Braz a primazia;
Porque não ha nesta praça,
Quem se ponha com mais graça.
Fortaleza e bizarria.

· — ·

Tambem no Machado falo,
Que é razão por elle acuda;
Pois sempre ao cavallo ajuda,
Mas não o ajuda o cavallo:
Ainda assim posso louval-o,
Dando-lhe varios apódos;
Porque conheço em seus modos,
E muito bem posso affirmar
Que nisto de cavalgar,
Leva vantagens a todos.

Em máo cavallo corria;
Mas um premio mereceu:
Veja-se quem o perdeu,
Que cavalleiro sería.
Aposto que algum diria,
Vendo que as carreiras passa,
Sem fortaleza, nem graça:
Que o moço com seu sendeiro,
É nos fumos cavalleiro,
Porém não cá para a praça.

Outro cavalleiro airoso
Andou na festividade,
E vi na velocidade
Com que corre ser Veloso:
Por cavalleiro famoso
A gente o acclamou de novo:
Eu só admirando-o o louvo;
E acho discrição callar;
Que é escusado eu falar,
Quando por mim fala o povo.

O Ripado valoroso,
Andou bem, porém sem sorte;
Porque tem pouco de forte,
Se bem tem muito de airoso.
Perdeu, pouco venturoso,
Mas sem nenhum sentimento,
Um premio, que Braz attento
Ganhou; porque não se atreva
Áquillo, que tambem leva
Com as palavras o vento.

Á mesma festa em outro anno.

Clori: nas festas passadas,
Que ás Virgens são permittidas,
Houve quadrilhas corridas,
Parentas de envergonhadas.
Agora as vi tão realçadas
Em este anno derradeiro,
Que na esfera do terreiro,
Apparecia um Brandão,
Que correndo exalação,
Acabava cavalleiro.

Com estas apparições
De cometas tão luzidos,
Nos mirões espavoridos
Eram tudo admirações:
Em maximas conjuncções
De ouro, prata, e de mil côres,
Notei que os festejadores
Faziam com graças summas,
No ar um jardim de plumas,
E na terra um mar de flores.

Sua excellencia * assistia,
O conde ** e toda a nobreza;
E os *padres* por natureza
Lhe faziam *companhia*.
Estava sereno o dia;
A esfera toda anilada;
A agua do mar estanhada;
Brando o vento lizongeiro:
E com tudo no terreiro
Houve grande carneirada.

Em fim: que a festa passada
Tão cheia de cavalleiros,
Se a fizeram dois barbeiros,
Não sería mais sangrada:
Alí vi dar cutilada,
Que todo o ventre dissipa
Do bruto que participa;
E eu disse pasmado e absorto,
Que a catana era do Porto,
Per rilhar sempre na tripa.

* Marquez das Minas. ** C. do Prado.

Cada qual sem mais tardança,
Á dama a quem mais se applique,
Leva na ponta do pique
O que ganhou pela lança:
Até o padre Ortelança,
Digo, o conego Gonçalo
Se logrou deste regalo;
E eu só na baralha ingrata,
Não vi mantilha de prata;
Que na de ouro já não falo.

Ao Marinho generoso,
Franco o dia e mais escasso,
Concedeu-lhe o galanasso,
Recatando-lhe o ditoso:
E visto que por airoso,
Era Adonis da quadrilha,
Lundum se lhe rende e humilha;
Dando-lhe porque o conforte,
No cravo a primeira sorte,
A segunda na manilha.

Barreto alheio do susto,
Que não implica mostrado,
Nem ao forte o asseiado,
Nem ao galan o robusto:
Luzimento a pouco custo,
Bom ar sem affectação,
Foi julgado em conclusão,
Que a destreza o não disvela;
Pois sem cuidado na sella,
Caía no capreção.

Muito Eusebio se disvella
Em correr mais que ninguem ;
E por correr sempre, e bem,
Nunca se assentou na sella :
Como ha de conter-se nella,
Se correr só pretendia ?
Tão propriamente o fazia,
Que, pois estar e correr,
Não podem juntos caber,
Não se assentava, corria.

O valoroso Muniz,
Em galla, cavallo e arreio,
Quanto ganhou pelo asseio,
O perdeu pelo infeliz.
O que eu vi, e a terra diz,
É que de muito adestrado,
Anda tão avantajado,
Que a voz do povo levou ;
Com que desde então deixou
O povo mudo e pasmado.

Outro Muniz valentão,
O fez tão perfeitamente,
Que sendo em sangue parente,
Era na destreza irmão :
Pela sorte em conclusão
Deixou de si tal memória,
Que por sua e nossa glória,
Deixando aos demais em calma,
Fez pouco em levar a palma,
Sendo filho da victória.

Do Valentim a cavallo,
Dizia o povo gostoso,
Que era da festa o gracioso ;
E eu digo que era o badallo :
Que chegando a ponderal-o
Correndo sôbre a russina,
Revirar a colatrina,
Pérni-aberto pâra o ar,
Aqui póde accommodar
Mais que um sino, que se empina.

Pois Araujo famoso,
No princípio da carreira,
Resvalou-lhe a dianteira
O cavallo de furioso :
Cego, arrojado e fogoso,
Entre uns baêtas meteu-se :
Quem sentado estava ergueu-se ;
Porém o baxel violento,
Como ia arrazado em vento,
Deu n'uns baixos, e perdeu-se.

Caíu o moço infeliz,
Houve gritos e alarido :
Sendo que cae o entendido
Em tudo o que se lhe diz.
Ergueu-se em menos de um triz ;
E pondo-se na vereda,
Correu com cara tão leda,
Que causou admiração
Em todos ; pois já então
Tinha elle com todos quéda.

Um sobrinho de Frisão,
Ao cheiro acudiu dos patos;
Porque é em publicos actos
Muito ousado um patifão:
A rédea prêsa a um arpão;
Nos estribos dous arpéus:
Puz eu os olhos nos ceus,
E disse: que bem podiam
Louvar a Deus os que viam
A cavallo um louva-a-deus.

Uma aguilhada por lança
Trabalhava a meio trote,
Qual moço de D. Quixote,
A que chamam Sancho Pança:
Na cara infame confiança;
Na sella infame pernêta;
E com tramoia secreta,
Ia sobre o seu jumento,
Pelo arreio e nascimento,
Á bastarda e á ginêta.

Elle andou tão desastrado,
Que para dar-lhe sentido,
O cavallo era o corrido,
Elle o desavergonhado.
Estava o Frisão pasmado,
De gôsto babando o freio;
Por ser da razão alheio,
Ver-se com tão pouco abalo,
Não no centeio a cavallo,
Mas no cavallo o centeio.

A tal filho universal,
Com tres pais, e tres padrastos,
Todo vestido de emplastos,
(Se emplastos o mesmo val:)
Se seguia a um sigarral,
De quem tomaram modellos
Para a corcóva os camellos;
Cuja perna dobradiça,
Sempre a memória me atiça
A rua dos cotovêllos.

No menino Ascanio falo;
Que o pai Eneas ao murro,
Devendo de o pôr n'um burro,
O deixou pôr a cavallo:
Este menino ia ao gallo,
E encontrou-se com a galhofa,
Onde servia de mofa
Os dias que ali gastára,
Se um braço lhe não quebrára,
E o mandaram n'uma alcofa.

Lá vem o Chico ás carreiras,
Dando esporadas crueis,
N'uma sella de alambeis,
Vestido de bananeiras.
Nas laranjadas primeiras
Teve tão adversa estrella,
Que caíu na esparrella,
Não como rôlla em verdade,
Porque a queda foi de frade,
Pois logo agarrou da sella.

A's festas não deu desmaio
Nenhum destes entremezes;
Que não ha ouro sem fezes,
Nem comedia sem lacaio.
Qualquer correu como um raio,
E fez sua obrigação,
Excepto o boi do certão;
Sendo que algum lhe cobiça
O resistir á justiça,
E dar com a forca no chão.

O lindo Eusebio da Costa,
Escrivão das onze mil,
Por assombrar o Brazil,
Fez tudo de sôbre aposta:
Com os passados deu á costa,
E excedeu a toda a lei;
E assim, eu sempre direi
Hoje, e em toda a occasião,
Que o ser por casto reimão,
Lhe vem de ter mão de rei.

A uma caçada de javalis na villa de S. Francisco.

Amanheceu quarta feira
Com face serena e airosa.
O famoso João Barbosa,
Honra da nossa fileira,
Por uma, e outra ladeira,
Desde a marinha té a praça,
Nos bateu com tanta graça,
Que com razões admirandas,
Nos tirou de entre as hollandas
Pâra nos levar á caça.

O guapo Affonso Barbosa;
Que dos nobres Franças é,
Por filho do dito André,
Rama illustre e generosa:
Já da campanha frondosa
Os mattos mais escondidos
Alvorotava em latidos;
Quando nós de mal armados,
Á vista delle assentados,
Nos vimos todos corridos.

Rasgou um porco da serra;
E foi tal a confusão,
Que em sua comparação,
É coisa de brinco a guerra:
Depois de correr a terra,
E de ter os cães cançados,
Com passos desalentados
Á nossa estancia vieram,
Onde casos succederam
Já mais vistos, nem contados.

Eu estando de uma grimpa
Vendo a caça por extenso,
Não a fez limpa Lourenço,
E só o porco a fez limpa;
Porque, como tudo alimpa
De cães, e toda a mais gente;
Lourenço intrepidamente
Se poz no primeiro embôrco;
E por não morrer do porco,
Veio a cair sujamente.

Tanto que á fera investiu,
Tentado de valentão,
Armou-se-lhe a tentação,
E na tentação caiu:
A espada, tambem se vi
Cair no chão, ou na rua;
E foi sentença commua,
Que nesta tragedia rara
A espada se envergonhára
De ver-se entre os homens nua.

Lourenço ficou pasmado;
E ainda não tem decidido,
Se está peior por ferido,
Da porca, se por beijado.
« Má porca te beije »; é fado
Muito máo de se passar;
E quem tal lhe fez rogar,
Foi com traça tão subtil,
Que a porca, entre Adonis mil,
Só Lourenço quiz beijar.

Lourenço na terra jaz;
E conhecendo o perigo,
Deu á porca a mão de amigo,
Como quem se punha em paz.
A porca, que era tenaz,
E estava enfadada delle,
Nenhuma paz quiz com elle;
Mas, botando-lhe uma ronca,
Por milagre o não destronca;
E ainda assim, chegou-lhe á pelle.

Ia Ignacio na quadrilha;
E tão de Adonis blazona,
Que diz, que a porca........
O envestiu pela braguilha.
Virou-lhe de sorte a quilha,
Que cuidei que naufragava:
Porém tantos gritos dava
Que Felix piloto em charco,
Á vara livrava o barco,
Quando o porco o lanceava.

Ignacio nestes baldões
Teve tanto mêdo, e tal,
Que aos narizes deu signal —...
Trouxe na meia uns pontões
Tão grandes, e em tal maneira,
Que á caça hão de ir por bandeira,
Onde por armas lhe dão,
Em escudo lamarão
Uma porca costureira.

Miguel de Oliveira ia
Com a dianteira alentada:
De porcos era a caçada;
E o que fez foi porcaria:
Quando o animal o envestia,
Elle com pé diligente
Se afastava em continente:
Com que o julguei desta vez,
Por mui ligeiro de pés,
E de mãos por mui prudente.

O Pissarro, em um penedo,
Vendo a batalha bizarra,
Era Pissarro em pissarra,
E era mêdo sobre mêdo.
Nunca vi homem tão quêdo
Em batalha tão campal;
Porém, como é figadal
Amigo, hei de desculpal-o,
Com que nunca faz abalo
Do seu posto um general.

Frei Manoel me espantou,
Que o demo o ia tentando;
Mas vi, que a espada tomando,
Logo se desattentou:
Em continente a largou;
Porque soube ponderar, —..
De que só o mestre-esfola
O podia dispensar.

O vigario se houve aqui
C'uma tramoya apparente;
Pois fingiu ter dor de dente,
Temendo o do javali:
Porém folga, zomba e ri,
Ouvindo o successo raro;
E dando-lhe um quarto em claro
Os amigos confidentes,
Á fé que teve elle dentes
Pàra comer do javáro.

Cosme de Moura, ésta vez
Botou as chinellas fóra,
Como se ver a Deus fôra
Sobre a sarça de Moysés.
Tudo viu, e nada fez;
De tudo conta e escarnece:
Com que, mais o prazer cresce
Quando a tragedia intrepreta
Lourenço, a quem fez poeta,
Em signal que o enlouquece.

O Silvestre, neste dia
Ficou mettido em um nicho;
Porque como o porco é bicho,
Cuidou que um sapo sería:
Mas agora quando ouvia
O desar dos derrubados,
Mostrava o bofes lavados,
De puras risadas morto;
Porque sempre vi, que um torto
Gosta de ver corcovados.

Bento, que tudo derriba,
Qual valente sem receio,
Pondo agora o mar em meio,
Fogiu para a Cajahiba:
Não quiz a pissarra giba
Nos afilados colmilhos,
Dos javardos tão novilhos;
E se o deixou de fazer
Por ter filhos e mulher,
Que máo é dar caça aos filhos?

Eu e o Moraes ás corridas
Por outra via tomámos;
E quando ao porco chegámos
Era ao atar das feridas:
Com mentiras referidas
De uma e outra arma donzella,
Se nos deu á taramella:
Nós calando, só dissémos:
« Se em taberna não bebemos,
« Ao menos folgâmos nella. »

Ao Cométa apparecido em Março de 168. . .

Que esteja dando o francez
Camoezas ao romano,
Castanhas ao castelhano,
E figas ao portuguez?
E que estejam todos tres
Em uma scisma inquieta,
Conhecendo-se esta treta
Tanto á vista, sem se ver?
Tudo será; mas a ser,
Effeitos são do cometa.

Que esteja o inglez mui quedo,
E o hollandez muito ufano?
Portugal, cheio de engano?
Castella, cheia de mêdo?
E que o turco viva lêdo,
Vendo a Europa inquieta?
E que cada qual se metta
Em uma cova a tremer?
Será; mas isto assim ser,
Effeitos são do cometa.

Que se ache o francez zombando,
E a India lá padecendo?
Italia olhando e comendo?
Portugal rindo e chorando?
E que o esteja enganando
Quem tão sagaz o inquieta,
Sem que nada lhe prometta?
Será; mas em tal acção,
Segundo a melhor razão,
Effeitos são do cometa.

Que esteja Angola de graça,
E Portugal, cai, não cai?
O Brazil feito Cambray,
E a Hollanda feita caça?
E que jogue o = passa passa =
Comnosco, o turco mahometa,
E que assim nos accommetta?
Será, pois é tão ladino;
Porém, segundo imagino,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam, sem razão,
Nos extremos que se veem,
Um tostão feito um vintem,
Uma pataca um tostão?
E que estas mudanças são
Fabricadas com bem treta,
Sem que a fortuna prometta
Melhora no que passâmos?
Sim; mas se tal lamentâmos,
Effeitos são do cometa.

. — .

Que todo o reino em estaleiro
Esteja ; e em triste monção,
Haja pão, não haja pão,
Haja, e não haja dinheiro?
E que se torne em azeiro
Todo o ouro, e a prata em peta,
Por certa via secreta?
Eu não sei como isto é :
Porém quanto assim se vê,
Effeitos são do cometa.

Que haja no mundo quem tenha
Guizados pâra comer ;
E traça pâra os haver,
Não tendo lume, nem lenha?
E que, sem renda, mantenha
Carro, carroça, e carreta?
E sem ter aonde os mêtta,
Dentro em si tanto accommode?
Póde ser ; mas se tal póde,
Effeitos são do cometa.

Que vista, quem renda tem,
Gallas custosas por traça ;
Supposto que bem mal faça,
E inda que faz mal, faz bem?
Mas que as vista quem não tem
Mais que uma pobre sarjeta,
Que lhe vem pelo estafeta,
Por milagre nunca visto?
Será ; porém sendo isto,
Effeitos são do cometa.

Que andem os officiaes
Como os fidalgos vestidos?
E que estejam presumidos
Os humildes, como os mais?
E que sejam estes taes
Cada um de si profeta?
E que esteja tão inquieta
A cidade, e o povo mudo?
Será; mas, sendo assim tudo,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam, por prazeres,
Sem repararem nas fomes,
As mulheres, feitas homens;
E os homens, feitos mulheres?
E que estejam os misteres
Enfronhados na baêta,
Sem ouvirem a trombeta
Do povo, que é um clarim?
Será; porém sendo assim,
Effeitos são do cometa.

Que quem não vê, possa ver
Mal no bem, e bem no mal;
E se mêtta cada qual
No que não se ha de metter?
E que queira cada um ser
Capitão, sem ser gineta,
Sendo ignorante jarreta,
Sem ver quem foi, e quem é?
Pois se elle assim se não vê,
Eeffitos são do cometa.

Que o pobre e o rico namore;
E que, com esta porfia,
O pobre alegre se ria,
E o rico triste se chore?
E que um presumido more
Em palacios, sem boleta?
E que, sem ter que lhes metta,
Os tenha cheios de vento?
Será; mas iguaes ao intento,
Effeitos são do cometa.

Que ande o tempo como anda;
E que ao som do seu disvello,
Uns bailem o saltarello;
E outros a sarabanda?
E que estando o mundo á banda,
Eu nestas coisas me metta,
Sendo um mísero poeta,
Sem ter licença de Apollo?
Será; porém se sou tollo,
Effeitos são do cometa.

---

* O cometa a que o poeta se refere é provavelmente o de 1680, a respeito do qual Fr. Jeronymo de Santyago publicou um tratado.

Verdades miudas.

Ouví, amigo João,
Esta verdade que canto;
Se a verdade causa espanto,
Esta causa admiração:
É certo e sem omissão,
E contra isto não ha nada
Que esta é a verdade usada;
E a de rebuço e de engano
É verdade de magano;
E esta é de gente honrada.

Domingos e dias santos,
Nos manda a igreja guardar;
E os mais dias trabalhar:
As mulheres trazem mantos;
Os doutos estão aos cantos;
Os ignorantes na praça;
Os cachorros vão á caça;
Os gatos lambem as cêas;
Os barbeiros rasgam vêas;
As padeiras fazem massa.

Os homens fazem a guerra;
As mulheres fazem renda;
Os tolos não teem emenda;
Os sapos cavam a terra;
O bezerro sem mãi berra,
Batem bandeira os alferes;
Os pobres buscam haveres;
Os peixes nadam no mar;
As purgas fazem purgar;
Os franciscanos colheres.

Os cavallos comem ervas;
Os despidos andam nús;
Come o gentio cajús;
Os tapuyas são catervas;
Não dormem de noite as servas;
Os macacos fazem momos;
Os escripturarios tomos;
Os namorados passeam;
As fragonas zombeteam;
As limas todas teem gomos.

Todos os ferrões teem ponta;
A agua do mar é salgada;
O hospede logo enfada;
E todo o algarismo é conta,
A náo sem vento não monta;
O badalo dá no sino;
Chorar muito é desatino;
O comer muito enche a pansa;
Bum-bum é agua em criança;
Subir alto, é ir ao pino.

Os caranguejos teem pernas;
Tocado o tambor faz bulha;
O = arre lá = desempulha;
O navio tem cavernas;
O fogo accende as luzernas; — . . .
Quem degenera não herda;
O carvão todo é de lenha;
É de lã toda a estamenha:
Quem sente roubos tem perda.

Toda a arvore tem folhas;
Pomares produzem fructas; — ..
Uma talha são dez polhas;
As botijas levam rolhas;
Toda a neve é branca e fria;
A irmã da mãi é tia;
Tudo o que é de bronze é duro;
Onde não ha luz é escuro;
Quando não é noite é dia.

O sol e o fogo são quentes;
Onde cae a chuva molha;
Quem não tem vista não olha;
Quem trinca bem tem bons dentes;
Os transversaes são parentes;
O cabello cae com a tinha; — ..
Passaro grande é gallinha;
Carregado chia o carro;
Mulher do rei é rainha.

Não ha barbas sem cabello;
A arêa toda é de grãos;
Toca-se a harpa com as mãos;
É animal o camello;
Nenhuma calva tem pello; — ..
É marisco o sururú;
Todo o feijão é legume;
Coze-se o comer no lume;
É abobora o gerimú.

Todo o unguento é mézinha ;
Não tem osso o bacalhau ;
Papas ralas são mingáu ;
Trigo moido é farinha ;
Coisa alheia não é minha ;
Não ha escada sem degráos ;
Os picaros são maráos ;
Tem aduellas a pipa ;
Embigo é ponta de tripa ;
É pintado o rei de páos.

Primeiro foi frango o gallo ;
Pelangana é prato fundo ;
É redondo todo o mundo ;
Tem quatro pés o cavallo ;
As luvas não fazem callo ;
Nunca mija o papagaio ;
O chouriço grosso é paio ;
Quem segue a escóla, faz gásios ;
Quem tópa, acha seus topazios ;
Antes de junho foi maio.

Todo o chapeo é sombreiro ;
As canoas são de pau ;
Tudo o que não presta é mau ;
Quem faz barbas é barbeiro ; — . . .
Tem cano a penna de pato ;
Filho de pardo é mulato ;
Mulheres todos são femeas ;
Duas de um ventre são gemeas ;
No pé se calça o çapato.

Toda a coisa negra é preta;
Papel de trapos é feito;
Quem não é torto é direito;
O mascarado é careta;
Bordão de velho é muleta;
Tabaco =*fumo*= é pizado;
O que vai ao espeto é assado;
O pirão duro é taipeiro;
Mareta em mar é carneiro;
Tudo o que é peixe é pescado.

Quem não tem juizo é tollo;
Quem morre fica sem vida;
Perna que é longa é comprida;
Reposta de jogo é bollo;
Negro ladino é crioilo;
Cebo de boi é gordura;
Figado e bofes forçura;
Manteiga é nata de leite;
É oleo tudo o que é azeite;
E todo o vigario é cura.

Sem a lingua não se fala;
Quem não come morre á fome;
Tudo quanto ha tem nome;
O surrão de coiro é mala;
O pão mais trigueiro é rala;
O tatú tem cascas duras;
O doce, e o sal faz securas;
Arroz sem casca é pilado;
As sopas são pão molhado;
São de ferro as ferraduras.

Os bancos servem de assento ; — . .
Homem de villa é villão ;
As pennas voam com vento ;
O adro da igreja é bento ;
A camisa é roupa branca ;
Pau, que fecha a porta, é tranca ;
O nariz todo tem ventas ;
Tempestades são tormentas ;
A cara feia é carranca.

A farinha do Brazil,
Primeiro foi mandioca ;
Milho estalado é pipóca ;
O gato todo é subtil ;
Tres barris mais um barril,
Enchem todos uma pipa ;
Não ha casa sem ter ripa ;
Ou vara sem seu cipó ;
Quem não tem ninguem é só ;
Quem é mole é fraca tripa.

É luzente a espada nova ;
A que é velha é saramago ;
Homem que gagueja é gago ;
Toda a banana é pacova ;
Em quem dão leva uma sova ;
Coisa que é fresta é buraco ;
Agua de flor do sovaco
Parece dar vida a um morto ;
O parto sem tempo é aborto ;
Cutía não é macaco.

Solimão e rozalgar
Matam, porque são veneno;
Grande doutor foi Galeno;
Quem não tem sizo é alvar;
Entoar solfa é cantar;
Na botica ha ther'bentina;
Criança femea é menina;
Quem ainda é moço é rapaz; — . .
Oleo de pau é rezina.

Tabaco pôdre é macaya;
Ave sem penna é morcego;
A agua do rio Mondego
Toda faz ondas na praia;
As mulheres vestem saia;
Os homens usam calções;
Os pretos teem seus bordões;
Tem cinco palmos a vara;
Tantas arrobas de tara
Tem cada um dos caixões.

Agua-ardente é giribita; — . .
Não ter saude é doença;
E todo o listão é fita;
A colera logo irrita;
Ganhamús são caranguejos;
Os leitos teem porsevejos;
Admirações são espantos;
Todas as casas teem cantos,
Do leite se fazem queijos.

No trumfo ha basto e mais sota ;
Dá cartas todo o que é mão ;
Tem capuz todo o gabão ;
Pelo pé se calça a bota ;
Quem não tem voto não vota ;
O escrivão porta por fé :
Calça um sapato um só pé ;
É tripeiro o que é do Porto ;
Todo o defunto está morto ;
Ovo em criança é tè-tè.

Ha pelo entrudo filhozes ;
Muitos jejuns na quaresma ;
Todo o fedelho é uma lesma :
Acções falsas são atrozes ;
Quem tem dentes trinca nozes ;
O que quebra está quebrando ;
Quem come está manducando ;
O que corre vai correndo ;
O que bebe está bebendo ;
E quem joga está jogando.

O Memento é uma lembrança
Das almas do outro mundo ;
A panella tem seu fundo ;
E quem herdou teve herança ;
O zombar é estar de chansa ;
Muitos filhos teve Antonio,
Um é do seu matrimonio,
Que dos outros não sabemos ;
Posto que já entendemos,
Que o que purga é o antimonio.

Os sapatos levam sola;
A carne de boi é vacca; — . . .
É redonda toda a bola;
Passarinho na gaiola,
Está preso na cadêa;
O gatinho sem mãi mêa;
Os que são irmãos são manos;
O homem velho tem annos;
A formosa não é feia.

Quem vai só vai solitario;
Quem está farto escusa molho;
O sol tambem tem seu olho; — . . .
A um calo chamam calvario;
Tem cidades Portugal;
Oiro é o que oiro val;
Pratos de cor teem rebique;
Não se faz renda sem pique;
O ensosso não tem sal.

Peccados mortaes são sete;
E dez são os mandamentos;
Sete são os sacramentos.
O estojo tem canivete.
O frade tem seu topete,
Não paga aluguer de casas.
Os anjos todos teem azas;
Morde o cachorro que é bravo;
O que tem senhor é escravo;
E ganha quem faz mais vazas.

Estas pois, e outras verdades,
Amigo, que aqui vos digo,
São as de que sou amigo ; — . . .
O mais são só asnidades
Desses que dizem rodeios ;
Porque só por estes meios
Se fala bem portuguez ;
Tudo o mais é ser francez,
E trazer na bocca freios.

A certos sujeitos hypocritas, e murmuradores, sôbre serem viciosos.

D'estes que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo ;
E entre o gabo dos amigos,
Os vemos em papafigos,
Sem tempestade, nem vento ;
Anjo bento !

De quem com lettras secretas,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bocalejando sem pejo
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã té a tarde :
Deus me guarde !

Do que passêa farfante ;
Muito presado de amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignias, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento :
Anjo bento !

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo na cara uns janos,
Que fazem do vício alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar,
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro, e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento:
Anjo bento!

D'estes avaros mofinos,
Que poem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

Que pregue um douto sermão
Um alarve, um asneirão;
E que esgrima em demasia
Quem nunca la na Sofia *
Soube pôr um argumento:
Anjo bento!

D'esse santo emmascarado,
Que fala do meu peccado,
E se tem por Santo Antonio,
Mas em lucta com o demonio,
Se mostra sempre cobarde:
Deus me guarde!

* Rua principal de Coimbra: allusão á Universidade.

Que atropellando a justiça,
Só com virtude postiça,
Se premeia ao delinquente,
Castigando o innocente
Por um leve pensamento:
Anjo bento!

Improviso na rossa.

Por bem afortunado
Me tenho nestes dias
Em que habíto este monte a par do Dique;
Visinho tão chegado
Ás taraíras frias,
A quem a gula quer que eu me dedique:
Aqui vem o alfinique
Das pretas carregadas —..

Os que amigos meus eram
Vem aqui visitar-me:
Amigos, digo, de uma e de outra casta.
(Oh, nunca aqui vieram!)
E nunca deixam coisa que se gasta.
Outro vem, quanto basta,
Fazer nesta varanda
Chacotas e risadas;
Coisas bem escusadas,
Porque o rizo não corre na quitanda:
Corre de cunho a prata;
E amisade sem cunho é patarata.

A casa é espaçosa,
Coberta, e retelhada
Com telha antiga do primeiro mundo;
Palha sêca e frondosa,
Um tanto refolhada
Da que, sendo erva santa, é vicio immundo.
O torrão é fecundo
Pâra a tal erva santa;
Porque esta negra terra,
Nas producções que encerra
Cria venenos, mais que boa planta:

Comigo a prova ordeno,
Que me criou para mortal veneno.

A certo letrado em Pernambuco, pequeno e presumido.

Tu és mosquito que cantas,
Pequeno, e bem zunidor;
Dos lençoes malquistador,
Aborrecido das mantas:
Com o ferrão da lingua espantas,
E com a musica enfadas:
Caminhas ás trombetadas,
E não sabemos por onde;
Porque o invisivel te esconde,
Pâra poupar bofetadas.

Algumas tens tu levado
Nessa mascarilha rara;
Mas nada te sae á cára,
Que és picaro descarado:
Indo daqui escoiçado,
Por tua velhacaria,
Pâra outra terra baldia
Tornastes, filho de um . . . . . .
Como bêsta de retôrno,
Pâra a mesma estrebaria.

Nada queres que entendamos:
Só tu és sabio devéras:
Tomára, que já morrêras,
Por que nós tambem saibamos:
Isto posto; argumentâmos:
Ergo, tu és homem só,
Como argumentava Job
Aos socios que o estavam vendo:
Ergo, em vós outros morrendo,
Toda a sciencia deu nó.

Esse corpinho fanado,
Destilando o seu saber,
Vinha, quando muito, a ter
Uma oitava de letrado:
Se no casco abreviado
Dessa cabeça *merim*
Cabe tão pouco latim;
Como de douto se gaba,
Quem no pêso é uma oitava,
Na medida um salamim?

Tomára já que acabáras,
(Torno a dizer outra vez)
Sendo que morto, talvez
Que saber nos não deixáras!
Tomára que me explicáras,
Porque a raiva se me arranque
Se das sciencias és tanque?
Ou se com Deos contrataste,
E a sciencia lhe tomaste,
Em meu odio, por estanque?

.—.

Ao Padre Manoel Domingues Loureiro, que estando nomeado para ir por capellão para Angola, por não querer ir, o Arcebispo o mandou preso e maltratado.

Pâra esta Angola, enviado
Vem por fôrça do destino
Um marinheiro ao divino,
Ou mariolla sagrado:
Com ser no monte gerado,
O espirito lhe notei,
Que com ser bêsta de lei,
Tanto o ser villão esconde,
Que vem de *Villa de Conde*,
Morar na casa de el-rei.

Por não querer embarcar,
Com ouzadia sobeja,
Atado das mãos da Igreja
Veio a braço secular:
Aos empuxões a gritar,
Deu baque o padre Loureiro:
Riu-se muito o carcereiro;
Mâs eu muito mais me ri,
Pois nunca loureiro vi
Enxertado em limoeiro.

No argumento com que vem
Da navegação moral,
Diz bem, e argumenta mal,
Diz mal, e argumenta bem:
Porém não cuide ninguem
Que com tanta matinada
Deixou de fazer jornada;
Porque a sua teima bruta,
O poz de coberta enxuta,
Mas mal acondicionada.

O mestre ou o capitão,
Disse ao padre Frei Ourello,
Que ha de levar um capello,
Se não leva um capellão,
Vinho branco e negro pão,
Diz que no mar fez a guerra:
Logo, então, sem razão berra,
Quando na passada mágoa,
Trouxe vinho como agua,
E farinha como terra.

Com gritos a casa atroa;
E quando o caso distinga,
Quer vomitar na moxinga,
Antes que . . . . . na proa:
Querem leval-o a Lisboa
Com brandura e com carinho;
Mas o padre é teimozinho,
E ancorado a porfiar,
Diz que não quer navegar
Se não por um mar de vinho.

• — •

Trabalhos da vida humana. — Metafora d'uma flor.

De que serviu tão florída,
Caduca flor, vossa sorte,
Se havia da propria morte
Ser ensaio a vossa vida?
Quanto melhor advertida
Andáreis, em não nascer?
Que se a vida houvera ser
Instrumento de acabar;
Em deixares de brilhar,
Deixarieis de morrer.

Em quanto presa vos vistes
No botão, onde morastes,
Bem que a vida não lograstes,
De esperanças vos vestistes:
Mas depois que flor abristes,
Tão depressa fenecestes;
Que quasi a presumir déstes,
(Se se póde presumir)
Que para a morte sentir,
Sómente viver quizestes.

Fazendo da pompa alarde
Abre a rosa mais louçan;
E o que é galla na manhã,
Em luto se torna á tarde:
Pois á vida mais covarde
Se á mais fragil duração
Renascestes; por que não
Terei de crer fundamento,
Que foi vosso luzimento,
Da vossa sombra occasião.

E pois acabais florída,
Bem se vê flor desditosa,
Que a seres tão formosa,
Não foreis tão abatida:
Desgraçada por luzida,
Offendida por louçã,
Mostrais bem na pompa vã,
Ás mãos de tempo cobarde,
Que fenecestes na tarde,
Por luzires de manhã.

Assim pois, quando contemplo
Vossa vida e vossa morte,
Em vós, flor, da minha sorte
Contemplo o mais vivo exemplo:
Subí da fortuna ao templo;
Mas apenas subí dino,
Quando me mostra o destino,
Que a quem não é venturoso,
O chegar a ser ditoso,
É degráu de ser mofino,

A uns sujeitos, que se prenderam, porque costumavam, por sua devoção, irem apedrejar as janellas de palacio; indo um delles, que era mulato, a açoitar.

Senhores, com que motivo
Vos tentastes a fazer,
Sem castigo algum temer,
Arrôjo tão excessivo?
(Dizia o algoz compassivo
A um dos da carambola,
Postos em tal corriola)
E a gente que ali se poz,
Via a pé quedo ao algoz
Muitas vezes dar á sola.

Nestas retiradas ruas,
Que fazia o tal madraço,
Sacodia-lhe o espinhaço
C'um par de soletas cruas:
Dáva-lhe nas costas nuas
Palmadas tão bem dispostas,
Que o mulato com as mãos postas;
Disse dos açoites dados:
« Sendo dos mais os peccados,
« Eu somente os levo ás costas?

A gente, que isto lhe ouvia,
Por saber do caso atróz,
Instava muito ao algôz,
Lhe dissesse; e elle se ria:
Finalmente proseguia
A dizer o caso a uns poucos,
Que de pasmo estavam moucos,
E alguns delles quasi mudos,
Em ver que quatro sisudos
O officio tomem de loucos.

Diz-lhe mais o algôz pascácio:
Que sem terem nisso medras,
Os quatro atiraram pedras
Ás janellas de palacio:
E que fazendo *agarracio*
Dos tres escapou só um;
Mas cuidando ser algum
Dos mais ligeiros de pêso,
Fôra o que escapou de prêso,
Mais ligeiro que nenhum.

Um innocente, agarrado
Foi tambem na travessura;
Sendo que não faz loucura
Moço tão bem inclinado:
Outro será castigado
Pela ousadia sobeja;
E porque este vulgo veja,
Se com elle não se engana,
Fez com que pela semana
Não fosse ao domingo á igreja.

Estes outros dous ou trez,
Que se agarraram de noite,
Se é que escaparem do açoite,
Terão por certo galés:
Hão de sentir o revez
Deste excesso que fizeram,
Pois elles assim quizeram;
Mas vejo não sentirão,
Se por castigo, lhes dão
Ir para donde vieram.

Vós, que do caso adversario,
Em seguro vos pozestes;
Porque dos pés vos valestes,
Não sejaes tão temerario:
Sêde nisto imaginario,
Pois tambem déstes á sola;
Que se n'outra carambola
Vos metteis com amigo Baccho,
Sendo elle ás vezes velhaco,
Dará comvosco em Angola.

Satyra ao confessor do Arcebispo.

Eu, que me não sei calar,
Mas antes tenho por mingoa,
Não se purgar qualquer lingua,
A risco de arrebentar:
Vos quero, amigo, contar,
(Pois sois o meu secretario)
Um successo extraordinario:
Porém fique aqui entre nós.

Confessor ha jesuita,
Que ao ladrão do confessado,
Não só lhe absolve o peccado,
Mas os fructos lhe alcovita.
De precursor de visita,
Que na vanguarda marchando,
Vai pedindo, e vai sommando,
O demo ha de ser algoz:
Porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor
Não tem para que dizer
Furtos, que antes de os fazer
Já o sabe o confessor:
Cala-os, por ouvir melhor;
Pois, com officio alternado,
Confessor e confessado,
Ali se barbeam a sós:
Porém fique aqui entre nós.

Ali o ladrão se consente
Sem castigo e sem escusa;
Porque do mesmo se accusa
O confessor delinquente:
Ambos alternadamente,
Um a outro, e outro a um,
O peccado que é commum,
Confessa em commua voz:
Porém fique aqui entre nós.

Um e outro, á mór cautella,
Veem a ser neste incidente
Confessor e penitente;
Porém fique ella por ella.
O demo em tanta mazella,
Diz: faço porque façais;
Absolvo, porque absolvais;
Pacto inominado poz:
Porém fique aqui entre nós.

Não se dá a este ladrão
Penitencia em caso algum;
E sómente em um jejum
Se lhe tira a colação.
Elle estará como um cão
De levar a bofetada;
Mas na cara ladrilhada,
Emenda ou pejo não poz:
Porém fique aqui entre nós.

Mecanica disciplina,
Vem a ter por derradeiro,
O confessor marceneiro,
E o mercador carapina:
E como qualquer se inclina
A furtar e mais furtar,
Se conjura a escavacar
As bolças c'um par de enchós:
Porém fique aqui entre nós.

De tal confessor me abysma,
Que releve, e não se offenda,
Que um padre sagrado venda
O sagrado Oleo da Chrisma.
Por dinheiro a gente chrisma;
E por cera, havendo queixa,
Nem a . . . . ainda deixa,
Onde chrismando a mão poz:
Porém fique aqui entre nós.

Que em toda a franciscania
Não achasse um máo ladrão
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da *Apanhia!*
Nisto, amigo, ha sympatia;
E é, que lhe veio a pêllo,
Que uma vá atando no orêllo
O que outro mette no coz:
Porém fique aqui entre nós

Que tanta culpa mortal
Se absolva, não perco o tino;
Pois absolve um theatino
Peccados de pedra e cal:
Que na vida monacal
Quer dar-lhe a filha um debate— . . .
Vem dar-lhe o pão e a noz:
Porém fique aqui entre nós.

A freiras, com santas sedes,
Condemnadas sáem em pedra,
Quando o ladronaço medra,
Roubando pedra e paredes.
Vós, amigo, que isto vedes,
Deveis a Deus graças dar,
Porque vos fez secular,
E não zote de albernoz:
Porém fique aqui entre nós.

Á parda Marianna Rôla, que mandou em resposta ao A. uma carta em branco.

Tão discreta vos mostrais,
Como amante procedeis,
Quando me não respondeis,
E o coração me entregais:
Se a alma e coração me dais,
Pâra que outra expressão
De vosso amor e affeição?
São superfluas certamente
As vozes; quando presente,
Por si fala o coração.

Que importa, que em doce calma,
Vossa penna ou voz não diga
Que quereis ser minha amiga
Se o diz coração e alma?
Só vosso amor leva a palma
A todos; só é perfeito;
Pois não cabe com effeito,
Da penna e voz na expressão,
Cabendo no coração,
E em vosso amoroso peito.

Quando em branco o papel vi,
Logo de côres mudei;
Amarello me tornei
Do susto que concebi:
Mas depois que reflecti
No nosso enigma discreto,
Vi que era traça do affecto;
Pois se assim me deixa franco
O limpo papel em branco,
A sorte caiu-me em preto.

Já sei que estou recebido;
Pois se quem cala, consente,
Desta sorte, mudamente
Mostrais haver-me admittido:
Lembrado fui, se esquecido
Logo me considerei
Quando a carta em branco achei,
Dizendo, sem poder ter-me:
Ella deixou de escrever-me?
Pois no tinteiro fiquei.

A traça gabo e agradeço
Do amor, que em vós considero:
Um favor agora espero,
Se mais favores mereço:
Pâra falar-vos, vos peço
Licença, mui comedido;
Nem temais, que por querido,
Falte ao justo acatamento:
Prometto ser mais attento;
Resta que seja admittido.

Á morte de uma senhora.

Morrestes, nimpha bella,
Na florente idade:
Nascestes para flor;
Como flor acabastes!
Viu-te a alva no berço;
A vespera no jaspe:
Mimo fostes da aurora;
E lástima da tarde.
O nacar e os alvores
Da tua mocidade,
Foram se não mantilhas,
Mortalha a teus donaires.
Oh! nunca flor nascêras,
Se imitando-a tão fragil,
No ambar de tuas folhas
Te ungiste e te enterraste!
Morreste e logo o amor
Quebrou arcos e carcazes:
Que muito se lhe faltas,
Que logo se desarme?
Ninguem é neste monte,
Ninguem naquelle valle,
O cortezão discreto,
O pastor ignorante,
Que teu fim não lamente,
Dando aos quietos ares,
Já funebres endexas,
Já tragicos romances.

O ecco que responde
A qualquer voz do valle,
Já agora só escutam
Meus suspiros constantes.
A arvore mais forte,
Que gemia aos combates
Do vento que a meneia,
Ou do raio que a parte,
Hoje geme, hoje chora
Com lamento mais grave,
Fôrças da sua estrella,
Mais que a fôrça dos ares.
Os cyprestes já negam
Ás aves hospedagem;
Porque gemendo tristes,
Andam voando graves.
Tudo emfim se trocou,
Montes, penhas e valles;
O penedo insensivel;
O tronco vegetavel.
Só eu constante e firme,
Choro o teu duro trance,
O mesmo, triste sempre
Por toda a eternidade.
Oh! alma generosa,
A quem o ceo triumfante
Usurpou a meus olhos,
Pâra ser lá deidade!
Aqui onde o Caype
Já te erigiu altares,
Por deosa destes montes,
E por flor destes valles.

Agrario o teu pastor,
Não te formou de jaspes,
Sepulchro ás tuas cinzas,
Tumulo ao teu cadaver.
Mâs em lagrimas tristes,
E suspiros constantes,
De um mar tira dois rios,
De um rio faz dois mares.

Retracto de uma dama.

Retractar ao bizarro
Quero a Joannica,
Por ser moça galharda,
Bem parecida.
Que os cabellos são de oiro
Não se duvída;
Pois que Joanna é sol,
Que o certifica.
São seus olhos, por alvos,
Alvas do dia;
Que poem de ponto em branco
A rapariga.
Certo dia a encontrei,
Que alegre ria;
E lhe vi que de prata
Os dentes tinha.
Já entre elles a lingua
Apenas via:
Mas é certo que fala
Como entendida.

A bocca por bem feita,
E pequenina,
Vem-lhe a pedir de bocca
O ser bonita.
Que tem mãos liberaes,
Quem o duvída ;
Pois sempre ás mãos lavadas,
Dá como rica.
As mangas da camiza
Tem rendas finas ;
E lá vi que os seus peitos
Me davam figas.
Ser de peito atacado
Me parecia ;
Porque muito pequena
A cinta tinha.
Com um guarda-pé verde
Os pés cobria ;
Sendo que tomou pé
Pára ser vista.
Sim, julguei que pequenos
Os pés teria ;
Porque vi que de firme
Mui pouco tinha.
E com isto vos juro,
Minha menina,
Que vos quero e vos amo
Por vida minha.

Deprecações para a festividade de uns annos.

Pois os prados, as aves, as flores,
Ensinam amores,
Carinhos e affectos;
Venham correndo
Aos annos felizes,
Que hoje festejo.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem attentos
As aves canoras,
As flores fragrantes,
E os prados amenos.
Pois os dias, as horas e os annos,
Alegres e ufanos,
Dilatam as eras;
Venham depressa
Aos annos felizes,
Que amor festeja.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem deveras
Os annos fecundos,
Os dias alegres,
E as horas serenas.
Pois o ceo, os planetas e estrellas,
Com luzes tão bellas
Augmentam as vidas;
Venham luzidas
Aos annos felizes,
Que amor publíca.

Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem um dia
A esfera immovel,
Os astros errantes,
E as estrellas fixas.
Pois o fogo, a agua, a terra e os ventos,
São quatro elementos,
Que alentão a idade,
Venham achar-se
Aos annos felizes,
Que hoje se applaudem.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem contentes
A terra florída,
O fogo abrazado,
O amor furioso,
E as auras suaves.

Aos encantos da vida religiosa.

Quem da religiosa vida
Não se namora, e se agrada,
Já tem a alma damnada,
E a graça de Deus perdida:
Uma vida tão medida
Pela vontade dos ceos;
Que humildes ganham trofeos,
E tal glória se desfruta,
Que na mesa a Deus se escuta;
No côro se louva a Deus?

Esta vida religiosa,
Tão socegada e segura,
A toda a boa alma apura,
Affugenta a alma viciosa.
Ha coisa mais deleitosa,
Que achar o jantar e almoço
Sem cuidado, e sem sobrosso;
Tendo no bom e mau anno,
Sempre o pão quotidiano,
E escusar o Padre Nosso?

Ha coisa como escutar
O silencio, que a garrida
Toca depois da comida,
Pâra cozer o jantar?
Ha coisa como calar,
E estar só na minha cella,
Considerando a panella,
Que cheirava e recendia
No gôsto de malvazia,
Na grandeza da tigella?

Ha coisa como estar vendo
Uma mãi religião,
Sustentar a tanto irmão,
Mais ou menos reverendo?
Ha maior gôsto (ao que entendo)
Que agradar ao meu prelado,
Pâra ser delle estimado,
Se a obedecer-lhe me anímo;
E depois de tanto mimo,
Ganhar o ceo de contado?

Dirão réprobos e réos,
Que a sugeição é fastio;
Pois p'ra que é o alvedrio,
Senão para o dar a Deos?
Quem mais o sujeita aos ceos,
Esse mais livre se vê;
Que Deus (como ensina a fé)
Nos deixou livre a vontade;
E o mais é mór falsidade
Que os montes de Gelboé.

Oh! Quem, meu Jesus amante,
Do frade mais descontente
Me fizera tão parente,
Que eu fôra o seu similhante!
Quem me víra neste instante
Tão solteiro, qual eu era,
Que na ordem mais austera
Comêra o vosso maná;
Mas nunca direi que lá
Víra a fresca primavera.

A uma menina por ter mandado certos doces.

Pâra mim, que os versos fiz
De graça, um só doce basta;
Mas já sei que sois de casta
De fazer doces gentis:
E pois a fortuna quiz
Dar-me em premio esta fartura,
Pintada uma formosura;
Agora, por nova empreza,
Digo da vossa grandeza,
Que sois a *vida doçura*.

Vejo a frota da Gayba:
Entrou; e tomando terra,
Achou duas naus de guerra
De comboy á Cajaiba:
Estava eu vendo de riba
Ao Seregipe famoso;
Quando vi, com vento airoso,
Vir entrando pela barra,
Por cabo Ignacio Pissarra,
E por fiscal João Cardoso.

Toda a ilha se alvoroça,
Advinhando a fartura;
Pois que esta *vida doçura*,
Já fôra *esperança nossa:*
Toda a artilheria grossa
Com que esta ilha guardâmos,
Entre vivas disparâmos;
E toda a gente de pé,
Com os olhos em Marapé
Quer gritar *a ti bradâmos*.

Partiu-se o doce excellente
Entre os presentes, com arte;
Que entre ausentes não tem parte
O que veio de presente:
Cada qual se foi contente
Velhos, mancebos, meninos;
E estão em rogos continuos,
Pedindo com a bocca toda,
Que o doce façais de boda,
Pâra que sejamos dignos.

A uma bella parda.

Que pouco sabe de amor
Quem não viu ainda Catôna,
Que é nesta celeste zona,
Astro e luminar maior!
Tambem a violeta é flor,
E mais é negra a violeta;
E se bem póde um poeta
Uma flor negra estimar:
Tambem eu posso adorar
No ceo um pardo planeta.
Catôna é moça luzida,
Que a pouco custo se aceia:
Entende-se como feia;
Mas é formosa entendida.
Escusa-se commedida;
E ajusta-se envergonhada:
Não é tão desapegada,
Que negue a uma alma a esperança;
Porque em quanto não a alcança,
Não morra desesperada.
Pisa airoso e compassado;
Sabe-se airosa mover:
Calça, que é folgar de ver;
E mais calça a pé folgado.
Conversa bem, sem cuidado:
Ri sisuda na occasião:
Escuta com attenção:
Responde com seu desdem;
E inda responde bem,
E bemquista a sem razão.

É parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bella,
Podéra trocar com ella
A côr pelo entendimento.
É um prodigio, um portento;
E se vos espanta ver,
Que adrède me ando a perder;
Da-me por desculpa amor,
Que é femea trajada em flor,
E sol mentido em mulher.

Suspiros.

Suspiros! que pertendeis
Com tanto dispendio de ais;
Se quando um allívio achais,
Todo um segredo rompeis?
Não vêdes que a opinião
Sente o segredo perdido;
Porque do allívio adquirido,
Consta a sua perdição?
Não vêdes que, se acompanha
Ao desafogo do peito,
Mais se perde no respeito,
Do que no allívio se ganha?
Não vêdes que o suspirar
Diminue o sentimento;
E usurpais ao rendimento
Tudo quanto dais ao ar?
Mas direis que uma tristeza
Publíca a sua desgraça,
Porque o silencio não faça
Inutil sua fineza.

Direis bem ; que o padecer
De bella é o pondonôr ;
E guardar segredo á dôr,
Será agravar seu poder.
Eia pois, coração louco ;
Suspirai ; dai vento ao vento ;
Que tão grande sentimento,
Não periga com tão pouco.
Quem disser, que suspirais
Por dar á dôr desafogo ;
Dizei-lhe : que tanto fogo,
Ao vento se accende mais.
Não caleis suspiros tristes.
Que importa pouco o segredo ;
E já mais me vereis ledo,
Como algum tempo me vistes.

Declaração d'amor.

Sabeis Custodia que amor,
Inda que tyranno, é rei :
Faz leis, e não guarda lei,
Qual soberano senhor.
E assim eu quando vos pesco,
Que talvez vos chego a olhar,
As leis não posso guardar
Que temos de parentesco.
Que vossa bocca tão bella,
Tanto a amar-vos me provoca ;
Que por lembrar-me da bocca,
Me esqueço da parentella.

Mórmente, considerando
Vossa consciencia algum dia,
Que nenhum caso fazia
De ser filha ou enteada.
Dera-vos pouco cuidado
Ser eu vosso: mas assim,
Andam hoje pâra mim,
Vós e o mundo concertado.
Mas eu amo, sem confiança
Nos premios de pretendente:
Amo-vos tão puramente,
Que nem perco na esperança.
Belleza e graciosidade,
Rendem á força maior:
Mas eu, se vos tenho amor,
Tenho amor e não vontade.
Como nada disto ignoro;
Quizera, pois vos venero,
Que entendais que vos não quero,
E saibais que vos adoro.
Amar o bello é acção,
Que pertence ao entendimento:
Ama-o o conhecimento,
Sem outra humana paixão.
Amar e querer (Custodia)
Soam quasi ao mesmo fim:
Mas differem, quanto a mim,
E quanto á minha prozodia.
O querer é desejar;
A palavra o está expressando:
Quem diz quer está mostrando
A cobiça de alcançar.

Vi e quiz : segue-se logo,
Que o meu coração aspira
A lograr o bem que víra,
Dando á pena um desafogo.
Quem diz que quer vai mostrando
Que tem ao premio ambição ;
E finge uma adoração,
Um sacrilegio occultando.
Vil affecto, que ao intento
Foge, com nescia confiança ;
Pois guia para a esperança
Os passos do rendimento.
Quão generoso parece
O contrário amor, pois quando
Está o rigor supportando,
Nem penas cre que merece.
Quem á perfeição attento
Adora por perfeição,
Faz que a sua inclinação
Passe por entendimento.
Amor generoso tem
O amor por alvo melhor,
Sem cobiça ao que é favor,
Sem temor ao que é desdem.
Amor ama, amor padece
Sem premio algum pretender ;
E anhelando o merecer,
Não lhe lembra que merece.
Custodia : se eu considero,
Que o querer é desejar,
E amor é perfeito amar ;
Eu vos amo, e não vos quero...

Cóplas.

Já vos ides? Ai meu bem!
Já de mim vos ausentais?
Morrerei de saudades,
Se partís e me deixais.
E forçoso este argumento;
Tem conclusão infallivel:
Ires vós e ficar eu,
Meu amor, como é possivel?
Meu amor, sem vós não sei
Como poderei ficar:
Se vos partís, morrerei
Ao rigor do meu pesar.
Esperai; detende o passo;
Que cada arranco que dais,
Sendo vida da minha alma,
Alma e vida me levais.
Oh que rigoroso transe,
E saudosa despedida!
Já sinto as causas da morte
Com os effeitos da vida.
Lagrimas aljofaradas,
Como assim vos despenhais,
Sem reflectir tyrannias,
Nem attender a meus ais?
Adeus, de mim muito amada
Prenda, que me dais mil dores:
Como mais não hei de ver-vos,
Adeus, adeus, meus amores.

Dialogo entre o Demonio e a Alma.*

Alma — Se o descuido do futuro,
E a lembrança do presente,
É em mim tão continente,
Como do mundo murmuro?
Será porque não procuro
Temer do princípio o fim?
Será porque sigo assim
Cegamente o meu peccado?
Mas se me vir condemnado
Meu Deus! que será de mim?

Dem. — Se não segues meus enganos
E os meus deleites não segues,
Temo que nunca socegues
No florído de teus annos:
Vê como vivem ufanos
Os descuidados de si:
Canta, baila, folga e ri;
Pois se os que não se alegraram
Dois infernos militaram,
Banguê! que será de ti?

* Parodiando a modinha que se cantava na Bahia.
« Banguê! que será de ti? »

Alma — Se pâra o ceo me creastes,
Oh meu Deus, á imagem vossa,
Como é possivel que eu possa
Fugir-vos, pois me buscastes?
E se pâra mim tratastes
O melhor remedio e fim;
Eu, como ingrato Caim,
Deste bem tão esquecido,
Tendo-vos tão offendido,
Meu Deus! que será de mim?

Dem. — Todo o cantar alivia,
E todo o folgar alegra;
Toda a branca, parda e negra
Tem sua hora de folia:
Só tu na melancolia
Sem alívio: canta aqui,
E torna a cantar ali;
Que desse modo o praticam
Os que alegres prognosticam
Bangué! que será de ti?

Alma — Eu pâra vós offensor!
Vós pâra mim offendido!
Eu já de vós esquecido!
E vós de mim Redemptor!
Ai, como sinto, Senhor,
De tão mau princípio o fim!
Se me vales, assim
Como áquelle, que na cruz
Feristes com vossa luz,
Meu Deos! que será de mim?

Dem. — Como assim na flor dos annos
Colhes o fructo amargozo?
Não ves que todo o penozo
É causa de muitos damnos?
Deixa, deixa desenganos;
Segue os deleites, que aqui
Te offereço; porque alí
Os mais, que cantando vão
Dizem na triste canção:
Banqué! que será de ti?

Alma — Quem vos offendeu Senhor?
Uma creatura vossa?
Como é possivel que eu possa
Offender meu Creador?
Triste de mim peccador,
Se a glória que dais sem fim,
Perdida de um serafim,
Se perder em mim tambem!
Se eu perder tão grande bem,
Meu Deos! que será de mim?

Dem. — Se a tua culpa merece
Do teu Deus toda a esquivança,
Folga no mundo, e descança,
Que o arrepender aborrece:
Se o peccado te entristece,
Como já em outro vi;
Te prometto desde aqui,
Que os mais da tua facção,
E tu, no inferno dirão
Banqué! que será de ti?

SONETOS.

A certos enfidalgados.

Um calção de pindoba a meia zorra ;
Camiza de urucú ; mantéo de arára,
Em logar de cotó, arco e tacoára ;
Pennacho de guarás, em vez de gorra ;
Furado o beiço, sem temer que morra
O pai, que lhe envarou com uma titára :
Sendo a mãi a que a pedra lhe applicára
Por reprimir-lhe o sangue, que não corra.
Alarve sem razão, bruto sem fé ;
Sem mais lei que a do gôsto ; e quando erra,
De fáuno se tornou em abaeté.
Não sei como acabou, nem em que guerra :
Só sei que deste Adão de *Maçapé*,
Uns fidalgos procedem desta terra.

Bóte a sua casaca de veludo,
E seja capitão sequer dois dias :
Converse á porta de Domingos Dias,
Que péga fidalguia mais que tudo.
Seja um magano, um picaro, abelhudo ;
Vá a palacio ; e apoz das cortezias,
Perca quanto ganhar nas mercancias ;
E em que perca o alheio, esteja mudo.
Ande sempre na caça e montaria :
Dê nova locução, novo epitêto ;
E diga-o sem proposito á porfia :
Que em dizendo *facção*, *pretexto*, *affecto* ;
Será no entendimento da Bahia
Mui fidalgo, mui rico e mui discreto.

Faça misuras de A, com o pé direito;
Os beija-mãos de gafador da pella:
Saiba a todo o cavallo a parentella,
O dono, o criador e seu defeito.
Se o não souber, e o vir russim de geito,
Chame o lacaio, e posto na janella,
Mande que lh'o passeie á mór cautella;
Que ainda que o não entenda, se ha respeito.
Sáia na armada; soffra lá seus botes:
A ouvir cantar damas mais se applique:
Fale sempre na quinta, pôtro e galgo.
E com isto, e o favor de quatro asnotes,
De prompto ouvir e crer, se porá a pique
De amanhecer um dia um grão fidalgo.

A uma procissão de cinza em Pernambuco.

Um negro magro, em sufilié mui justo;
Dois azorragues de um joá pendentes,
Barbado o Peres; mais dois penitentes;
Seis crianças com azas sem mais custo:
De vermelho o mulato mais robusto;
Tres meninos fradinhos innocentes;
Dez ou doze brixotes mui agentes;
Vinte ou trinta canellos de hombro onusto.
Sem debita reverencia seis andores;
Um pendão de algodão tinto em tejuco;
Em fileiras dez pares de menores:
Atraz um negro, um cego, um mamaluco;
Tres lotes de rapazes gritadores:
É a procissão de cinza em Pernambuco.

Á abundante ilha de Gonçalo Dias.

Oh ilha rica, inveja de Cambaya,
Fertil de peixe, fructas e marisco!
Mais gallegos na praia do que cisco;
Mais cisco nos gallegos que na praia.
Tu, a todo o Brazil podes dar vaia,
Pois tantos lucros dás, e a pouco risco:
Tu abundas aos filhos de Francisco,
Picóte de cação, burel de arraia.
Tu, em côcos dás só á frota o lastro;
Fruta em toneis, a china ás toneladas;
Tu tens a sua carga ao teu cuidado.
Se sabe o preclarissimo Alemcastro
Que taes serviços fazes ás armadas,
Creio fará de ti um grão morgado.

A uma tormenta.

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
Do fogo e ar o ser se embaraçava,
Da terra e ar o ser se confundia.
Bramava o mar; o vento embravecia:
A noite em dia, emfim, se equivocava;
E com estrondo horrivel se assombrava
A terra, e se abalava, e estremecia.
Desde os altos aos concavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e penedos:
Pois dava o ceo, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com mêdos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos.

Contra os abusos do pulpito.

Via de perfeição é a Sacra Via;
Via do ceo, caminho da verdade:
Mas ir ao ceo com tal publicidade,
Mais que virtude, o deito a hypocrizia.
O ódio é d'alma infame companhia:
A paz, deixou-a Deos á christandade:
Mas arrastar por fôrça uma vontade,
Em vez de caridade, é tyrannia.
O dar pregões no pulpito é indecencia:
Que é de fulano? Venha aqui sicrano;
Porque peccado e peccador se veja...
Só proprio é de um porteiro de audiencia.
E se nisto mal digo, ou eu me engano;
Eu me remetto á Santa Madre Igreja.

Desenganos da vida humana.

É a vaidade, oh Fabio, nesta vida,
Roza, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição doirada,
Airosa rompe, arrasta presumida.
É planta, que de Abril favorecida,
Por mares da soberba desatada,
Florída galeota empavezada,
Sulca ufana, navega destemida.
É náu, emfim, que em breve ligeireza,
Com presumpção de Phenix generosa,
Galhardias aposta com presteza.
Mas ser planta, ser rosa e náu vistosa,
De que importa, se a guarda, sem defeza,
Penha a náu, ferro a planta, tarde a rosa?

Ao mesmo assumpto.

São neste mundo imperio de loucura,
Posse, engenho, nobreza e galhardia,
Os padrões da vaidade, em que confia
A presumpção dos homens sem cordura.
Mas se em cinzas se torna a formosura,
Se em cadaver a muda fidalguia,
É palestra do engenho a campa fria,
Se da riqueza é cofre a sepultura.
És tronco na dureza empenhascado;
És homem, mais que a rocha empedernido;
És marmore na constancia do peccado.
Como vives, ó homem presumido,
Vendo qual ha de ser teu triste estado,
Se és galan, nobre, rico ou entendido.

Estando para morrer.

Pequei, senhor: mas não porque hei peccado,
Da vossa alta piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.
Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisongeado.
Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal, e prazer tão repentino
Vos deu, como affirmais na Sacra História:
Eu sou, senhor, ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Idem.

Meu Deus, q̃ estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer,
Amoroso, constante, firme e inteiro.
Neste trance, por ser o derradeiro,
Pois veio a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.
Mui grande é vosso amor, e o meu delicto:
Porém, póde ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor, que é infinito.
Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei; neste conflicto
Espero em vosso amor de me salvar.

LITIGIOSAS

ENTRE OS DOIS IRMÃOS

GREGORIO, e EUSEBIO DE MATTOS.

GREGORIO, E EUSEBIO DE MATTOS.

Aos tormentos de Christo.

Sedenta estava a crueldade humana
De aggravos, e tormentos
Contra a Excelsa Divina Magestade,
Doce emprêgo de amor, summa bondade;
Que conhecendo a sem-razão tirana,
E os barbaros intentos, entre vicios,
Com que deixando tantos beneficios,
Prodigios e favores;
Os homens lhe pagavam com rigores:
De um fino amor e paciencia armado,
Se entrega a padecer com tal cuidado;
Que o tormento que instantes lhe faltava.
Maior tormento a seus desejos dava.

O odio os inculcava á cega gente;
Pois a um Deus, summo bem Omnipotente,
Rei dos ceos e da terra,
A paz dos anjos, e do inferno guerra;
A cuja voz os orbes se estremecem,
E a agua e ar, terra e fogo lhe obedecem:
Chegam a acclamar rei de zombaria;
E com tal ousadia,
Que usurpando-lhe o culto merecido,
Ao verdadeiro tractam por fingido;
Que até um Deos, que a réo se ha sujeitado,
Como, fingido rei se viu tractado;
Que causa quem se humilha, em baixos peitos
Destruição de cultos e respeitos.

De espinhos a coroa lhe teceram :
E se outra mais cruel tecer poderam,
Fazer-lha de si proprios, não se ignora
Que cada coração espinho fôra.
Setenta e duas fontes caudalosas
Da sagrada cabeça desatadas,
De purpuras banhadas
Deixaram frescas rosas,
Não em botão formosas:
E vendo o puro sangue verdadeiro
De Christo, innocentissimo cordeiro,
Cada qual torna a Deos o fabuloso,
Fazendo esperdiçar o precioso;
Pois o divino sangue parecia,
Quando ao rosto descia,
Entre magoas e penas,
Chuveiros de rubins sobre assucenas.

Mas quem viu, doce agrado dos meus olhos,
Jámais a flor ferida dos abrolhos?
Porém, como entre romanas mãos se viram,
Da condição dos homens se vestiram :
Porque da flor, jámais a formosura
Dos homens entre as mãos viveu segura.

Deixai, Senhor, que sinta o meu cuidado,
Ao verdadeiro amor vel-o vendado;
Pois o que a um Deus mentido
Fez a gentilidade; hoje atrevido
Fazel-o a vós, que sois Deus da verdade !
Oh vã gentilidade !
Se bem, Senhor, com tanta differença,
Que elle sôlto se vê; vós, meu Bem, prêzo:
Elle venerações, e vós desprêzo.

Mas sendo vós, Senhor, lince divino,
Foi cego desatino ;
E este injusto rigor sofrer não posso.
Mas permittil-o, foi misterio vosso ;
Porque as finezas vendo entre os amargos,
Tapais os olhos por não ver estragos.
E se acaso esses olhos soberanos
Tapais, só por não ver olhos humanos :
Da minha alma tirai a torpe venda,
Porque vendo quem sois, não vos offenda.

Aos açoites de Jesus Christo.

Oh céga tyrannia,
Armada de furor e de ousadia,
Que (innocente cordeiro) vos condemna
Do mundo á mais vil pena !
Mas, se por livrar-me dos maiores,
Vos sujeitais dos homens aos rigores ;
Com razão devo crer, pelo que vejo,
Satisfaz seu rigor vosso desejo :
Pois, como a vil escravo,
A fineza trocando pelo aggravo,
Atrevidos vos ferem,
E vos querem matar, porque não querem.

Á lançada que soffreu Jesus Christo.

Sacrilego e arrojado,
Sem vista, e cego de odio um cruel soldado,
Com lança penetrante,
Rompe atrevido o peito mais amante :
Mas, por lavar offensas rigorosas,
Fonte de brancas e encarnadas rosas

A offensa procurou tão apressada
Que pelos olhos dentro d'alma entrada,
Aquelle que não cria o que não via,
Creu no que via, e viu o que não cria;
E com o poder divino,
Lhe deu seu desatino o melhor tino:
Pois vendo o lado aberto a seu respeito,
Em lagrimas desfeito,
O coração de dôr quiz Deos se armasse,
Porque á ponta da lança o ceo ganhasse.

Ao *Ecce Homo.*

Hoje, que tão demudado
Vos vejo, por meu amor,
Espero, emfim, meu senhor,
Me hei de ver por ganhado.
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamar
Por vossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda a mais querem appellar.
Os termos se hão de trocar,
Que hoje a fé quer advertida,
Vendo em pena tão crescida,
A que é bem que se reporte,
Clamar porque vos dêm morte;
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestia
Pâra vos mostrar despido.
Eu tambem, amor querido,
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos poz
O impio povo ruim;
Já que vos despem por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentos vãos,
Loucuras, cegas vaidades;
Atem-se as mãos ás maldades,
Se á bondade lhe atam mãos:
Fiquem pensamentos sãos,
E a soberba se desfaça:
No peito a humildade nasça;
Morra a culpa, que me priva;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o auctor da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se enternece)
Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança fia
De vós, que alentos lhe dá
Uma fé, que viva está;
Que de amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenho
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada
Dessa vossa vestidura ;
E do sol a formusura
Se mostrou toda eclipsada !
A flor, por homens pisada ?
Oh que pena me causais !
Pois quando assim vos mostrais,
Conheço, ó pai amoroso,
Que por seres tão piedoso,
A tal piedade chegais.

A barbara crueldade
Dos homens, senhor, me admira ;
Pois se vestem da mentira
Para despir a verdade :
Não querem ter piedade,
Porque os céga a sem-razão ;
Porém, não é muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que quem com paixão se mostra,
Mal póde ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos ; que não é bem
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino :
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda ;
Porque vendo esse amor vosso,
Se offender-vos ver não posso,
Como é bem que vos offenda ?

Salve Rainha glozada.

Salve celeste pombinha;
Salve Divina Belleza;
Salve dos Anjos Princeza;
E dos Ceos *Salve Rainha*.
Sois graça, luz e concordia
Entre os maiores horrores;
Sois guia de peccadores
Madre de Misericordia.
Sois divina formosura;
Sois entre as sombras da morte,
O mais favoravel Norte;
E sois da *vida doçura*.
Porto, em que mais se resalve
Nossa fé que sois se alcança:
Sois, por ditosa esperança,
Esperança nossa: salve.
Vosso favor invocâmos
Como remedio o mais raro:
Não nos falte o vosso amparo;
E vêde que *a vós bradâmos*.
Os da patria desterrados,
Viver na patria desejam,
Quereis vós, que della sejam
Deste mundo *os degradados*?
Se Deus tanto agrado leva
De com os homens viver,
Como póde ausentes ver
Os mesmos *filhos de Eva*?

Humildes vos invocâmos
Com rogos enternecidos;
E a esse amparo rendidos,
Senhora, *a vós suspirâmos.*
Se Deus nos perdôa, quando
A nossa culpa é chorada;
Todos, por ser perdoada,
Estão *gemendo e chorando.*
Mas vós, por quem mais se vale
Lirio do valle, chorais?
E o vosso pranto val mais
Neste de lagrimas valle.
Já que tão piedosa sois,
Senhora, com o vosso rôgo,
Alcançai-nos perdão logo;
Apressai-vos: *eia pois.*
Porque desde agora possa
Triumfar qualquer de nós
De inimigo tão atroz,
Pedí, *advogada nossa.*
E em quanto nestes abrolhos
Do mundo, postos estâmos;
De nós, que o caminho errâmos,
Não tireis *os vossos olhos.*
Sejam sempre piedosos
Pâra nos favorecer;
E pâra nos defender
Sejam *misericordiosos.*
Pois remediar nos quereis
De vossos olhos co' a guia,
Gloriosa Virgem Maria
Sempre elles *a nós volvei.*

Livrai-nos de todo o erro,
Pâra que assim consigâmos
Graça, em quanto aqui andâmos,
E depois deste desterro.
E pois vosso filho é a luz,
E alumiar-nos quereis;
Para que esta luz mostreis,
Nos amostrai a Jesus.
E se como raio bruto
O fructo vemos vedado;
N'outro paraiso dado,
Veremos o *bento fructo.*
Em nossos corações entre
Seu amor; pois é razão,
Seja meu do coração
O que foi *do vosso ventre.*
De Jericó melhor rosa,
Puro e candido jasmim,
Quereis vós que seja assim,
Oh clemente! oh piedosa!
Tenhamos nossa alegria;
Esta doçura tenhamos;
Pois que tanta em vós achâmos
Oh doce Virgem Maria!
Se quem mais póde sois vós
Chegando a Deus a pedir;
Para melhor vos ouvir,
Pedí, e *rogai por nós.*
Que então, os favores seus
Muito melhor segurâmos;
Pois que nelles empenhâmos
A Santa Madre de Deus.

Dai-nos fortaleza e tinos,
Deste mundo contra os sustos;
Porque os bens sigamos justos,
Pâra que sejamos dignos.
E se nos concedeis isto
Que vos pede o nosso rôgo,
Mui dignos nos fazeis logo
Ser *das promessas de Christo.*
Seja pois, divina luz;
Melhor estrella, assim seja,
Para que por nós se veja
Vosso amparo *Amen Jesus.*

A Soledade da Virgem Maria.

Nos braços do occidente, agonisava
Em cristalino leito o pai do dia;
E a noite o negro manto desatava,
E de palidas sombras se vestia:
Quando a sentir saudades se apartava
Do melhor sol a aurora de Maria;
Acompanhando-a em seus mortais retiros
Ancias, penas, cuidados e suspiros.
Pérolas, que das conchas divididas,
Baixavam a eclipsados resplendores,
Sendo de um fogo amante produzidas,
Vitaes borrifos são das lindas flores;
Pois quando mais da lástima impellidas,
Do prado lisongeam os verdores;
Produzem com mortiferos ensaios,
Magoados abrís, saudosos maios.

A régia flor da rosa bella e pura,
O saudoso pranto em si recebe;
E por dar melhor gala á formusura,
Por copos de coral aljofar bebe:
Quando em Maria a pena mais se apura,
Brancas venturas seu carmim concebe;
Que póde a saudade rigorosa,
Fazer sua belleza venturosa.

Mas ainda assim, sentida e magoada,
A Maria acompanhada em seu tormento;
Que nos braços da pena desmaiada,
Só sente em si com vida o sentimento
Da vida de seus olhos apartada,
Tanto entrega o motivo ao pensamento;
Que o filho a quem lamenta sepultado,
Testemunha é fiel do seu cuidado.

Um ai lisongear a dor queria,
E a mesma dor no peito o embargava;
Porque uma dor a outra reprimia,
Quando um tormento a outro só buscava.
O melhor dos sentidos padecia,
Porque o melhor cuidado lhe faltava;
Sendo do coração em laço estreito,
Centro o sepulchro, e sepultura o peito.

Vendo sem luz o sol, que o mundo adora,
Murcha do prado a flor mais peregrina,
Ficou sem luz a mais suprema aurora,
Sem resplendor a estrella matutina.
Nas saudosas lagrimas que chora,
Firme levanta os creditos de fina;
Porque menos de dor a dor tivera,
Se o pranto um só suspiro interrompera.

Com o tormento a lingua emmudecida,
O coração no peito lhe falava;
E quando o écco n'alma repetia,
Resposta o coração reverberava,
Ai saudade! (o coração dizia)
Ai solidão! (a alma articulava)
Se uma dor, que está viva, é mais violenta,
A alma tem esta dor, que me atormenta.

Já sem a luz do claro sol ausente,
Me tem a saudade em noite escura;
Sendo a pena maior, que esta alma sente,
O ter a sua glória em sepultura.
A dor da solidão é tão vehemente,
E padecel-a tanto o amor procura;
Que quando alivio a tanto mal se achára,
Só por padecer mais, o não buscára.

Oh quanto agora, amado filho, oh quanto
Me lembra, que em Belem, em doces laços,
Vi vosso pranto alívio de meu pranto,
Sendo oriente desse sol meus braços!
Agora, em solitario e triste espanto,
Sigo daquellas lagrimas os passos;
E vem a agradecer lagrimas finas,
Favores de outras lagrimas divinas.

No vosso oriental oitavo dia,
Thesouro de rubins se antecipava;
Pois poucas dilações amor soffria;
Pressa para correr ao sangue dava.
Bem sei daquella dor que então sentia,
Meu bem, que a minha dor profetisava;
Sendo de amor aquelle humilde excesso,
Annúncio á solidão que hoje padeço.

De poderosos reis, pobres pastores.
Em meus braços vos vistes adorado;
Porqu' os vossos divinos resplendores,
Lhe haviam clara luz nas almas dado.
Mas agora sendo alvo dos rigores
Vos vistes pelos homens ultrajado —..
Nos braços de Simião, amor, quizestes
Passar das minhas mãos apresentado;
E como em mãos dos homens vos pozestes,
Logo andou com cuidado o meu cuidado;
Pois pelos homens hoje a ser viestes
Nos braços de uma cruz crucificado;
Para nesse sepulchro, que venero,
Ver a um Deos por querer, que tanto quero.
Já da minha amorosa companhia
Um tempo, oh doce amor, vos apartastes;
E por dar luz a quem a luz não via,
Sendo a luz de meus olhos, me deixastes.
Hoje, por semrazões da tyrannia,
Sem vós fiquei, e vós sem mim ficastes:
Que como estou sem mim, filho querido,
Nem em mim posso achar o que hei perdido.
Como penas procura o pensamento
Neste meu solitario e triste estado,
Quer meu amor, para maior tormento,
Que sem pena imagine o meu cuidado.
Se ao coração as penas dão sustento,
Não seja o coração alimentado;
Pois receio, na pena, encarecida,
Que deem ao coração as penas vida.

Sentindo a dor da vossa soledade,
Oh quem, pura Maria, hoje podéra,
As âncias reprimindo da vontade,
Tornar do peito o bronze em branda cera!
Porque em vossa maior penalidade,
Meu pranto companhia vos fizera;
E se eu sentir a vossa dor me víra
Não sentir como vós é que sentíra.

Tornada a rosa em candida assucena,
Publíca a vossa dor vosso semblante;
A quem o coração, de mágoa e pena,
Mil correios envia a cada instante.
Que suspireis, senhora, o amor ordena
Pelo querido filho, e doce amante:
Suspirai Virgem pura; que eu bem vejo
Ser pena o suspirar, porque é desejo.

Já sem acção nenhuma de vivente
Vos tem a triste dor, que o peito encerra,
Padecendo na lástima presente,
Em campanha de amor, saudosa guerra.
A vossa dor a morte não desmente;
E a vossa pena a vida não desterra:
Que viva estais, da pena magoada;
E morta, porque a vida está apartada.

Em quarta feira de Cinza.

Q'és terra, ó homẽ, e em terra has de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua igreja :
De pó te faz o espelho, em que se veja
A vil materia de que quiz formar-te.
Lembra-te Deus, que és pó, para humilhar-te ;
E como teu baxel sempre fraqueja
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe á vista a terra onde salvar-te.
Álerta, álerta, pois o vento berra ;
E se sopra a vaidade e incha o panno,
Na proa a terra teme, amaina, ferra.
Todo o lenho mortal, baxel humano,
Se busca a salvação, tome hoje terra ;
Que a terra de hoje, é porto soberano.

GLOZA.

Quão elevado vives neste mundo
Com os vicios crueis, a que te apegas,
Sem temeres que ha Deus, e que ha profundo
Inferno, para onde mais te chegas !
Homem ; não sabes, que do mais immundo
Barro, Deus te formou ? Pois como entregas
Toda a vida a deleites, sem lembrar-te
Q'és terra, ó homem, e em terra has de tornar-te ?
Essa galla, que ostentas desta vida,
Com tão desvanecido fundamento,
Has de ver brevemente reduzida
Em pó e cinza, que consome o vento.
Repara em tal razão mais que advertida,
Da verdade infallivel documento ;
E além de eu t'o lembrar, bem é se veja
Te lembra hoje Deus por sua Igreja.

O pai universal, que Deus creou
Então primeiro homem, sem segundo,
Não o fez de um vil pó quando o formou?
Pois que presumes tu que és neste mundo?
Se descendes de Adão; quem te enganou
Em não se conhecer teu ser immundo?
Repara em ti; porque hoje Deus e a Igreja,
De pó te faz o espelho em que se veja.

Presumes que ha de ser teu ser eterno?
Depois da morte, não se segue a conta?
Não conheces que ha Ceo, e que ha Inferno,
Onde a minima culpa se desconta?
E pois Deus, como amigo o mais interno,
Hoje com a graça as culpas te desconta;
Repara em ti, verás, para humilhar-te,
A vil materia de que quiz formar-te.

Dize, com que razão te persuades
Com soberba não ter emenda aos vicios?
A morte não respeita magestades:
Todos sentem a tempo os precipicios,
Hoje, repara bem, que com piedades,
Com santo zello, santos exercicios
Só para do vil mundo retirar-te
Lembra-te Deus que és pó, para humilhar-te.

Qual o lenho, que surca o mar Oceano
Para chegar ao porto dezejado;
E que quando navega mais ufano,
Se vê da tempestade derrotado:
Assim é teu baxel no mar mundano;
Aonde, sem remedio e com cuidado,
Verás o como a vida aqui peleja,
E como teu baxel sempre fraqueja.

Um inimigo grande tens comtigo.
Que é sempre a vaidade: que te tenta,
Foge pois do rancor deste inimigo,
Que só precipitar-te ao mal intenta:
Busca a Deus como brando e doce amigo;
Para que esse tyranno, que te augmenta
Os peccados, com Deus vencido seja
Nos mares da vaidade, onde peleja.
Para que neste mar tanto te alargas,
Se a tempestade á vista tens defronte?
Ve que só de peccados levas cargas.
E que vai teu baxel de monte a monte.
O piloto sagaz a quem te encargas,
Para o rio te leva de Acheronte:
Arriba a traz; que Deus para livrar-te,
Te põe á vista a terra onde salvar-te.
E já que para a terra Deus te guia,
A onde certa tens a salvação,
Não te engane do mundo a fantazia:
Busca esta terra, que é da Promissão.
O vento da vaidade aqui porfia,
Porque não quer que á terra chegues, não:
Olha que sópra muito; toma terra:
Alerta, álerta, pois o vento berra.
Caminha para a terra sem mudança;
Passa este mar de culpas desastrado;
Chegarás logo ao Cabo da Esperança,
De tantos navegantes dezejado.
Em chegares a terra, o bem se alcança;
Vigia, navegando com cuidado,
Se se levanta o mar cruel mundano,
E se sopra a vaidade e incha o panno.

Não busques outra terra, que esta é a boa:
Navega em quanto o mar te dá bonança;
Se o vento da vaidade já não sôa,
Cumprida te será tua esperança.
Não ponhas n'outra terra a tua proa;
Navega, sem fazeres mais mudança:
E se em chegar á terra o bem se encerra,
Na prôa a terra teme, amaina, ferra

Se acaso, de mundano mar batido,
Attento o teu baxel chega a tal terra,
Nesta terra ha de ser bem recebido;
Que nesta terra todo o bem se encerra:
Não receis que seja accommettido
Do inimigo cruel, que te faz guerra:
Que nesta terra, livre está do damno
Todo o lenho mortal, baxel humano.

Quem como alma devota enternecida
A esta terra chegar, é de tal sorte
Que além de conservar a eterna vida,
Prezerva a todos de uma escura morte.
E pois Deus como amante, te convida
A salvar-te por este sacro norte;
Se teu baxel periga em mar com guerra,
Se busca a salvação, tome hoje terra.

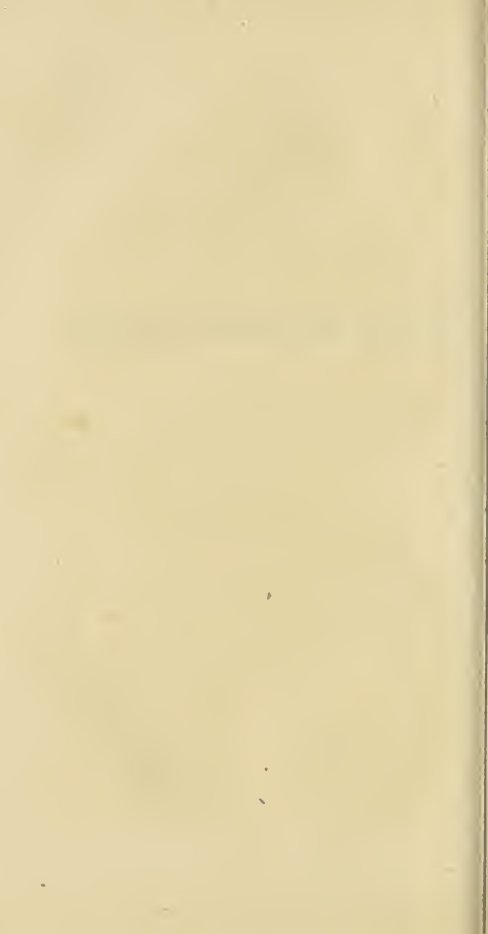
Desta terra farás um forte muro,
Onde das tentações terás victória:
Se aqui se espera todo o bem futuro,
Por meio desta terra irás á glória.
Esta terra, é do ceo pôrto seguro;
Chega, oh lenho mortal, que está notoria
A salvação que buscas a teu damno;
Que a terra de hoje é porto soberano.

A S. Francisco.

Oh magno serafim, que a Deus voaste
Com azas de humildade e paciencia;
E absorto já nessa divina essencia
Logras o eterno bem a que aspiraste!
Pois o caminho aberto nos deixaste
Para alcançar de Deus tambem clemencia,
Na ordem singular da penitencia,
D'estes filhos terceiros, que creaste.
A filhos (como pai) olha queridos;
E intercede por nós, Francisco santo,
Para que te sigamos e imitemos.
E assim, desse teu habito vestidos
Blazonemos na terra de bem tanto,
Que depois para o Ceo juntos voêmos.

Á canonisação do beato Stanisláu.

Na conceição o sangue esclarecido;
No nascimento a graça confirmada;
Na vida a perfeição mais regulada;
E na morte o triumfo mais luzido:
O sangue mal na Europa competido;
A graça nas acções sempre admirada;
A perfeição no breve consumada;
O triumfo no eterno merecido.
Tudo se vinculou ao ser profundo
De Stanisláo; que a glória do seu norte,
Foi ser portento ao ceo, prodigio ao mundo.
Por isso teve a fama de tal sorte,
Que o fazem nella vindos, sem segundo,
Conceição, nascimento, vida e morte.

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA.

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA.

CORRIAM os primeiros annos do seculo passado quando um velho brazileiro, filho da Bahia, se deliberava a apparecer em público com um volume de poesias. De idade quasi septuagenaria quer legar á posteridade o fructo de suas vigilias, e as provas de que foi um dos applicados que depois da guerra dos hollandezes appareceram a porfiar na tentativa de lançar os fundamentos da Poesia Brazileira. Seus collegas no mesmo intento já estavam mortos; mas delles as obras, que só existiam em mãos de particulares manuscriptas, iam desapparecendo, e o velho septuagenario, a quem nos referimos, quer evitar que o mesmo succeda ás suas. — Em 1703 trata-se das licenças para a impressão. — Prosegue esta em Lisboa pelo anno de 1704 na officina de Miguel Manescal, typographo do Santo Officio; e finalmente em principios de 1705 sae a público um volume em 4.° de 340 paginas, com este titulo = *Musica do Parnasso, dividida em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias.*

Chama-se o velho autor da obra Manoel Botelho de Oliveira; é capitão mór, e é além disso fidalgo da casa real. Nascido em 1636, fôra por seu pai o capitão de infanteria Anto-

nio Alvares de Oliveira, mandado a Coimbra, estudar a jurisprudencia em tempo de Gregorio de Mattos. Em Portugal se aperfeiçoou na lingua latina, e se dedicou á italiana, e ainda mais á castelhana, que era então moda, principalmente para os apologistas do Gongora e do gôsto chamado *culto*, que tanto exercitavam os academicos *Singulares* de 1663 a 1665, e haviam exercido annos antes os *Generosos* tendo á sua parte Francisco Manoel.

Botelho de Oliveira regressando á Bahia la exercêra por muitos annos a advocacia, sendo algum tempo vereador da camara da mesma cidade. — O seu nobre porte graugeou-lhe sempre ahi consideração, já para com os governadores, que talvez alguma vez adulava, já para com a demais sociedade, em geral bastante litterata, segundo o proprio Botelho de Oliveira, que nol-o confirma na sua dedicatoria:

« Nesta America, inculta habitação antiga-
« mente de barbaros indios, mal se podia es-
« perar que as Musas se fizessem brazileiras;
« comtudo quizeram tambem passar-se a este
« emporio, onde, como a doçura do assucar é
« tão sympathica com a suavidade do seu can-
« to, acharam muitos engenhos que, imitando
« aos poetas de Italia e Hespanha. se applicas-
» sem a tão discreto entretenimento, para que
« se não queixasse esta última parte do mundo,
« que assim como Apollo lhe communica os
« raios para os dias, lhe negasse as luzes para
« os entendimentos. Ao meu, posto que infe-
« rior aos de que é tão fertil este paiz, dicta-

« ram as Musas as presentes rimas, que me
« resolvi expôr á publicidade de todos, para
« ao menos ser o primeiro filho do Brazil, que
« faça pública a suavidade do metro, já que o
« não sou em merecer outros maiores creditos
« na poesía. »

Com estes « maiores creditos » allude seguramente Botelho aos dois irmãos Mattos, e a Bernardo Vieira Ravasco, de quem diz Barbosa vira seu irmão quatro volumes manuscriptos na Bahia; mas infelizmente não chegaram a nosso conhecimento senão algumas poesias insignificantes em castelhano. — E quem sabe se alludia tambem já a Brito de Lima, e ao Itaparicano, dos quaes adiante nos vamos occupar.

Não fazemos aqui considerações críticas sôbre as composições contidas na *Musica do Parnaso*, pois terão ellas melhor cabida n'outro logar. — Limitemos-nos a sentir que o autor seguisse a maxima de demorar as obras para bem as corrigir, com tanta exageração que se reservasse só a publical-as, e provavelmente a corrigil-as de todo, na caducidade. — Se os sons da *Musica* não são desacordes e não dão a conhecer um ouvido cansado, ha muitas poesias que indicam que as faculdades inventivas estavam attenuadas. Não porém nas que escolhemos para amostra.

Manoel Botelho de Oliveira passou a melhor vida aos 5 de Janeiro de 1711. — A sua obra é rara, mas pouco procurada. A Academia de Lisboa declarou-a classica de linguagem no que está em portuguez.

A ilha da Maré.

Jaz em obliqua fórma e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro della
A pretende gozar, por ser mui bella.
Nesta assistencia tanto a senhorea,
E tanto a galantea,
Que do mar de Maré tem o appellido,
Como quem présa o amor de seu querido:
E por gôsto das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas âncias successivas,
São do amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por fóra é pouco apetecida,
Porque aos olhos por feia é parecida;
Porém dentro habitada
É muito bella, muito desejada,
É como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.
Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.

Por um e outro lado
Varios lenhos se vêem no mar salgado.
Uns vão buscando da cidade a via,
Outros della se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.
Os pobres pescadores em saveiros,
Em canoas ligeiros,
Fazem com tanto abalo
Do trabalho maritimo regalo;
Uns as redes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no Mundo é desventura:
Outros no anzol fiados
Tem aos miseros peixes enganados,
Que sempre da vil isca cobiçosos
Perdem a propria vida por gulosos.
Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para apetite
Faz gostoso convite
E se póde dizer em graça rara
Que a mesma naturesa os temperára.
Não falta aqui marisco saboroso,
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flammantes,
Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retrogrados c'ranguejos,
Que formam pés das boccas com festejos,
Ostras, que alimentadas

Estão nas pedras, onde são geradas,
Em fim tanto marisco, em que não falo,
Que é vario perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do Inverno os desfavores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas por adorno appetecido
Faz a divina Flora seu vestido.
As fruitas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
Que como junto ao mar o sitio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gôsto.
As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em dôze mezes lhe sazona o fruito,
E não quer, quando o fructo se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.
As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E têem sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria,
Como maiores são, têem mais valia.
Os limões não se presam,

Antes por serem muitos se despresam.
Ah ! se a Hollanda os gozára !
Por nenhuma provincia se trocára.
As cidras amarellas
Caindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
É bem que estejam pelo chão caídas :
As uvas moscateis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imaginára
Que alguem dos seus pomares as furtára ;
Dellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em dòze mezes.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados,
Bem se póde dizer que são lettrados ;
Não falo em Valariça, nem Chamusca :
Porque todos offusca
O gôsto destes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recreia,
É cada melancia uma colmeia,
E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gôsto.
Aqui não faltam figos,
E os solicitam passaros amigos,

Appetitosos de sua doce usura,
Porque cria appetites a doçura;
E quando acaso os matam,
Porque os figos maltratam,
Parecem mariposas, que embebidas
Na chamma alegre, vão perdendo as vidas.
As romãs rubicundas quando abertas
Á vista agrados são, á lingua offertas,
São thesouro das fruitas entre affagos,
Pois são rubís suaves os seus bagos.
As fruitas quasi todas nomeadas
São ao Brazil de Europa trasladadas,
Porque tenha o Brazil por mais façanhas
Além das proprias fruitas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
Galhardos e frondosos
Criam cocos gostosos;
E andou tão liberal a naturesa
Que lhes deu por grandeza,
Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento.
De várias côres são os cajús bellos,
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas várias côres,
Tambem se mostram varios nos sabores;
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha,
As pitangas fecundas
São na côr rubicundas,
E no gosto picante comparadas
São de America ginjas disfarçadas,
As pitombas douradas, se as desejas,

São no gôsto melhor do que as cerejas,
E para terem o primor inteiro
A ventagem lhe levam pelo cheiro.
Os araçazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem dellas
De várias castas marmeladas bellas.
As bananas no mundo conhecidas
Por fruto e mantimento appetecidas,
Que o céo para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs ou baonesas,
Com peros verdeaes ou camoesas:
Tambem servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;
É conducto tambem que dá sustento,
Como se fosse proprio mantimento;
De sorte que por graça ou por tributo
É fruto, é como pão, serve em conducto.
A pimenta elegante
É tanta, tão diversa e tão picante,
Pàra todo o tempero accomodada,
Que é muito avantajada,
Por fresca, e por sadia
A que na Azia se gera, Europa cria;
O mamão por frequente
Se cria vulgarmente,
E não présa o Mundo,
Porque é muito vulgar em ser fecundo.
O marcujá tambem gostoso e frio
Entre as fruitas merece nome e brio;

Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado;
É bello, cordeal, e como é molle,
Qual suave manjar todo se engolle.
Vereis os ananazes,
Que para rei das fruitas são capazes;
Vestem se de escarlata
Com magestade grata,
Que para ter do Imperio a gravidade
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a corôa levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas
Não ha corôa no Mundo sem espinhas.
Este pomo celebra toda a gente,
É muito mais que o pécego excellente,
Pois lhe leva a vantagem gracioso
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

Além das fruitas, que esta terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia;
A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa,
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almiscar oloroso;
Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh que galharda fruita e soberana
Sem ter indústria humana!
E se Jove as tirara dos pomares,
Por Ambrosia as puzera entre os manjares!

Com a mangava bella a semelhança
Do macujé se alcança,
Que tambem se produz no mato inculto
Por soberano indulto,
E sem fazer ao mel injusto aggravo,
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras fruitas dissera, porém basta
Das que tenho descripto a vária casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brasil sustentos duplicados:

Os mangarás que brancos ou vermelhos,
São da abundancia espelhos;
Os candidos inhames, se não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.
As batatas, que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;
Dellas se faz a rica batatada
Das Belgicas nações sollicitada.
Os carás, que de roxo estão vestidos,
São loyos dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja cor honesta
Se quiz cobrir de roxo por modesta.
A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta:
Que sempre o que é feliz, se difficulta.
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fructo deleitosa;
Della se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito

Se arranca, se desfaz, se coze o fruito;
Della se faz tambem com mais cuidado
O beyjú regalado,
Que feito tenro por curioso amigo,
Grande ventagem leva ao pão de trigo.
Os aypins se aparentam
Co' a mandioca, e tal favor alentam,
Que tem qualquer, cosido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.
O milho que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho,
Que são mãos liberaes as mãos de milho.
O arroz semeado
Fertilmente se vê multiplicado;
Calle-se de Valença por estranha
O que tributa a Hespanha,
Calle-se do Oriente
O que come o gentio, e a Lizia gente,
Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido.

Tenho explicado as fruitas e legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;
Tenho recopilado
O que o Brazil contém pâra invejado,
E pâra preferir a toda terra,
Em si perfeitos quatro AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos, ;
Tem o segundo A nos ares puros,
Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro A nas aguas frias,

Que refrescam o peito, e são sadias,
O quarto A no açucar deleitoso,
Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
São pois os quatro AA por singulares
Arvoredos, *assucar*, *agoas*, *ares*.

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso,
Que quando quiz o fado antiguamente
Era rei dos engenhos preminente,
E quando Hollanda perfida e nociva
O queimou, renasceu qual Fenis viva.

Aqui se fabricaram tres capellas
Ditosamente bellas,
Uma se esmera em fortaleza tanta,
Que de aboboda forte se levanta;
Da Senhora das Neves se appellida,
Renovando a piedade esclarecida,
Quando em devoto sonho se viu posto
O nevado candor no mez de Agosto.
Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado parocho entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em sacro alento
Glória da igreja, do Japão protento.
Outra capella aqui se reconhece,
Cujo nome a engrandece,
Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,
Que foi por singular mais formosa
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.

Esta ilha de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia.
Tem quasi tudo quanto o Brazil todo,
Que de todo o Brazil é breve apodo;
E se algum tempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipre despresára,
Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.

Romance em Exdruxulos. *

Escreveis ao rei monarchico
O mal do estado brazilico,
Que perdendo o vigor flórido,
Se vê quasi paralytico.
Porém vós, como catholico,
Imitando a Deus bonissimo,
Lhe dais a piscina placida
Pâra seu remedio líquido.
De todo o corpo republico
O dinheiro é nervo vívido,
E sem elle fica languido,
Fica todo debellissimo.
Em vossos arbitrios optimos
Sois tres vezes scientifico,
Dictando o governo de ethico,
Economico e politico,

* Publicâmos este romance, não tanto pelo seu merecimento, como por mostrarmos imparcialidade á memoria do governador A. L. G. da Camara Coutinho, a quem foi dirigido, e o qual tão maltratado deixámos por Gregorio de Mattos.

Aos engenhos dais anelitos,
Que estando de empenhos tysicos,
Tornam em amargo vómito
O mesmo assucar dulcissimo.
Tambem da pobresa misera
Attendeis ao estado humilimo,
Assim como o raio delfico
Não despresa o logar infimo.
. Aos mercadores da America
Infundís de oiro os espiritos,
Quando propondes o próvido
Com penna de oiro finissimo.
Pasma em Portugal atonito
Todo o estadista satyrico,
E as mesmas censuras horridas
Vos dão faceis panegiricos.
Se falais verdade ao Principe,
Não temais o zoilo rígido,
Que ao sol da verdade lucida
Não faz mal o vapor crítico.
O Brazil a vossos meritos
Como se fôra fatidico,
Vos annuncia o sceptro maximo
Sôbre o Ganges e mar índico.
Sois em vossas obras unico
Pàra maiores, ou minimos,
Sois na justiça integerrimo,
Sois na limpeza clarissimo.
Sois descendente do Camara,
Aquelle Gonçalves inclyto,
Que com discurso astronomico
Sugeitou golfos maritimos.

Sois tambem Coutinho impavido,
Mas vosso couto justissimo
Não val a homicidas reprobos,
Nem a delinquentes rispidos.
Vosso filho primogenito
Aprende de vós solícito
As virtudes para bellico,
As acções para magnífico.
Em seus annos inda lubricos
Tem verdores prudentissimos,
É com gravidade lepido,
É sem soberba illustrissimo.
Vivei senhor muitos seculos
Entre applausos felicissimos
Onde nasce Apollo férvido,
Onde morre o pólo frígido.

SONETOS.

Aos maus juizes.

Que julgas, ó ministro de justiça?
Porque fazes das leis arbitrio errado?
Cuidas que dás sentença sem peccado,
Sendo que algum respeito mais te atiça;
Pâra obrar os enganos da injustiça?
Bem que teu peito vive confiado,
O entendimento tens todo arrastado
Por amor, ou por odio, ou por cobiça.
Se tens amor, julgaste o que te manda;
Se tens odio, no inferno tens o pleito,
Se tens cobiça é barbara, execranda.
Oh miseria fatal de todo o feito!
Que não basta o direito da demanda,
Se o julgador te nega esse direito.

Á morte de padre Vieira.

Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado,
Bem que sejais de todos applaudido.
Nas sacras Escripturas embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;
Elle de Africa assombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.
Morrestes; porém não; que ao mundo atroa
Vossa penna, que applausos multiplica,
Com que de eterna vida vos coroa;
E quando immortalmente se publíca,
Em cada rasgo seu a fama vôa,
Em cada escripto seu uma alma fica.

Á morte do irmão do dito.

Idea illustre do melhor desenho
Fostes entre o trabalho successivo,
E nas ordens do Estado sempre activo
Era o zêlo da patria o vosso empenho.
Ostentastes no offício o desempenho
Com prompta execução, discurso vivo,
E formando da penna o vôo altivo,
Aguia se viu de Apollo o vosso engenho.
Despede a morte, cegamente irada,
Contra vós uma setta rigorosa,
Mas não vos tira a vida dilatada:
Que na fama immortal e gloriosa,
Se morrestes como aguia sublimada,
Renasceis como Fenix generosa.

Sôbre a morte dos dois ditos irmãos a um tempo.

Creou Deus na celeste architectura
Dois luzeiros com giro cuidadoso,
Um que presida ao dia luminoso,
Outro que presidisse á noite escura.
Dois luzeiros tambem de igual ventura
Creou na terra o Artifice piedoso;
Um, que foi da Escriptura sol famoso,
Outro, planeta da ignorancia impura.
Brilhando juntos um e outro luzeiro,
Com sábia discrição, sizo profundo,
Não podia um viver sem companheiro.
Succedeu justamente neste mundo,
Que fenecendo aquelle por primeiro,
Este tambem feneça por segundo.

ANONYMO ITAPARICANO.

ANONYMO ITAPARICANO.

Debaixo desta designação vamos alistar no nosso ensaio de bibliotheca da poesia brazileira outro americano cultor das amenas lettras. Foi elle mesmo quem quiz figurar com tal designação; e ainda que nos fôra possivel romper o anonymo, de proposito o não tentaramos. Na religião e sanctuario das lettras ha mysterios que os seus sacerdotes devem respeitar, quando não atinjam os motivos que teria o seu primitivo mestre para os instituir.

Eis os factos. Veio-nos á mão um livro em 4.º rarissimo, não mencionado em catalogo ou bibliotheca alguma, de 128 paginas (além das 4 no princípio), sem logar, nem anno da impressão, e com o seguinte titulo no rosto: = *Eustachidos. Poema sacro e tragicomico, em que se contém a vida de* S.to *Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher, e filhos. Por um anonymo, natural da Ilha de Itaparica, termo da Cidade da Bahia. Dado á luz por hum devoto do Santo.* =

Copiâmos textualmente o rosto inteiro, e com a propria orthographia. O livro é todo em oitavas, e é precedido do seguinte prologo:

« Amigo leitor, que tal te considero, pois « abres livro de versos para ler, no que mos- « tras que és inclinado a elles; porque só « quem sabe da arte, a estima. Saberás que « lendo eu nos meus primeiros annos a vida de « Santo Eustachio, e considerando os periodos « admiraveis della, tive um grande desejo de a « escrever em livro particular, e em metro, cuja « cadencia e consonancia causa mais deleita- « ção aos leitores. Muitas vezes no decurso de « minha vida quiz lançar fóra este pensamento, « attendendo á minha insufficiencia, e outras « occupações, mas nunca o pude deixar em « muitos annos, até que Deus foi servido, que « désse cumprimento ao meu desejo. Bem sei, « que repararás não declarar o meu nome, ao « que respondo, que não busco glória para « mim, mas só a accidental para o Santo, e « mover aos que lerem á devoção, imitação, « paciencia, fortaleza e conformidade nos con- « tratempos e infortunios desta miseravel vida. « Porém como sabes da minha patria, sendo « esta uma pequena ilha, com pouca, ou ne- « nhuma literattura, com muita facilidade, se « quizeres, podes vir em conhecimento do « Autor. —*Vale.* »

Por este final o poeta que, na parte da glória que lhe caberia por esta composição, fez abnegação do seu nome em pró de todos os seus conterraneos, em renome da bahiana ilha sua

natalicia, o proprio poeta, dizemos, consente que pela sua naturalidade o descubramos. Ora pois, as lettras, sobretudo as do princípio do seculo passado, a que indubitavelmente pertence o livro por todos os indicios typographicos, não conhecem outro itaparicano seu cultor, além do Padre jesuita Francisco de Sousa, autor da conhecida obra = *O Oriente Conquistado* =, impressa em 1710, isto é, tres annos antes de elle morrer. Contentemo-nos come sta simples indicação, e remettamos para Barboza quem deseje saber a vida deste filho de Santo Ignacio. Nós aqui só teremos que ver com o *Anonymo itaparicano*, e com o conteudo do livro, a que nos estamos referindo.

Consta o poema *Eustachidos* de seis cantos, precedidos cada qual de uma oitava por argumento. Não podêmos deixar de crer que foi inspirado na idéa pelo poema latino = *Eustaquius* = de *L'Abbé*, impresso em 1672. Julgámos dignas de ser transcriptas no *Florilegio* a Descripção do Inferno e a Tomada de Jerusalem, e chamam muito a nossa attenção as oitavas (13 a 22) do Canto 5.°, em que o autor se introduz na invenção d'um sonho, que faz narrar da maneira seguinte:

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorando,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca atégora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil e jucundo,
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre continua a primavera.

Dellas estavam pomos pendurados
Diversos na fragancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a phantasia me figura
Havia um pau de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda.

Passaros muitos de diversas côres
Se viam várias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licôres
Em cópia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza superiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as vêas,
Que de alguns rios se acha nas arêas.

E quando a vista estava apascentando
Destas coisas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
Naquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muita corcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pesados mais vestidos;
Andava sempre mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accommodava,
Do qual pâra o passeio se ajudava.

Fiquei desta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo perguntei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho for mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassallada :
Não te posso dizer o como : e sendo
Esta notícia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a falar-te desta moda,
Mas de outra coisa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te accommoda :
Bem podes começar della a gozar-te,
Que pâra isso vou andando em roda,
E pâra que não estejas cuidadoso.
Quero dar-te a notícia presagioso.

Naquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fértil e aprasivel,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensivel)
Ha de vestir a pueril mantilha,
Depois de nella ter a aura visivel,
Um, que pâra que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hypocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que della ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinsica e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e desses dois dessa pousada
Ha de cantar em lyra temperada.

No mesmo livro, e depois do poema, encontra-se a = *Descripção da Ilha de Itaparica, termo da Cidade da Bahia, da qual se faz menção no Canto quinto.* = titulo este que se lê em ar de rosto a pag. 105.

Esta descripção consta de 65 oitavas, das quaes não pretendiamos publicar as 43 primeiras — por serem destas algumas insulsas e sem interesse — Mas o amor da patria que transpira na 2.ª, os esclarecimentos ácerca da velhice do autor que se lêem na 3.ª, e não menos o desejo de não mutilar um tal canto de assumpto brazilico por esta primeira vez que vai ser conhecido, deliberou-nos a admittil-o na integra no *Florilegio*, certos de que os leitores nol-o agradecerão.

Descripção da ilha de Itaparica.

1. Cantar procuro, descrever intento
Em um heroico verso e sonoroso
Aquella, que me deu o nascimento,
Patria feliz, que tive por ditoso:
Ao menos com este humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou affectuoso,
Porque é de ânimo vil e fementido
O que á patria não é agradecido.
2. Se nasceste no Ponto ou Lybia ardente,
Se no Pindaso viste a aura primeira,
Se nos Alpes ou Etna comburente
Princípio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, leitor, ser delinquente,
Negando a tua patria verdadeira:
Que assim mostras herdaste venturoso
Animo heroico, peito generoso.
3. Musa, que no florído de meus annos
Teu furor tantas vezes me inspiraste,
E na idade, em que vem os desenganos,
Tambem sempre fiel me acompanhaste!
Tu, que influxos repartes soberanos
Desse monte Helicon, que já pizaste,
Agora me concede o que te peço,
Pâra seguir seguro o que coméço.

4. Em o Brazil, provincia desejada
Pelo metal luzente, que em sí cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi de Cabral, que os mares descorria,
Porto donde está hoje situada
A opulenta e illustrada Bahia,
Jaz a ilha chamada Itaparica,
A qual no nome tem tambem ser rica.

5. Está posta bem defronte da cidade:
Só tres legoas defronte, e os moradores
Daquella a esta vem com brevidade,
Se não faltam do Zephiro os favores;
E ainda quando com ferocidade
Eolo está mostrando os seus rigores,
Pâra a côrte navegam, sem que cessem:
E parece, que os ventos lhe obedecem.

6. Por uma e outra parte rodeada
De Neptuno se vê tão arrogante,
Que algumas vezes com procella irada
Infia o melancolico semblante;
E como a tem por sua, e tão amada,
Por lhe pagar fiel fóros de amante,
Muitas vezes tambem serenamente
Tem encostado nella o seu tridente.

7. Se a deosa Citerea conhecêra
Desta ilha celebrada a formosura,
Eu fico, que a Neptuno promettêra
O que a outros negou cruel e dura:
Então de boamente lhe offerecêra
Entre incendios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançára
Por esta a sua Chipre desprezára.

8. Pela costa do mar a branca arêa
É para a vista objecto delicioso,
Onde passêa a nympha Galatêa
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recrea
Com aspecto gentil, donaire airoso,
Começa a semear das roupas bellas
Conchinhas brancas, ruivas e amarellas.

9. Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em saveiros
Não receando o elemento undoso,
Neste exercicio estão dias inteiros;
E quando Aquilo e Bóreas procelloso
Com furia os accommette, elles ligeiros
Colhendo as vélas brancas ou vermelhas
Se accommodam c'os remos em parelhas.

10. Neste porém maritimo regalo
Uns as redes estendem diligentes,
Outros com fôrça, indústria e intervallo
Estão batendo as ondas transparentes:
Outros n'outro baixel sem muito aballo
Levantam cobiçosos e contentes
Uma rede, que chamam zangarea
Para os saltantes peixes forte têa.

11. Qual a aranha sagaz e ardilosa
Nos ares fórma com subtil fio
Um labyrinto tal, que a cautelosa
Mosca nelle ficou sem alvedrìo,
E assim com esta mannha industriosa
Da misera vem ter o senhorio,
Taes são com esta rede os pescadores
Para prender os mudos nadadores.

12. Outros tambem por modo differente,
Tendo as redes lançadas em um seio,
Nas corôas estão postos firmemente,
Sem que tenham do pélago receio:
Cada qual puxa as cordas diligente,
E os peixes vão fugindo para o meio,
Té que aos impulsos do robusto braço
Vem a colher os miseros no laço.

13. Nos baixos do mar outros tarrafando,
Alerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gôsto são deliciosos:
Em canoas tambem de quando em quando
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos
Ficam perdendo aqui as proprias vidas,
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

14. Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia, e de casta vária,
Que para saciar ao appetitoso,
Não se duvída é coisa necessaria:
Tambem se cria o lagostim gostoso,
Junto co' a ostra, que por ordinaria
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

15. Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a côr pouco vistosa,
Logo vestem, depois que são cosidos,
A côr do nácar, ou da tiria rosa:
Os c'rangueijos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Busios tambem se vêem de musgo çujos
Sernambis, mexilhões e caramujos.

16. Tambem pertence aqui dizer ousado
Daquelle peixe, que entre a fauce escura
O Propheta tragou Jonas sagrado,
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
Porém sendo do Altissimo mandado,
O tornou a lançar são sem lesura
(Conforme nos affirma a antiguidade)
Em as praias de Ninive cidade.

17. Monstro do mar, gigante do profundo,
Uma torre nas ondas soçobrada,
Que parece em todo o ambito rotundo:
Jámais bêsta tão grande foi creada:
Os mares despedaça furibundo
Co' a barbatana ás vezes levantada;
Cujos membros teterrinos e broncos
Fazem a Thetis dar gemidos roncos.

18. Balêa vulgarmente lhe chamâmos,
Que como só a esta ilha se sujeita,
Por isso de direito a não deixâmos,
Por ser em tudo a descripção perfeita;
E para que bem claro percebamos
O como a pescaria della é feita,
Quero dar com estudo não ocioso
Esta breve notícia ao curioso.

19. Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido,
Estando á vista de terra já chegado,
Cujos signaes Neptuno dá ferido,
Em um pôrto desta ilha assignalado,
E de todo o precioso prevenido,
Estão umas lanchas leves e veleiras,
Que se fazem c'os remos mais ligeiras.

20. Os Nautas são ethiopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns mestiços em a côr adustos,
Cada qual pelo esfôrço assignalado:
Outro ali vai tambem, que sem ter sustos
Leva o harpão da corda pendurado,
Tambem um, que no officio a Glauco offusca,
E pâra isto Brasilo se busca.

21. Assim partem intrépidos sulcando
Os palacios da linda Panopêa,
Com cuidado solícito vigiando
Onde resurge a solida balêa.
Oh gente, que furor tão execrando
A um perigo tal te sentencêa?
Como pequeno bicho és attrevido
Contra o monstro do mar mais desmedido?!

22. Como não temes ser despedaçado
De um animal tão feio e tão immundo?
Porque queres ir ser precipitado
Nas íntimas entranhas do profundo?
Não temes, se é que vives em peccado,
Que o Creador do ceo e deste mundo,
Que tem dos mares todos o govêrno,
Desse lago te mande ao lago Averno?

23. Lá intentaram fortes os Gigantes
Subir soberbos ao Olympo puro,
Accommetteram outros de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro;
E se estes attrevidos e arrogantes
O castigo tiveram grave e duro,
Como não temes tu ser castigado
Pelos monstros tambem do mar salgado?

24. Mas em quanto com isto me detenho,
O temerario risco admoestando,
Elles de cima do ligeiro lenho
Vão a balêa horrivel avistando:
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando
A seguem por detraz com tal cautella
Que imperceptiveis chegam junto della.

25. O harpão farpado tem nas mãos suspenso
Um, que na prôa o vai arremeçando,
Todos os mais deixando o remo extenso
Se vão na lancha subito deitando:
E depois que ferido o peixe immenso
O veloz curso vai continuando,
Surge cada um com furia e força tanta,
Que como um Anteo forte se levanta.

26. Corre o monstro com tal ferocidade
Que vai partindo o humido elemento,
E lá do pégo na concavidade
Parece mostra Thetis sentimento:
Leva a lancha com tal velocidade,
E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas apparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

27. Qual o ligeiro passaro amarrado
Com um fio subtil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentindo aquella affronta,
E apenas o papel, que vai atado
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe affrontado vai correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

28. Depois que com o curso dilatado
Algum tanto ja vai desfalecendo,
Elles então com força e com cuidado
A corda pouco a pouco vão colhendo;
E tanto que se sente mais chegado
Ainda com furia os mares combatendo,
Nos membros molles lhe abre uma rotura
Um novo Achylles c'uma lança dura.

29. Do golpe sae de sangue uma espadana,
Que vai tingindo o Oceano ambiente,
Com o qual se quebranta a furia insana
Daquelle horrivel peixe ou bêsta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiencia e vista certifica,
Que é o Mar Vermelho o mar de Itaparica.

30. Aos repetidos rasgos desta lança
A vital aura vai desamparando,
Té que fenece o monstro sem tardança,
Que antes andava os mares açoutando:
Elles puxando a corda com pujança
O vão da lancha mais perto arrastando,
Que se lhe fiou Cloto o longo fio,
Agora o colhe Láchesis com brio.

31. Eis agora tambem no mar saltando
O que de Glauco tem a habilidade,
Com um agudo ferro vai furando
Dos queixos a voraz monstruosidade:
Com um cordel depois grosso e não brando
Da bocca cerra-lhe a concavidade,
Que se o mar sorve no gasnate fundo
Busca logo as entranhas do profundo.

32. Tanto que a prêsa tem bem subjugada
Um signal branco lançam victoriosos,
E outra lancha pâra isto decretada
Vem soccorrer com cabos mais forçosos:
Uma e outra, se parte emparelhada,
Indo á véla, ou co's remos furiosos,
E pelo mar serenas navegando
Para terra se vão endireitando.

33. Cada um se mostra no remar constante,
Se lhe não tem o Zephyro assoprado,
E com fadigas e suor bastante
Vem a tomar o pôrto desejado,
Deste em espaço não muito distante,
Em o terreno mais accommodado
Uma trufatil machina está posta
Só para esta funcção aqui deposta.

34. O pé surge da terra para fóra
Uma versatil roda sustentando,
Em cujo ambito longo se encoscóra
Uma amarra, que a vai arrodeando:
A esta mesma roda cá de fóra
Homens dez vezes cinco estão virando,
E quanto mais a corda se repucha,
Tanto mais pâra a terra o peixe puxa.

35. Assim com ésta indústria vão fazendo,
Que se segue ao logar determinado,
E as enchentes Neptuno recolhendo,
Vão subindo por um e outro lado:
Outros em borbotão já vem trazendo
Facas luzidas e o braçal machado,
E cada qual ligeiro se aparelha
Pâra o que seu offício lhe aconselha.

36. Assim dispostos uns, que Africa cria,
Dos membros nús, o couro denegrido,
Os quaes queimou Phaeton, quando descia
Do terrifico raio submergido,
Com algazarra muita e gritaria,
Fazendo os instrumentos grão ruido,
Uns aos outros em ordem vão seguindo,
E os addiposos lombos dividindo.

37. O povo, que se ajunta é infinito,
E ali tem muitos sua dignidade,
Os outros vem do comarcão districto.
E despovoam parte da cidade:
Retumba o ar com o contínuo grito,
Sôa das penhas a concavidade,
E entre elles todos tal furor se accende,
Que ás vezes um ao outro não se entende.

38. Qual em Babel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olympo transparente,
Cujo idioma proprio pervertido
Foi n'uma confusão balbuciente;
Tal nesta torre, ou monstro desmedido,
Levanta as vozes a confusa gente,
Que seguindo cada um diverso dogma
Falar parece então n'outro idioma.

39. Desta maneira o peixe se reparte
Por toda aquella cubiçosa gente,
Cabendo a cada qual aquella parte,
Que lhe foi consignada no regente:
As banhas todas se depoem áparte,
Que juntas formam um acervo ingente,
Das quaes se faz azeite em grande cópia,
Do que ésta terra não padece inopia.

40. Em vasos de metal largos e fundos
O estão com fortes chammas derretendo
De uns pedaços, pequenos e fecundos,
Que o fluido licor vão escorrendo:
São uns feios ethiopes e immundos,
Os que estão este officio vil fazendo,
Cujos membros de azeite andam untados,
Daquellas cirandagens salpicados.

41. Este peixe, este monstro agigantado,
Por ser tão grande tem valia tanta,
Que o valor, a que chega costumado
Até quasi mil aureos se levanta.
Quem de ouvir tanto não sae admirado?
Qem de um peixe tão grande não se espanta?
Mas em quanto o leitor fica pasmando,
Eu vou diversas coisas relatando.

42. Em um extremo desta mesma terra
Está um forte soberbo fabricado,
Cuja bombarda ou máchina de guerra
Abala a ilha de um e outro lado:
Tão grande fortaleza em si encerra
De artilheria e esforço tão sobrado,
Que retumbando o bronze furibundo
Faz ameaço á terra, ao mar, ao mundo.

43. Não ha nesta ilha engenho fabricado
Dos que o assucar fazem saboroso,
Porque um, que ainda estava levantado
Fez nelle o seu officio o tempo iroso:
Outros houve tambem, que o duro fado
Por terra poz cruel e rigoroso,
E ainda hoje um, que foi mais soberano
Pendura as cinzas por painel troiano.

44. Claras as aguas são e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes,
Umas regam os vales adjacentes,
Outras descendo vem dos altos montes;
E quando com seus raios refulgentes,
As doura Phebo abrindo os horizontes,
Tão cristalinas são, que aqui diffusa
Parece nasce a fonte de Arethusa.

45. Pela relva do campo mais viçoso
O gado junto e pingue anda pastando,
O roubador de Europa furioso,
E o que deu o veo de ouro em outro bando,
O bruto de Neptuno generoso
Vai as arêas soltas levantando,
E nos bosques as féras Acteonêas
A republica trilham das Napêas.

46. Aqui o campo florído se semêa
De brancas assucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franquêa
Olorisando as horas matutinas:
E quando Cloris mais se galantêa,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O clavel e o jasmim, que está pendendo.

47. As fructas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias côres,
Umas se estimam muito por cheirosas,
Outras levam ventagem nos sabores:
São tão bellas, tão lindas e formosas,
Que estão causando á vista mil amores,
E se nos prados Flora mais blazona,
São os pomares glória de Pomona.

48. Entre ellas todas tem logar subido
As uvas doces, que ésta terra cria,
De tal sorte, que em número crescido
Participa de muitas a Bahia:
Este fruto se gera appetecido
Duas vezes no anno sem porfia,
E por isso é do povo celebrado,
E em toda a parte sempre nomeado.

49. Os coqueiros compridos e vistosos
Estão per recta serie ali plantados,
Criam cocos galhardos e formosos,
E por maiores são mais estimados;
Produzem-se nas praias copiosos,
E por isso os daqui mais procurados,
Cedem na vastidão á bananeira,
A qual cresce, e produz desta maneira.

50. De uma lança ao tamanho se levanta,
Estupeo e roliço o tronco tendo,
As lizas folhas tem grandeza tanta,
Que até mais de onze palmos vão crescendo:
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro promettendo,
E assim que o fructo lhe sazona e cresce,
Como das plantas vibora fenece.

51. Os limões doces muito appetecidos
Estão virgineas tetas imitando,
E quando se vêem crespos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando:
Em arvores copadas, que estendidos
Os galhos tem, e as ramas arrastando
Se produzem as cidras amarellas,
Sendo tão presumidas como bellas.

52. A larangeira tem no fructo loiro
A imitação dos pomos de Atalanta,
E pela côr, que em si conserva de oiro,
Por isso estimação merece tanta:
Abre a romã da casca o seu thesoiro,
Que do rubi a côr flammante espanta,
E quanto mais os bagos vai fendendo,
Tanto vai mais formosa parecendo.

53. Os melões excellentes e olorosos
Fazem dos proprios ramos galería:
Tambem estende os seus muito viçosos
A pevidosa e doce melancia;
Os figos de côr roxa graciosos
Poucos se logram, salvo se á porfia
Se defendem de que com os biquinhos
Os vão picando os leves passarinhos.

54. No ananaz se vê como formada
Uma coròa de espinhos graciosa,
A superficie tendo matisada
Da côr, que Citherea deu á rosa;
E sustentando a coròa levantada
Junto co'a vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que as fructas lhe tributam magestade.

55. Tambem entre as mais fructas as jaqueiras
Dão pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta provincia é fructa desejada:
Não fiquem esquecidas as mangueiras,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gôsto delicioso,
Mas pâra o cheiro almiscar oloroso.

56. Innumeraveis são os cajús bellos,
Que estão dando prazer por rubicundos,
Na côr tambem ha muitos amarellos,
E uns e outros ao gôsto jucundos,
E só bastava para apetecel-os
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si tem a brazilica castanha
Mais saborosa que a que cria Hespanha.

57. Os araçás diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores:
Oytis, cajás, pitangas por agrestes
Estimadas não são dos moradores:
Aos marcujás chamar quero celestes,
Porque contém no gôsto taes primores,
Que se os antigos na Asia os encontraram,
Que era o nectar de Jove imaginaram.

58. Outras fructas dissera, mas agora
Tem logar os legumes saborosos,
Porém por não fazer nisto demora
Deixo ésta explicação aos curiosos;
Mas com tudo dizer quero por ora,
Que produz ésta terra copiosos
Mandioca, inhames, favas e carás,
Batatas, milho, arroz e mangarás.

59. O arvorêdo desta ilha rica e bella
Em circuito toda a vai ornando,
De tal maneira que só basta vel-a
Quando já está alegrias convidando:
Os passarinhos, que se criam nella
De raminho em raminho andam cantando,
E nos bosques brenhas não se engana
Quem exercíta o officio de Dianna

60. Tem duas freguezias muito extensas,
Das quaes uma matriz mais soberana
Se dedica ao Redemptor, que a espensas
Do seu sangue remiu a prole humana;
E ainda que do tempo sinta offensas
A devoção com ella não se engana,
Porque tem uma imagem milagrosa
Da Santa Vera Cruz para ditosa

61. A Santo Amaro a outra se dedica,
A quem venerações o povo rende,
Sendo tão grande a ilha Itaparica,
Que a uma só parochia não se extende:
Mas com estas igrejas só não fica
Porque capellas muitas comprehende,
E nisto mostram seus habitadores
Como dos santos são veneradores.

62. Dedica-se a primeira áquelle santo
Martyr, que em vivas chammas foi afflicto,
E ao tyranno causou terror e espanto,
Quando por Christo foi assado e frito:
Tambem não fique fóra de meu canto
Uma, que se consagra a João Bemdito,
E outra (correndo a costa para baixo)
Que á Senhora se dá do Bom Despacho.

63. Outra a Antonio Santo e glorioso
Tem por seu padroeiro e advogado,
Está fundada n'um sitio delicioso.
Que por esta capella é mais amado.
Em um terreno, alegre e gracioso
Outra se fabricou de muito agrado,
Das Mercês a Senhora verdadeira
É desta capellinha a Padroeira.

64. Tambem outra se vê que é dedicada
 Á Senhora da Penha milagrosa,
 Aqui airosamente situada
 Está n'uma planicie especiosa.
 Uma tambem de S. José chamada
 Ha nesta ilha por certo gloriosa,
 Junta com outra de João, que sendo
 Duas, se vai de tudo engrandecendo.

65. Até qui Musa: não me é permittido
 Que passe mais ávante a veloz penna.
 A minha patria tenho definido
 Com ésta descripção breve e pequena;
 E se o tel-a tão pouco engrandecido,
 Não me louva, mas antes me condemna,
 Não usei termos de poeta experto,
 Fui historiador em tudo certo.

Fragmentos.

Descripção do inferno.

Jaz no centro da terra uma caverna
De aspero, tosco e lugubre edificio,
Onde nunca do sol entrou lucerna,
Nem de pequena luz se viu indicio.
Ali o horror e a sombra é sempiterna
Por um pungente e funebre artificio,
Cujas fenestras, que tu monstro inflammas,
Respiradouros são de negras chammas.

Rodeam este alcançar desditoso
Lagos immundos de palustres aguas,
Onde um tremor e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas:
Fontes eladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas e maquinam frágoas,
Mesclando em um confuso de crueldades
Chammas a neve, o fogo frieldades.
Ardente serpe de sulfureas chammas
Os centros gira deste alvergue humbroso,
São as faiscas horridas escamas,
E o fumo negro dente venenoso:
As lavaredas das volantes flammas
Azas compõem ao monstro tenebroso;
Que quanto queima, despedaça e come,
Isso mesmo alimenta, que consome.
Um negro arroyo em pallida corrente
Irado ali se torce tão furioso,
Que é no que morde horrífica serpente,
E no que inficciona aspid horroroso:
Fétido vapor, negro e pestillente
Exhala de seu seio tão raivoso,
Que lá no centro sempre agonizado
De peste e sombras mostra ser formado.
As densas nevoas, as oppacas sombras
Tanto encapotam a aspereza inculta,
Que em negra tumba, funebres alfombras
Parece a mesma noite se sepulta:
Fantasmas tristes, que tu Herebo assombras,
Terrores causam onde mais avulta
O rouco som de ahullidos estridentes,
O triste estrondo do ranger dos dentes.

Angústias, dores, pena e sentimento,
Suspiros, âncias e penalidades,
Gemidos tristes e cruel tormento,
Furores, raivas, iras e crueldades,
Em um continuado movimento,
Por todo o tempo e todas as idades
Tanto a materia, que críam, destroçam,
Quanto a materia, que destroem, remoçam.
Revolcando-se em chammas crepitantes
Ali está Judas n'uma cama ardente,
No coração tem viboras flammantes,
Na lingua um aspid feio e pestilente:
Geme e suspira todos os instantes,
Blasfema irado, ruge impaciente,
Tendo a seu lado Herodes e Pilatos,
Anás, Caifás e outros mentecaptos.
Jaz em um lago graviolente e immundo
O archisectario arabigo e agareno,
Que perdição quiz ser de quasi um mundo,
Patrocinando o vício vil terreno:
De uma parte submerso no profundo,
De si mesmo furor, peste e veneno,
Está Calvino, e de outra agonizando,
Luthero em fogo e agua ardendo e elando.
Prêso n'um calabouço tenebroso
Está Alexandre em um nevado rio,
Que ainda agora por muito cubiçoso
Temem queira do inferno o senhorio:
Em um volcão de chammas horroroso
Estão Bello, Xerxes, Scevola e Dario,
Aurelio, Cesar e Domiciano,
Augusto, Nero, Tito e Juliano.

Em fim ali de todas as idades,
De todas as nações em desatinos
Se vêem penar á fôrça de crueldades
Homens, mulheres, velhos e meninos:
Uns entre as neves e as voracidades
Do fogo ardente, e alguns entre os malignos
Aspides, butres, viboras, serpentes,
Que os tragam e consomem com seus dentes.
Mas quanto póde a humana fantasia
Cuidar desta masmorra horrenda e escura,
E quanto póde a livre Poezia
Fingir em vã e apocripha pintura,
É uma boa e propria allegoria,
Com uma metaphorica esculptura,
Que o inferno só consiste e o vil gozano
Na pena dos sentidos e do damno.
Em o mais alto deste solio infando,
Em um throno de chammas sempre ardentes,
Jaz Lucifer, a quem estão tragando
Aspides negros, serpes pestilentes;
Elle com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu damno e eterno fado
De si proprio fiscal e algoz irado.
Viboras por cabellos cento a cento,
Por olhos tem dois Etnas denegridos,
Por bocca um crocodilo troculento,
Por mãos dois baziliscos retorcidos,
Por cerebro a soberba e o tormento
Por coração, por membros os latidos,
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dois Mongibellos tem flamantes.

Aquillo mesmo crê de que duvída,
Tem fastio do mesmo, que appetece,
O que não quer para isso se convida,
E affecta aquillo tudo que aborrece:
Quando quer repousar então mais lida.
Quando abrandar-se muito se enfurece,
Ancias são gostos, penas desafogo,
Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

Destruição de Jerusalem.

A romana trombeta deu o primeiro
Signal, e respondeu a gente hebrea;
Ouviu-se o som no Olivete outeiro,
E por toda a montanha de Judéa:
Um povo por triumphante e por guerreiro,
E o outro pelo damno, que recêa,
Puxam pelas espadas reluzentes,
Que no ferir são raios sempre ardentes.
Dos cavallos o estrepido furioso
Fundia a terra, as pedras se arrancavam,
E os inimigos com tremor medroso
Pulverulenta fuga machinavam:
Uns investiam com valor brioso,
E outros batendo as crinas respiravam
Pelos narizes viração ardente,
Mastigavam na bocca a espuma quente.

Já as amêas e torres se assaltavam,
Com furia grande e impeto tremendo,
As bandeiras abertas tremulavam,
Soava do tambor o estrondo horrendo:
As trincheiras e fossos se escalavam,
Os contrarios fugindo, outros morrendo,
Era no horror, assombro e crueldade
O valor raio, a ira tempestade.

De densas setas o ar se condensava
Das meias luas ferreas sacodidas:
E de miudas pedras se obumbrava
Pela circular mão circumduzidas,
A arêa d'entre os pés se levantava,
Vagando iam as lanças impellidas,
E n'um confuso eclipse e tenebroso,
Punham á mesma luz manto horroroso.

Das romanas trombetas os clangores
Pelo contorno grande retumbavam,
E com o horrivel som rijos clamores
Os mesmos rios de vapor paravam:
Os pequenos meninos com temores
Nos regaços das mãis se desmaiavam,
E ouvindo o eco irado e som terrivel
Temblava o sexo fraco e mais sensivel.

Da morte alguns fugindo, feia e crua,
Aos lugares mais fortes se acolhiam,
E outros passados com a espada nua
No sangue a morte calida bebiam:
Muitos nas torres, casas, praça e rua
Morrendo com valor se defendiam,
E até dos que nas covas se esconderam
Alguns perpetuamente adormeceram.

Quaes as ovelhas lassas e espargidas
No prado ameno, ao pé da clara fonte,
Se acontece que são acommettidas
Dos lobos, que apparecem lá defronte,
Umas mortas ficam e outras mal feridas,
Algumas fogem para a brenha e o monte,
Taes as judaicas gentes pereciam
Entre os Romanos, que se enfureciam.

Muitos ao captiveiro se entregando,
Compaixão e piedade nos pediam,
E a vida humildemente supplicando
Com promptidão as armas offereciam;
Mas outros fortemente pelejando
Nos fortins mais seguros resistiam,
Onde fizeram damnos dolorosos
Os aproches, e arietes forçosos.

As mãis os filhos tenros carregando,
E outros trazendo pela mão fugiam,
E os dourados cabellos desgrenhando
Chorosas as donzelas as seguiam:
Os velhos já não como gateando
Do perigo livrar-se pertendiam,
E áquelles, que escapavam com a vida
Lhes dava o temor azas na fugida.

Não assim tanto os que junto das correntes
Do Nilo egypcio fazem as moradas,
Quando sentem crescerem as encheutes,
Que os innundam com grandes enxorradas,
Correm ligeiros, fogem diligentes
Para as ribeiras inda não banhadas,
Como este povo se affastava exangue
Da grande enchente e dos raudaes de sangue.

Aqui caía o levantado tronco
Com som tristonho e lugubre rugido;
Ali estalava o duro muro e bronco
Do furioso ariete impellido:
Por outra parte com estrallo ronco
Se ouvia dos penedos o ruido,
E era cada ruina e cada moto
Monte caído, horrendo terremoto.
Qual o vento boreal tempestuoso,
Quando as ondas maritimas provoca,
E c'um chuveiro negro e proceloso
As espheras penetra, os ares choca,
Ergue a terra em um globo envoltuoso,
Os troncos quebra, despedaça a roca,
Taes dos soldados eram os furores,
Destruindo o que achavam com rigores.
Em arroyos de púrpura banhados
Os disformes cadaveres caíam,
E alguns supinos e outros debruçados
O mesmo sangue calido bebiam:
Muitos em postas feitos e truncados
Tremulos pelo chão saltar se viam,
Tendo nestes de horror tristes transumptos
A pena objectos e a magoa assumptos.
A ira e o valor coadunados
Aos que resistem punem de tal sorte,
Que no ardor de vencer precipitados
Achavam, procurando a vida, a morte.
Com tal crueldade foram destroçados,
Com tal furor e colera tão forte,
Que a vehemencia do eco destes males
Se ouviu nos montes, se sentiu nos valles.

As vozes, os temores, os tormentos,
Dos soldados, dos presos e feridos,
Das virgens, dos meninos, os lamentos,
Os gemidos, os prantos e alaridos,
Pela terra, pelo ar e pelos ventos
Foram vagos, dispersos e espargidos,
E o sol claro, o ar sereno e o ceo enxuto
Vestiu sombras, fez trevas, trajou luto.
Colericos com ira e ardor bramavam
Os capitães romanos victoriosos,
E quanto resistia rechaçavam,
Tyrannicos, crueis e furiosos:
Já de uma vez os vivos se entregavam
Nas mãos dos vencedores gloriosos,
Que por força ha de ser executado
O que do ceo está determinado.
Onze vezes cem mil neste conflicto
Do consocio dos vivos se apartaram,
Noventa e sete mil ao grande Tito
Por captivos humildes se entregaram.
Assim se destruiu do antigo rito
A Cidade Princeza e só ficaram
As pedras, onde teve a sepultura
O filho de Maria Virgem pura.
Aquelle templo, que exaltou a fama,
Casa de Deus primeira neste mundo,
Maravilha maior que hoje se acclama
Houve por todo o circulo rotundo,
Destruido com ferro e pela chamma,
Abrasado ficou, desfeito e immundo,
Exemplo dando aos homens desta sorte,
Que os marmores tambem padecem morte.

OUTRO ANONYMO

— 1710 —

Chacara funebre á sepultura de D. Anna de Faria e Sousa — assassinada por seu marido, o alferes André Vieira, em Pernambuco.

Nesta fria sepultura
Jaz no verdor de seus annos,
Um sol de amor, por enganos,
Uma estrella sem ventura:
A todos cause amargura!
Pezares tão desabridos,
Escutem compadecidos,
Neste lastimoso assumpto,
Quanto padece por junto
Em cinco lustros compridos.

Recreio foi de seus pais,
Com applausos de formosa;
Mas assemelhou-se á rosa,
Pois pagou tributos taes.
Foram nella tão iguaes
Suas raras perfeições,
Com tão bellas proporções,
Tanto garbo, tanto arreio,
Que era da vista um enleio
Doce iman dos corações.

Quando adulta, oh sorte escassa!
Intentam seus pais casal-a;
Soube o fado desvial-a
Para tão triste desgraça,
Certa affeição a embaraça,
Que foi para seu castigo;
Pois sempre encontra o perigo
Quem foge ao paterno agrado,
Comprando por tal peccado
Ter ao ceo por inimigo.

Passaram mal quatro annos —..

Eis que sem causa o consorte
(Quem algum dia tal crêra!)
Homem então, hoje féra,
Lhe machína crua morte.
A triste em lance tão forte
Se lamenta lacrimosa,
Dizendo: « Virgem piedosa!
Amparai uma innocente,
Filha sim pouc'obdiente;
Porém nunca errada esposa. »

Mal se creem verdades puras,
Onde a vingança conspira;
Desculpa excessos da íra,
Com erradas conjecturas;
Mil apparentes figuras,
Fórma a fantasia errada:
Vê-se a vista equivocada,
Mil vezes no que se emprega;
Quanto mais paixão tão cega,
Que muitas vezes é nada!

Com notavel soffrimento,
Passou vinte e sete dias
De oppobrios e tyrannias,
Sem ter pausa o seu tormento;
Os prodigios cento a cento,
Com elles o ceo convida :
Nada move a endurecida
De uma sogra deshumana;
Eleita esta tigre hircana
Pâra ser sua homicida.

• — •

Em fim nos ultimos dias
Do segundo quatorzeno
Por não obrar o veneno,
Que á fôrça das tyrannias
Lhe deu, logo as sangrias
Novamente lhe signala;
Mas não quiz desamparal-a
O sangue, abertas as vêas.
Oh cordeira que vozêas,
E a ninguem teu ballo aballa!

• — •

Outra prova se lhe ordena,
Largando a redea ao desejo
Que por não manchar o pejo
A suspende a minha penna.
Mas vendo que a não condemna
Queres tu Gesabel féra
Persistindo mais austera
Ser a infame matadora
Para ser com tua nora
A mais iracunda *Nera*.

De Deus o quinto preceito
A não matar nos ensina:
Outra vez se determina
A fazel-o, com effeito.
Dá por perdido o díreito
Com que amor a enganava,
Anna em porfia tão brava;
E vendo que espirar póde,
Fervorosa a Deus acode;
E em lagrimas se lava.

Sente de seu pai a injúria,
Nos irmãos culpa a tibiesa;
Pois por lei da naturesa
Não deviam por incuria,
Deixal-a em tão grave furia;
Mas não tendo quem lhe valha,
Suspiros ao vento espalha,
Repetindo enternecida:
« Se espero a morte por vida
Vestir-me quero a mortalha. »

Toma o hábito, e se alinha
Curiosa não, mas honesta,
Por ser para o tempo ésta
Libré a que lhe convinha:
Ésta seja a galla minha
Mil vezes foi repetido:
Este é presado vestido
De que se namora Deus;
Se por causa de outros meus,
Foi de algum modo offendido.

A um Christo abraçada então,
Companheiro inseparavel,
Se publíca miseravel,
Pedindo esforço e perdão.
Meu Deus do meu coração,
Lhe diz, amparo de afflictos:
Temores tão inauditos,
Tantas penas sejam pagas
Por vossas divinas chagas
Senhor meu de meus delictos.

Com taes palavras na bocca,
Pedindo ao Senhor que a valha,
Na garganta uma toalha
Lhe lança a tyranna louca:
Grave furor a provoca,
Tendo por affronta sua
Que seu ódio não conclua
Com tal vida espira aqui!
Olha que tem contra ti
Deus irada a espada nua.

Só d'aquelles de hombro adusto
Vai ao sepulchro sem pompa;
Porém da justiça a trompa
Atroa, que causa susto.
Deus, que no obrar é justo,
É juiz, e é fiscal,
Castiga e premeia igual,
Dando o que mais nos convem;
Com que não espere bem
Quem obrou tão grande mal.

JOÃO DE BRITO E LIMA.

JOÃO DE BRITO E LIMA.

D. João V de Portugal governou este reino no meio da opulencia: legou-lhe a capella de S. Roque, o convento de Mafra, o monumento das Aguas Livres. — A sua côrte era luzida, seus magnatas opulentos; mas Lisboa, apesar de ser a situação verdadeiramente capital da Peninsula, só engrandecia pelo monopolio do commercio das colonias. Tirassem-lhe esse monopolio, todo o ruido, todo o fasto de Lisboa, ficariam já então reduzidos á soledade de hoje. O centro natural de toda essa riqueza, proveniente só da indústria agricola e mineira, estava na America: era a Bahia, então capital do principado do Brazil.

E a Bahia era então uma terra verdadeiramente feliz. O seu povo vivia na abundancia, e gosando de perfeita tranquilidade só cuidava de festas. Não havia invocação de santo ou santa de popularidade na terra, nascimento de principe ou princeza, casamentos e annos de pessoa real, que deixassem de ser celebrados pomposamente e depois cantados. Até á falta de motivos escolhiam-se os vice-reis e suas familias; que eram thema não só para poemas panegyricos, como para cantos epithalamicos ou genethliacos.

O poeta brazileiro que mais se distingue nesta nova especie de *oileiros* é João de Brito e Lima.

Nascido aos 22 de outubro de 1671 na Bahia, não nos consta que saísse alguma vez do seu ubiculo natal. — Ahi cursou humanidades, e ahi conheceu sendo joven os dois Mattos e os dois Vieiras, cujas apreciadas obras talvez o estimulassem a entregar-se á poesia, sem ter nascido poeta. Certamente que só a ambição de adquirir o renome, que via terem os outros. podia leval-o a fazer tanta oitava rimada, como fez em sua vida, infelizmente com tão pouca inspiração. As suas obras impressas desde 1718 a 1742, são: um poema *elogiaco* ao primogenito de conde de Villa Flor; outro festivo ás bodas do principe real; outro ao ouvidor Madeira; as poesias á morte de D. Leonor de Vilhena e varios sonetos, décimas, etc. — Em quasi todas ostenta com abuso os conhecimentos que tinha da história e da fábula; quando narra não tem elegancia, e até dirieis em quasi todas as suas oitavas frouxas, pesadas e soporiferas, assenta mal a rima, e apenas se atam idéas. Parece-nos que é no primeiro dos poemas citados que elle se arrebata ao côro das Musas, anda a cavallo no Pegaso, vai descançar n'um bosque (sem ser da sua America), sonha; e por fim nem o leitor nem talvez elle mesmo sabem que fim levou o auctor!

Mas aqui faremos uma observação em sua defensa. João de Brito appareceu pela primeira vez com um poema em público quando tinha

quasi 50 annos e deu á luz o último já septuagenario. Ora o reconhecimento que elle tinha para com a sua Musa, a quem diz (*Poem. Elog. IV*, 2):

« Se te devo até aqui favores tantos. »

e a pia crença em que estava de que tinha sido poeta, fazem-nos desconfiar que elle fôra pelo menos antes apreciado pelos seus contemporaneos Botelho, Rocha Pitta, Luiz Canello, Soares da França e outros. Ouçamol-o porém nas seguintes oitavas, que transcrevemos, porque acertam em ter mais merecimento: uma é a introducção do 3.º canto do citado poema; a segunda serve de proposição ao panegyrico do ouvidor Ignacio Dias Madeira:

, Amada Musa minha, novo alento
Á rouca voz, ao tosco accento inspira;
Porque já vacillante o entendimento
Contra as pobres idéas se conspira:
Ás cordas do meu rústico instrumento
Mui dissonantes são da sacra lyra.
Oh se Apollo as puzera consonantes!..
Que bem formára os metricos descantes!

Eu que cantei em metrica harmonia
Varios poemas sobre assumptos graves,
Emulando na doce melodia
Do elevado Parnaso as brancas aves;
Hoje bem que dos annos a porfia
Já desafina as clausulas suaves;
D'um ouvidor, d'Astrea doce encanto,
A rectidão publíco, as acções canto.

João de Brito foi socio da *Academia dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724 pelo conde de Sabugosa Vasco Fernandes Cezar de

Menezes: foi tambem capitão d'Auxiliares, e por vezes vereador da sua cidade. Como academico, como miliciano ou como empregado municipal, cremos que desempenharia melhor a sua missão do que como poeta De certo que seus pais o alcaide-mór Sebastião de Araujo e Lima, tenente geral d'artilheria e sua mulher D. Anna Maria da Silva ganhariam mais para elle, se lhe tivessem desenvolvido alguma outra vocação.

Com a que seguiu de poeta viveu infeliz, e até pouco feliz memória deixou de si a nós posteridade, quando nos legou poucos versos bons, empregados em assumptos mais ou menos servís.

Punge o coração ouvir um pobre velho de 71 annos, filho de um general, lamentar a sua triste sorte com as seguintes expressões, que talvez de quantas nos deixou fossem as que mais do fundo d'alma lhe saíram. São do canto 2.º (p. 20) do poema panegyrico:

. . . .
As más correspondencias que experimento,
Da contrária fortuna a feroz ira,
A longa idade e queixas tão atrozes
Tem trocado em lamento as doces vozes.

Sendo certo que dando nos meus versos
A muitos os louvores tão baratos
Encontre sempre naturaes adversos
E tropece com animos ingratos.
Effeitos da fortuna são diversos
Que aos meritos se mostram menos gratos
E creio nasce para influxo forte
Mais que da gratidão, da minha sorte.

Sôbre o número cinco — ao rei D. João V.

Tem lettras cinco o nome de Maria,
Tambem com cinco o de Jesus se escreve:
Cinco mil golpes deu a tyrannia
No cordeiro mais candido que a neve.
Sacramentou-se o pão no quinto dia:
Cinco extremos a cruz de Christo teve:
Cinco sentidos tem sómente o homem:
Com cinco pães cinco mil almas comem.
Por rubis cinco o mundo foi comprado;
Com cinco pedras Goliát vencido:
Quinto foi Carlos de valor sobrado:
Quinto Sertorio nunca foi rendido.
No ceo quinto está Marte collocado
Foi Quinto Curcio em lettras conhecido;
E porque de mais glória participe
Quinto é tambem de Hespanha o grão Filippe.
Cinco palavras trazem Deus á terra:
Cinco o ladrão da terra ao Ceo levaram:
Cinco em si folhas a açucena encerra:
Cinco ao Tabor a Christo acompanharam:
Cinco preceitos guarda o que não erra:
Cinco virgens o oleo só guardaram:
Com cinco escarchas a romã se enfeita:
Cinco dedos a mão tem, que é perfeita.

Em cinco idades se reparte a vida:
Com cinco quinas se arma o vosso império:
Que são cinco as vogaes ninguem duvída;
Cinco as zonas tambem do ceo eterno.
Cinco vezes reis cinco, esclarecida
Lysia teve, com pasmo do hemisferio.
Com cinco cordas fórma os seus accentos
O numeroso rei dos instrumentos.

Quinto foi Pio, e pio muitas vezes.
Festeja-se a Ascenção ao quinto dia.
Tambem é quinto o principe dos mezes,
Que fragrancia exhalando as flores cria.
Cinco reis houve invictos portuguezes,
Que exaltaram a lusa monarchia,
Do vosso nome, que a memória acclama,
Para assumpto feliz da immortal fama.

Sôbre o nada das vaidades humanas.

Louco é quem da vaidade faz apreço,
Sendo a honra mundana um doce engano;
Adular a fortuna, indigno excesso,
Traz do caduco tempo o desengano:
Que é discreto e catholico concesso
Quem pondera no fragil ser humano
Que qual sombra no ar desvanecida
Passa a glória, a fortuna, a honra, a vida.

Que subsistencia póde haver na vida
Se é por caduca, fragil e por breve
Exhalação que passa despedida,
Lisonja que adular o mal se atreve?
Sombra á vista da luz desvanecida,
Dos gostos temporaes engano leve;
Finalmente é da vida o ser humano
Exhalação, lisonja, sombra, engano.

Ao ouvidor Madeira.

Se um sabio no concurso de uma praça,
Buscando um homem, seu cuidado apura,
Sem que algum dos que via o satisfaça,
Porque um homem perfeito achar procura:
O que elle achar não poude, por desgraça
A encontrar vim eu hoje, por ventura,
Por seres vós, qual Fenix, sem defeito
Consummado varão, homem perfeito.

Ao Doutor Francisco Custodio, conego da Bahía, que ao A. mandou imprimir um livro.

Só tão discreto Doutor
Dar ao prélo intentaria
Os obsequios, que a Bahia
Fez ao preclaro ouvidor.
De ambos a fama melhor
Se eterniza nesta história,
Que no templo da memória
Ergue (o que tudo consome)
Uma estátua ao vosso nome,
Um padrão á sua glória.

Magnanimo nesta empreza
Mostrais, com gentís primores,
Deste ministro os louvores,
Do vosso affecto a fineza.
Se pródiga a natureza
Ao Madeira enriqueceu
No merito, que lhe deu,
Acredíto por verdade
Mais deve á vossa amizade,
Que deve ao merito seu.

Porque vós, falando claro,
Sois (sem mais outro episodio)
Do seu merito Custodio,
Apezar do tempo avaro.
E se ao merito mais raro
Deixa o tempo preterido,
Com razão tenho entendido,
Que o seu merito elevado,
A não ser por vós lembrado,
Faria o tempo esquecido.

Faltando o meio da história,
Com evidente perigo,
Dos heroes do tempo antigo
Claudicaria a memória.
Ter póde o Madeira a glória
De que o seu merecimento
Passa com raro portento,
Por um Serafim guiado,
Por um Custodio guardado
As aguas do esquecimento.

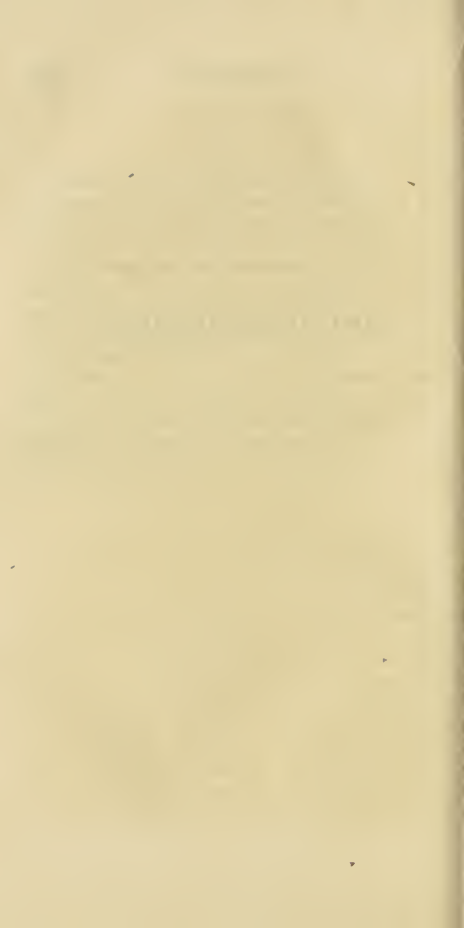
Se Serafim por Francisco,
Sois e Custodio tambem,
Já os meritos não tem
Do Madeira o menor risco.
A fama um novo obelisco
Ao vosso nome levante,
E com voz altisonante,
Pàra que o tempo se affronte,
Do ouvidor as acções conte,
E de vós as glórias cante.

SONETOS.

Idem.

No cargo, que o Madeira ha merecido,
De ouvidor, nos obsequios se ha mostrado
O projecto real desempenhado,
O americano povo agradecido.
Mas vós tendes, Custodio, conseguido,
Quando ao prélo os obsequios haveis dado,
Ser do ouvidor o nome eternizado,
Ser vosso nome mais engrandecido.
Acção tão generosa não conquista
O veloz coxo, que as acções consome,
Para que na memória sempre exista.
E é bem que á sua conta a fama tome
Do nome do ouvidor ser o Chronista,
Sendo vós o Custodio do seu nome.

Quando deste ouvidor fazeis notoria
A fama, dando ao prélo seus louvores,
Lograis, sabio doutor, com taes primores
Na sua exaltação a vossa glória.
Sendo tão digno objecto desta história
Um ministro maior entre os maiores,
Sentiria do Lethe os desfavores,
Se o não eternizáreis na memória.
Mais que ao merito seu agradecido
Deve estar á fortuna, que lhe ha dado
Quem no mundo o fizesse conhecido.
Que ainda que seja o merito elevado,
Padece o sentimento de esquecido,
Se a fortuna não tem de ser lembrado.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

ANTONIO JOSÉ.

Admiradores do passado, que por tenencia natural se comprazem de defender e char boas medidas governativas, ás vezes ó porque a idade de alguns seculos as faz espeitaveis, procuram desculpar a introducão dos rigores inquisitoriaes nos reinos de Castella e Portugal, como um meio político doptado para fortalecer as duas monarchias, xando nellas a unidade religiosa. Não nos aremos cargo de repellir tal desculpa com os nales occasionados na Peninsula, pela intoleancia, já no que diz respeito á intelligencia grilhoada, e ás vezes intrigada, já á diminuião de tantos cabedaes saidos destes reinos.

O que podêmos afoitamente dizer é que em eral, nas colonias e conquistas, tal introducção lém da impolítica foi barbara, quando não esleal e traiçoeira, como succedeu no Brazil, respeito das familias que occultamente seuiam a religião do Talmud.

Algumas dessas familias haviam para ahi ido levadas pelos proprios donatarios, a titulo de que suas capitanias tinham privilegios para os homisiados; outras tinham passado no empo dos Hollandezes: e com estes quando vacuaram Pernambuco foi capitulado que taes amilias não seriam perseguidas, e antes se espeitariam seus haveres, etc. Esta capitula-

ção cumpriu-se a princípio; as familias dos Judeos, julgando-se em segurança, começaram a entregar-se tranquillas ao trabalho, e muitas, graças á sua actividade, se locupletavam prodigiosamente; sobretudo no Rio de Janeiro, que já principiava a desenvolver as vantagens, que leva a sua situação sôbre a da Bahia.

E apezar disso nem que pâra se cumprir a tradiccional perseguição da raça, que pâra a nossa salvação condemnou o Redemptor, este Paraizo terreal dos novos hebreos não lhes foi de longa duração. Tinham decorrido os primeiros annos do seculo passado, quando uma infinidade de familias do Rio de Janeiro foram arrebatadas, e conduzidas prêsas pâra os carceres de Lisboa. — Essas prisões pareciam não ter fim, e o desespêro do povo era já grande, quando Duguay Trouin forçou a barra de Nicteroy: nem admira que, por occasião desse ousado maritimo occupar a cidade, houvesse nella nacionaes, que fossem pedir á invasora bandeira de França asylo contra a ferocidade dos familiares do Santo Officio.

E ainda bem que assim fizeram: pois os desgraçados que se pejaram de seguir tal exemplo, foram cruelmente recompensados de tal prova de patriotismo.

As prisões e remessas para a inquisição de Lisboa continuavam. Entre os remettidos em 1713 uma familia chama agora a nossa attenção. Além de abastada, era das mais aparentadas no Rio de Janeiro, onde cada um dos dois esposos, naturaes da mesma cidade, contava sete

irmãos, em geral já casados e estabelecidos. O chefe da familia é o advogado João Mendes da Silva, a quem se attribuem várias poesias que nunca se imprimiram: sua mulher Lourença Coutinho vem accusada de culpas graves de judaismo. Os dois filhos mais velhos appellidam-se com os nomes dos avôs paterno e materno, André Mendes da Silva e Balthasar Rodrigues da Silva. O mais moço chama-se Antonio José da Silva, e tem apenas seis annos de idade, havendo nascido a 8 de Maio de 1705. — Mas é justamente ésta criança quem promoveu todo este nosso preambulo; pois veio a ser nada menos do que o poeta, de que nos propozemos tratar no titulo deste artigo.

O pequeno Antonio José começou em Lisboa sua educação, em quanto a mãi soffria os tratos do Santo Officio por christã nova. — A final a pobre foi solta; mas é muito provavel que o ferrete de judaismo, com que se estreavam na Côrte, limitasse o circulo de suas relações aos de sua igualha. E o joven Antonio José, ainda que baptisado na Sé do Rio de Janeiro, vendo-se agora só rodeado de christãos novos perseguidos, e de judeos, foi-se embuindo das doutrinas destes, até que as professou.

Foi a Coimbra estudar Canones, e nem por isso mudou de crenças. Em 1726 estava de volta em Lisboa; e já advogava com seu pai quando aos 8 de Agosto foi agarrado para os carceres da Inquisição. Tinha então 21 annos de idade, e o susto que lhe souberam

incutir, e o modo como puzeram em contribuição seu genio docil, fizeram que elle não só se descubrisse aos Inquisidores culpado, como delatasse alguns cumplices. No exame de Doutrina que lhe fizeram errou alguns pontos. Sendo porém, a final, posto a crueis tratos de polé sem nada mais revelar, propoz-se a fazer decidida abjuração; e acceita esta foi solto no auto público do mez de Outubro. No soffrimento dos tratos, que pozeram o padecente na impossibilidade de assignar o seu nome, os Inquisidores tomaram nota de que o abjurando gritava por Deus, e não pela Virgem ou santo algum! ..

Antonio José apenas se viu fóra daquellas paredes horrorosas, dispoz-se a cumprir com lealdade a abjuração que acabava de fazer. Começou a exercitar todas as práticas dos catholicos, fugiu do trato dos christãos novos, frequentando pelo contrário os conventos, e travando até amisade com alguns religiosos instruidos; pois o gôsto pelas lettras nelle se desenvolvia de modo que a ellas votava o tempo que lhe ficava, depois de trabalhar com seu pai na banca de advogado.

O Theatro fazia as delicias da fastuosa côrte de D. João V.; — e de Italia não podiam ter vindo tantos mosaicos e carroagens, sem a *Opera Italiana*. Antonio José morava com seu pai ao « Pateo da Comedia, » isto é, segundo imaginâmos, ao pé * do Theatro; e porque isso

* Ainda hoje em várias terras de Hespanha se chama ao Theatro *Casa de Comedia*, e ás ruas ou largos proximos *Calle de Comedia*, *Plazuela de Comedia*, etc.

lhe facilitaria o frequental-o, ou porque pâra a scena o chamou a propria vocação, é certo que elle veio a dedicar-se á carreira dramatica. — A primeira composição sua de que temos notícia foi a sarzuela, ou como hoje diriam, *libretto* de uma opera epithalamica nas bodas do principe (depois rei) D. José em 1729. Com mais applicação e leitura principalmente das competentes obras de Metastasio, Molière e Ratrou, continuou em outras operas comicas que foram á scena de 1733 em diante, havendo sido impressas durante sua vida, no anno de 1736 e seguinte, o *Labyrinto de Creta*, *Variedades de Protheo*, e as *Guerras do Alecrim e Mangerona*. Por essa occasião tambem foi publicada a glosa que fez na morte da Infanta D. Francisca ao conhecido soneto de Camões

Alma minha gentil que te partiste.

Não trataremos aqui de avaliar com mais ou menos criterio o merito dessas composições e das outras suas, que se publicaram: só diremos que as *Guerras do Alecrim* são o primor de quanto nos deixou, e ainda hoje podia esta comedia fazer as delicias do público como opera comica no gôsto moderno.** As outras suas co-

** Ainda não ha muito que conversando nós a este respeito em Lisboa com o Sr. Conde de Farrobo, cujo talento e dedicação dramatica são notorios, o mesmo senhor nos disse que não estava fóra da idéa de vir a pôr « *As Guerras do Alecrim* » com musica no seu Theatro das Laranjeiras, como fisera o anno passado com a farça « *Manoel Mendes* », que depois franqueou para o Theatro Novo, onde o público tanto a applaudiu. Ainda

medias são *Amfitrião*, *D. Quixote*, *Esopaida*, *Medéa* e *Phaetonte*, que menciona Barbosa, e correm impressas. Outras ha, como os *Amantes de escabeche*, *S. Gonçalo de Amarante etc.*, que nem o chegaram a ser; e por ventura mais alguma escreveria, que andará talvez anonyma ou apocripha. Assim bem póde ser fossem tambem suas as *Firmezas de Protheo*, *Telemaco na Ilha de Calipso*, que possuimos manuscripta, e é muito no seu estylo etc. Do 3.º e 4.º volumes*** do *Theatro Comico*,

esperâmos ver chegar um dia em que nesse mesmo Theatro edificado sôbre o mesmo solo das masmorras, onde Antonio José soffreu tratos, venham a ser suas obras applaudidas e coroadas.

*** Quanto ás obras deste nosso poeta ha engano em attribuirem-se-lhe todos os quatro volumes do « *Theatro Comico* », sendo certo que as do 3.º e 4.º tomos, que em geral só contribuiriam a diminuir-lhe o merecimento, quasi todas são conhecidamente de outros authores. Assim v. gr. o *Adolonimo em Sidonia* é uma imitação do italiano *Alessandro in Sidone* publicado nas obras de Zeno; *Adriano em Syria* é a traducção da opera do mesmo titulo por Metastasio; *Filinto Perseguido* é o *Siroe em Seleucia* do mesmo Metastasio; os *Novos Encantos d'Amor* vem em todas as Bibliothecas como uma das obras de Alexandre Antonio de Lima, e verdadeiramente não é mais que uma imitação do hespanhol, etc.

Começámos por mostrar a não originalidade destas publicações, para nos justificarmos de que nenhum prejuiso fazemos á memoria de Antonio José, quando riscâmos estas do catalogo de suas obras, como passâmos a fazer, e com as provas, resultantes de certa confrontação, dos prologos e das edições, que todas vimos não sem difficuldades e despezas.

Vejamos.

Depois da morte do A. propoz-se Francisco Luiz Ameno a imprimir, com o titulo de *Theatro Comico*, uma collec-

quando muito são no seu gôsto os *Encantos de Circe*, *e a Nymfa Siringa*. — Se bem que a idade de 34 annos com que morreu (por não o deixarem viver mais) não nos permitte crer que apezar de toda a sua fecundidade tivesse tempo para ser auctor de mais obras.

ção de conhecidas peças portuguezas, cujo numero elle reduzia a quarenta e oito; obteve para isso privilegio de dez annos e publicou em 1744 na officina Sylviana os dois primeiros volumes em 8.°, contendo as operas de Antonio José, precedidos de estampas allegoricas, e promettendo para os 3.° e 4.° volumes *Adriano em Syria*, *Semiramis*, *Filinto*, *Adolonymo*, *Nymfa Siringa*, etc. Tendo porém alguma demora em cumprir sua promessa, houve outro individuo que em 1746, na officina de Ignacio Rodrigues, publicou estas cinco promettidas peças, e além dellas, mais trez, em dois tomos, tambem de 8.° com o titulo de « *Operas Portuguezas*. »

Ameno reimprimiu em 1747 os dois volumes publicados por elle trez annos antes; mas teve que mudar o 2.° § do prologo, que se refferia ás peças que havia promettido. No que de novo escreve diz que não poude dar as peças promettidas *por haver destas auctor vivo, que não consentiu que outro as imprimisse*. Do que fica claro não era seu auctor Antonio José que deixára de existir em 1739, como sabemos. Accrescenta que havendo-se feito dellas uma edição (allude aos 2 volumes com o titulo *Operas Portuguezas*, impressas em 1746,) se propunha a continuar a collecção com outras operas, que noméa. Dessas operas algumas foram impressas avulsas; mas a collecção não continuou tal; o que succedeu foi em 1751, fazer-se outra edição dos dois volumes de 1746; e em 1753 repetirem-se em 3.ª edição os dois volumes do *Theatro Comico*; seguiu-se outra em 1759. Foi a esta 4.ª edição dos dois volumes que pela primeira vez se annexaram em 1760 e 1761, sob a rubrica de tom. 3.° e 4.° do dito *Theatro Comico* os mesmos até então 1.° e 2.° intitulados *Operas Portuguezas* — dos quaes verdadeiramente esta edição foi a 3.ª — Uma tal associação de volumes e de titulo repetiu-se na última

O talento e chistosa graça do Antonio José resumbra a cada instante. Ás vezes vereis expressões que o público mais pulido de hoje não toleraria; mas o nosso A. conhecia decerto a sua platéa; e tanto que não se cançava ella de dar gargalhada a valer, e de o applaudir. Os Inquisidores porém descubriram de certo alguma liberdade de pensamento nas grandes verdades, que o philosopho dramatico denuncía debaixo do envoltorio do estylo picaresco.

« Toda a justiça acaba em tragedia » faz elle dizer a Sancho, e a ninguem melhor servia a carapuça que aos Inquisidores — Tambem é possivel que pretendessem achar no *Amfitrião* alguma revelação dos tratos, que passára nos carceres: o certo é que o tomaram á sua conta como passâmos a ver.

Tinha-se Antonio José casado em 1734, com Leonor Maria de Carvalho. Este matrimonio fôra abençoado um anno depois, em Outubro de 1735, nascendo uma menina que recebeu o no-

edição, tambem em quatro volumes, feita na officina de Simão Thaddeu Ferreira em 1787, — 88, — 90 e — 92. — e nella se conservou ainda todo o prologo da edição de 1747, cujo segundo periodo se havia já supprimido n'uma das edições anteriores. Esta vem a ser 3.ª do tom. 1.º e 2.º e 4.ª do 3.º e 4.º, não falando nas impressões avulsas. Das edições *de cordel* possuimos *As Guerras do Alecrim* impressas em 1770 — 4.º—; vindo assim desta comedia a existirem pelo menos sete edições. O *D. Quixote* mereceu as honras de ser traduzido em francez na collecção dos *Chefs d'œuvres des théatres étrangers.* Foi traductor o illustre Ferdinand Denís, para sempre benemerito das nossas letras.

me da avó paterna. Era uma familia feliz: a advocacia dava a Antonio José uma subsistencia honesta, e com que pagar a renda de um andar das casas, em que vivia junto á igreja do Soccorro. O theatro offerecia-lhe pasto intellectual, grangeava-lhe a afeição do monarcha e bastante popularidade; e a filhinha e a mulher e a sua velha mãi constituiam-lhe todas as delicias do coração. Eis porém que aos 5 de Outubro de 1737, quando se aproximava o segundo anniversario da dita filhinha Lourença, viu-se arrebatado subitamente por um familiar do Santo Officio. Tal é o primeiro quadro da acção verdadeiramente tragica, que nos vai offerecer o resto de seus dias.

Serviu de preteto aos Inquisidores certa denúncia dada por uma preta de Cabo Verde, escrava de sua mãí, a qual segundo se provou depois, Antonio José castigára, por ser de má vida: este triste instrumento de vingança veio a pagar seu mal, morrendo de susto no carcere, onde fôra trazida para ser interrogada. Não havendo capitulos de provas contra Antonio José, e não sendo possivel tiral-os de suas obras devidamente licenciadas, tratou-se de lh'os crear dentro dos mesmos carceres. Foi mettido n'uma casa que tinha buracos claudestinos pâra ser espiado, e os guardas que iam espionar reparavam em quando elle não comia, de certo porque a isso o não convidava o appetite, para irem depois depor que estavam persuadidos que o não fazia por jejuar judaicamente. Foram só taes depoimentos e os de um denun-

ciante (que segundo parece de proposito lhe destinaram para companheiro) que este poeta foi condemnado! E isto quando os proprios guardas muitas vezes depõem como elle lia nas horas, resava de mãos postas, e benzia-se etc. E isto quando todas as testemunhas que convocou em sua defensa, entre as quaes entravam frades, incluindo-os, até de S. Domingos, deposeram sua devocão pelo catholicismo, e attestaram seus bons costumes! Não somos nós que o dizemos: é o seu processo original, que chegou até nós, pâra podermos vingar a sua memória. Foi o empenho que consta haverem feito muitos grandes da épocha, incluindo o proprio rei D. João V, para o livrar. Mas que se lhe dava á Inquisição com o poder dos grandes e do rei, antes do Marquez de Pombal!?..

Nós seremos os primeiros a confessar que nas obras de Antonio José expressões e pensamentos ha, as quaes por ventura descobrem que a mira deste poeta não era ganhar o Ceo asceticamente, e por meio de cilicios; mas se elle não era naturalmente de humor devoto e espirito demasiado credulo, como pretender insistir que elle tinha fé de se salvar voltando á religião de Moysés, pâra não comer toicinho, e privar-se de um bom pedaço de lombo!..

Quando o nosso poeta por sua justificada innocencia, quando seus amigos testemunhas que haviam deposto a favor delle, julgavam-o talvez absolvido, lavrava-se-lhe a sentença tremenda de relaxação a 11 de Março de 1739. Mas elle nada sabía; e sofria resignado no

carcere numero 6 do *Corredor meio-novo*, ora deitado em um sobrado, ora passeando com as mãos mettidas, como tinha por costume, nas mangas do roupão azul forrado de encarnado, que usava em quanto preso. Quantas vezes ahi não teria motivo pâra repetir os seguintes versos, que annos antes fizera recitar a Amfitrião:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influís com luz oppaca,
Rigor tão féro contra um innocente;
Que delicto fiz eu, pâra que sinta
O pézo desta asperrima cadêa
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão, e o susto mora!
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa, que tenho, não é culpa,
Pâra que me usurpaes com impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?

Ó que tormento barbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha,
A patria me despenha;
E até o ceo parece,
Que não se compadece
De um misero penar.
Mas ó Deoses, se sois Deoses,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegais hoje a castigar?

Mais de sete mezes depois de sentenceado, a 16 de Outubro de tarde foi-lhe feita a intimação, e entregue no Oratorio aos cuidados do jesuita Francisco Lopes. Bem podia dizer com o seu Polybio:

Se o recto instrumento
Que vibras ingente
De uma alma innocente
Castigo não é:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Não fujo, não temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou!..

tanto mais se soubesse que sua velha mãi ficava na terra pâra penar e abjurar mais uma vez!

Passados tres dias estava elle na Eternidade!... E o seu corpo queimado e convertido em cinzas e vapores... Deus tenha sua alma em glória, pois elle já não era judeu!

Era Antonio José de estatura mediana magro, alvo, de cabello castanho escuro, de feições e cara meuda, e tinha pouca barba.

Consta-nos que o nosso bom amigo o Ex.mo Sr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, tão fino litterato como justo magistrado, além de acreditado administrador e diplomata, se propõe a fazer uma edição completa das obras deste filho d'America. Oxalá possam-lhe ser de alguma utilidade estes nossos apontamentos, e a integra do *processo*, que tivemos a fortuna de achar, e do qual por ordem do dito Sr, fazemos tirar uma cópia. — Demos-lhe desde já nossos emboras! — Restitua-nos pois as obras com o auctor chamado pelo seu nome; e cesse de uma vez o labéu de *Obras do Judeu*, com que o

público as apellidára, quando as viu publicar anonymas, o que provavelmente foi ordenado pela Inquisição.

Ninguem ousa no *Theatro Comico* pronunciar o nome de Antonio José: e entretanto descobre-se que a elle alludem no titulo as expressões = « Que se representaram » etc: a elle allude o Collector Ameno na Advertencia; e ainda mais a elle allude até sem ousar nomeal-o, o proprio Rei no Privilegio, que só se publicou nas primeiras edições. — Os censores para a primeira edição de Ameno foram o conego D. José Barbosa e o frade de S. Domingos Fr. Francisco de Santo Thomaz. Este último disse a 8 de Março de 1743: « Ainda que o sal dos escriptos deste genero com que seus AA. os costumam temperar... degenere ás vezes em corrupção dos costumes, *aqui* não succede assim; porque... foi extrahido dentro das margens da modestia e sem redundancia fóra dos limites da *Religião Christã.* » Aquelle apenas disse em 6 de Abril que não via nas obras « coisa *contra a fé* e bons costumes. »

Sería quasi reprehensivel ommissão falar da vida de Antonio José sem ao menos fazermos honrosa menção do drama = *O Poeta e a Inquisição* = com que o Sr. Magalhães mui talentosamente poz em scena o nosso pobre perseguido. Os novos factos, que agora se conhecem, offerecem já outro drama, ainda que com scenas mais carregadas, menos difficil de fazer.

Jámais porém nós tal emprehenderiamos; e a ninguem senão ao Sr. Magalhães, em sua vida, compete, em nossa opinião, realisar essa tarefa. Tudo o mais fôra miseravel ambição *escamotada* á custa de menos polida attenção pelo poeta A. do drama que se estreou, ainda antes do *Auto de Gil Vicente* no moderno impulso que recebeu em seu repertorio o theatro portuguez.

Gloza dos versos do conhecido soneto de Camões « *Alma minha* etc.; por occasião da morte da infanta D. Francisca em 1736.

Que importa que separe a fera morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intíma o córte
Vive a alma no affecto mais unida:
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de um tumulo escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
« *Alma minha gentil, que te partiste.*
Se no regio pensil flor animada
Púrpuras arrastava a galhardia,
Por isso na belleza inseparada
À duração efemera existia:
Se está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente
« *Tão cedo desta vida descontente?*
Como flor acabou quem rosa era,
Porém nessa fragrancia transitoria
Não quiz ser flor na humana Primavera,
Por viver serafim na excelsa glória:
Já que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alta victória,
Apezar da saudosa dor vehemente
« *Repousa lá no ceo eternamente.*

Nessa patria de raios luminosa,
Donde immortal se adora a luz immensa;
Alegre vivirás, alma ditosa,
Sem limite jámais na glória intensa,
Que eu infeliz em ância luctuosa
Farei no meu gemido a dôr extensa;
Eterno goza tu o bem que viste,
« *E viva eu cá na terra sempre triste.*

Não cuides que o affecto de adorar-te
Se extinguiu nos limites de perder-te,
Porque na viva fé de idolatrar-te
Na memória conservo o bem de ver-te:
Tão constante me elevo em venerar-te,
Que não sei que podesse mais querer-te
Se cá na terra dura onde me viste,
« *Se lá no assento ethereo onde subiste.*

E se nesse brilhante firmamento
De algum humano bem memoria dura,
É porque no logar da culpa isento
Não se veja do ingrato a mancha impura:
Lembre-te pois, ó alma, o vago alento,
Que em suspiros exala esta ância pura,
Lembra-te; pois tambem no ceo luzente
« *Memória desta vida se consente.*

Quantas vezes a tanta galhardia
Portugal sacrificios dedicava?
Nos altares de um peito amor ardia,
Nos ardores de uma alma amor se achava;
Se este extremo que em luzes se accendia,
Era fragoa de amor, que se abrazava,
Pâra allívio efficaz de um peito ausente
« *Não te esqueças daquelle amor ardente.*

Mas se algum dia o gôsto por activo
Em cristalino riso se applicava,
(Que tambem o prazer quando excessivo
Pelos olhos rhetorico falava,)
Hoje corre turbado o successivo
Cristal, que o gôsto amado publicava,
Turvo distilla a mágoa o pranto triste,
« *Que já nos olhos meus tão puro viste.*

Pàra eterno padrão uma saudade,
Mausoleo immortal se erige: oh quanto
Póde uma dor! pois toda a eternidade,
Breve círculo é de affecto tanto:
Recebe pois, ó inclita deidade,
O líquido holocausto de meu pranto,
Se acaso digno é de engrandecer-te,
« *E se vires que póde merecer-te.*

Neste fero tormento desigual
Sem remedio me vejo enlouquecer,
Sendo sómente allívio para o mal
Nesta ausencia infeliz por ti morrer:
Vivo tão satisfeito do fatal
Tormento, que me obriga a padecer,
Que mitigo no mal, que me deixou
« *Alguma coisa a dor, que me ficou.*

Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Tejo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando
Dão a Neptuno infausta investidura?
Viste os patrios montes arrancando
Do coração da penha a fonte pura?
Pois tudo effeitos são, se bem se adverte,
« *Da mágoa sem remedio de perder-te.*

Mas se tens por objecto o celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes, que immortal
Vives eterna á sombra desse sol.
E se pois transmigrou teu ser mortal
A um sublime ser, sendo crisol
Da virtude, que a tanto te exaltou,
« *Roga a Deus, que teus annos encurtou.*

Quantos desejarão no grave espanto
Da ausencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Accender essas cinzas com suspiros!
Qual á morte dirá: não tardes tanto,
Leva-me a mim tambem em vagos giros,
Pois quão cedo de mim soube esconder-te,
« *Que tão cedo de cá me leve a ver-te.*

Qual nevada bonina, que o subtil
Matutino licor feliz bebeu,
A quem o sol ardente em raios mil
A odorifera pompa lhe abateu:
Assim, ó bella infanta, alma gentil,
Noto no seu estrago o golpe teu,
Que admirado do mal por certo estou,
« *Quão cedo dos meus olhos te levou.*

Ais e lamentos.

Já que em tanto tormento não alcanço
Allívio, neste apocrifo delicto,
A quem recorrerei, misero amante?
A quem recorrerei? A quem, Alcmena,

Senão ao puro archivo de meu peito,
Onde os extremos meus e os meus suspiros,
Finalmente exhalados,
Poderão comover as duras penhas,
E os asperos rochedos!
Que talvez nessa barbara aspereza,
Ache menos rigor, menos dureza.

Pois, tyranna, não te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, esquiva Alcmena,
Que farei por te abrandar?
A teu idolo adorado
Meu affecto já prostrado
Toda a víctima de uma alma
Sacrifica em teu altar.

Tyranna ausencia,
Que me roubaste,
E me levaste
Da alma o melhor.
Se ausente vivo
Já sem alento,
Cesse o tormento
De teu rigor.
Ai de quem sente
De um bem ausente
A ingrata dor!
Se eras minha alma
(Ai prenda bella!)
Como sem ella
Com alma estou!
Porém já vejo,

Que em meu delirio
Para o martyrio
Só vivo estou.
Ai de quem sente,
De um bem ausente,
A ingrata dor!

De amor todo abrazado
Me sinto quasi louco,
E afflicto pouco a pouco,
Me vai faltando a vida,
Me vai matando a dor.
Ah querida ingrata Alcmena,
Quanto susto e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!

Na mágoa que sinto,
No mal que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto e confuso,
Maior labyrinto
Encontro no amor.
Não temo esse monstro,
Que horrivel me espera;
Só temo essa féra
Cruel tyrannia
De tanto rigor.

Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,

E comtigo está meu bem.
  Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás, que dessa sorte
Ésta vida me horrorisa,
E ésta morte me convem.

  Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em dúvida é melhor
Temer, que confiar.
  Oh credula não sejas
De amor no cego engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos esperar.

  Na onda repetida
Do zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu líquido cristal.
  Se pois a clara espuma
Trofeu de um monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal.

Oh infeliz, oh triste sem allívio,
Misero amante, como sem Ismene
Vivirei? Morrerei ao duro golpe
Da sentença cruel, que me separa

Aquella alma sublime deste corpo,
Cuja união amor ligou constante.
Oh Jupiter piedoso, dessa esféra
O trisulco furor de teu incendio
Contra um peito infeliz fulmina ingente,
Que pâra provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que nascer infeliz um desgraçado.

Irado e languente,
Frenetico e amante,
Ó injusta deidade,
Da tua impiedade
A Jove supremo
Me quero queixar.
Se a luz me usurpaste
Do sacro hyminêu,
Cruel te enganaste,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abrazar.

Ó tu luzida antorcha,
Que nessa etherea sala predominas
A brilhante caterva
De todos os planetas,
Ouve os écos, as vozes, os clamores
De um misero infeliz, a quem a sorte
Dá na vida o rigor da mesma morte.

Já que eu morro, ó féra Hircana,
Sem remedio a teus rigores,
Impaciente, louco amante,

Delirante,
Com gemidos e clamores,
De ti aos ceos me hei de queixar.
A minha alma, vaga, errante,
Não te assustes quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de sempre acompanhar.

Anacreonticas.

Oraculo de amor
Propicio me responde
Nas âncias deste ardor:
Bem me queres, mal me queres,
Bem me queres, mal me queres. . .
Mal me queres, disse a flor!
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho que esperar?

Um peregrino affecto
Me occupa o coração, quando inquieto;
Nem as aguas do mar, ou meus suspiros,
Surcando em dous mil giros
Me deixam respirar, porque em meu peito
Me abraza o cego ardor de amor perfeito.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só sei, que o seu effeito

Me obriga a te adorar.
  Do teu doce attractivo
Já sente o amante peito;
E á vida não compete
Gôsto mais singular.

  Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.
  Mais que os minutos
São meus ardores,
Nos teus rigores
Conta não ha.
  Mas ai, tyranna,
Se a quem te adora
Fosse ésta hora
Hora de amar.

  O navegante,
Que combatido
De uma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
  Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo
Que vai crescendo
Minha ventura
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

N'uma alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrinto
Fabríca o amor.
Porém quem espera
O bem de uma féra,
Acertos de um cego,
De um monstro favor?

Inda não creio
O bem que gózo:
Serei ditoso
No meu amar?
Estas as voltas
São da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.
Serás amante?
Serás constante?
Ésta constancia
Firme será.

Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateam mais.
Se essa ventura
Feliz alcanças,
Nestas mudanças
Temo o meu mal.
Serás amante?
Serás constante?
Ésta constancia
Firme será.

Viste, ó Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do sol?
Dessa sorte, sem desmaios,
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girasol.
Mas ai, Clori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicíta o mesmo ardor.
Tal, ó Clori, me imagino,
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

Ditosa pastorinha,
Que alegre em verde prado
Só cuida no seu gado
Ao som da melodía,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu pastor.
Políticas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
Á fé de um casto amor.

Arias e miscellaneas dramaticas jocosas.

Viram já vocês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato,
Este guincha que o não rape,
D'ali diz-lhe a moça *çape*,
E o gato responde *miau*,
E a senhora grita *xó?*
Dessa sorte amôr tyranno
Faz das unhas duras frexas,
Que trepando da alma ás brexas
Corações, fressuras, bófes
Come, engole e faz em pó.

Lá vai á saude dos senhores,
E em suaves licôres
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropesia:
Apesar do pesar e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encarnado.

Nas guerras do Bacco
Sem chuço ou bayoneta
Com ésta trombeta
Toco a degolar: tan, taran, tan, tan,
E ao som deste som: torom, tom, tom,
Tudo terá fim: tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas

De tantas tabernas,
Porque dellas possa
Bacco triumphar.

É o amor que uma alma engolle,
Sabão molle:
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra cega,
Escorrega,
Cae aqui, cae acolá.
Assim uma alma namorada,
Esfregada,
Ensaboada,
Que tropeços não fará!

Egeria peregrina,
Do sagrado eridano nympha bella,
Deixa o ceruleo, errante, throno vago,
Em que habitas deidade;
Que se aguas procuras em taes mágoas
Vem a meus olhos, que tambem tem aguas.

Alenta, respira,
Galhardo pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o cristal
Se abrazam as aguas
Em fogo de amor.

Se da Italia esféra,
Tutelar divindade te appellidas,
Ampara um peregrino,
Que a teu facto eridano sacrifica

Outro rio em seu pranto: oh quanto temo,
Que unido o sacrificio á divindade,
Se innunde o orbe em líquida impiedade!

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

Outra vez, e mil vezes
Te busco impaciente,
Por ver se rigoroso meu destino
Nos influxos brilhantes de teus raios
Acha seguro asylo, e o passo errante
De um ânimo constante
Encaminha propícia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos giros
Tantos os votos, quantos os suspiros.

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A mangerona
Quero exaltar.
No seu triumpho
Que a fama entoa,
Palma e coroa
Ha de levar.
Hade por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

Inda que gaste
Duzentas solas,
Mil cabriolas
Por ti farei.
Ai que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe cascára
Um cambapé.
Dá-me essa mão,
Pâra me erguer.
Vá-se dahi,
Quem é vossê?
Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farei,
Queres tu ver?
Ora lá vai,
Uma, duas, tres, quatro, cinco e seis.
Mui buliçoso
Tens esse pé!

Senhor Caranguejo,
Adeus, que me vou:
Lá vai o meu bem,
Meu mal me matou.
Não chore, barbado,
Vossê é rapaz?
Amor é que chora,
Que amor é rapaz.
Adeus, que me vou
Não digas tyranna,
Adeus, que me vou.
Oh quanto me custa

Deixar-te sem mim!
Oh quanto me assusta
Ficar-me sem ti!
Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou.

Selvatica fera
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se a cara consorte
Nos braços encontra
De amante rival.
Se o rústico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrazada
Dos zelos no mal.

Toda a mulher que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de leval-a o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depor
Seu tyranno desdenhar;
Porém se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por não morrer,
Ou morrer, por não casar.

Não ha quem me diga
Por esta cidade
Se devo casar,

Se não, ou se sim?
  Porém que verdade
Me podem dizer,
Se eu hei de morrer
Assim como assim?

Roto lenho que impellido
De infeliz vaga procella,
Quasi a pique submergido,
Vendo ao longe a praia bella,
    Sem que a ella
Possa náufrago aportar.
  Eu assim na dor violenta,
Sinto uma aspera tormenta,
Sem que possa minha idéa
    Por Medéa
Livremente publicar.

  Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei.
  Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei.

  Não vêem o meu noivo
Como é galantinho?
Com esse focinho
Queria mulher?

Que tolo, que simples, que nescio é vossê?
Bem sei não mereço
Tão lindos amores;
Porém taes favores
Os lanço de mim co'a ponta do pé.

Se cuidas, menina,
Que eu seja perjuro,
Pois olha eu te juro,
Um raio me parta,
Me abraze um corisco,
O diabo me leve,
Se eu falso te for.
Mas ai, Taramella,
Se és linda, se és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor.

Que trémulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
Em âncias te estales,
E em prantos te estiles,
Debalde será.

SONETOS.

A um mal reservado.

Se este mal que padeço heide mostral-o,
Perifrazes não acho a difinil-o;
Pois quando dentro da alma sei sentil-o,
Balbuciante é o gemido a declaral-o.
Por mais que intento em vozes decrifral-o,
Me suffoca o pezar ao proferil-o,
Pois contém este mal um tal sigillo,
Que parece é delicto o publical-o.
Se o tormento que n'alma se resume
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, donde sinto um vivo lume:
Sómente caberá seu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na bocca voraz do mesmo averno.

Ao amor.

Labyrinto maior, mais intrincado,
Tem amor em meu peito construido,
De quem se ostenta os golpes do gemido,
Cinzel a mágoa, artifice o cuidado.
Na memória se vê delineado,
O tormento de um gôsto amortecido,
Na confusão da dor o bem perdido
Nunca se encontra ainda quando achado.
A máchina mental desta estructura
Adornam em funestos parallelos,
Lamina o susto, sombras a pintura:
Columnas são os miseros desvélos,
Estátua o desengano se affigura,
Fio a esperança é, monstros os zelos.

Ao alecrim.

Um dia pâra Siques quiz Amor
Uma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gôsto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar
Ao girasol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o alecrim,
Um verde ramo pretendeu colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprézo, só por te querer,
Jacinto, girasol, rosa e jasmim.

Á mangerona.

Pâra vencer os flores quiz amor
Settas de mangerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor.
O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girasol foi culto o inclinar,
Ais o jacinto deu de inveja e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirar-se fugido o alecrim,
Que amor pâra vingar-se o quiz colher;
Cantou das flores o triumpho em fim,
Nem os despojos quiz, por não querer,
Jacinto, girasol, rosa e jasmim.

Ao malmequer.

Essa, que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sair á luz.
Ainda que se vejam hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo hão de repor,
Senão negro seja eu como um lapuz.
O malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a mangerona e o alecrim
As plantas beijarão do malmequer.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

No Brazil, como em todos os paizes em que os Jesuitas tiveram influencia (do mesmo modo que naquelles em que ainda a tem), a educação da mocidade era apanagio seu, pelo menos durante o tempo dos preparatorios pâra as frequencias de universidade, e estudos maiores. É preciso confessar que em geral desempenhavam bem essa missão, e que de suas aulas são oriundos grandes genios que ornam a história das lettras e das sciencias.

Os collegios do Brazil começaram a distinguir-se pela escolha dos estudantes que deitavam para Coimbra. E era justamente em meio o seculo passado, quando varios delles se tornavam célebres na Universidade. Lá se formou João Pereira Ramos: lá segue seu irmão Francisco de Lemos, depois bispo e reitor; lá esá um poeta do Rio de Janeiro, chamado Chterem; lá está tambem um prégador distincto, (depois poeta epico) Santa Rita Durão, e lá se distingue, sôbre todos, o joven poeta Claudio Manoel da Costa.

Nascêra Claudio na hoje (desde 1745) ci-

dade episcopal de Marianna, que se chamava então Villa do Ribeirão do Carmo; e o proprio titulo de *Villa* havia recebido em 1711, apenas alguns lustros antes de Claudio vir ao mundo. Em meio seculo um deserto aurifero habitava-se, recebia o pelourinho, ganhava as honras de cidade, e por fim até se ornava com a presença de um baculo. — Tal é na sociedade a prodigiosa influencia da riqueza!

Mas Claudio não viera poeta já das Minas Geraes: nenhumas inspirações divinas trouxera de lá. Viera pequeno estudar para as escolas do Rio de Janeiro, e só o trato dos livros é que lhe fizera desenvolver o sentimento poetico que tinha latente. Estudou bem Virgilio, e leu muito as obras poeticas pastoris, principalmente de Guarini e Rodrigues Lobo. — Em Coimbra declarou-se nas eclogas pastor do Mondego, e passando por Lisboa gostou do Tejo: e a um e outro accommodou muita inspiração, e reminiscencias de leitura. Mas possuiu-se bem da linguagem portugueza, e tanto que hoje a Academia de Lisboa o recommenda como classico. Concluidos os cinco annos em Coimbra voltou á sua provincia natal. E como lá não achou seus collegas poetas, e não viu campos de trigo, nem rebanhos de ovelhas, esmoreceu...

Teve certa inclinação amorosa e foi della infeliz. — A sua Eulina era cruel, e não fazia caso delle. E a lyra, que antes acompanhára festas e amores, destemperou as cordas e soava com tons monotonos d'alaude. Já não tinha a « sombra dos salgueiros em que sua

musa se ensaiára » e julgava-se, « peregrina na propria terra » : Ouçamos :

A vós, pastor distante,
Bem que presente sempre na lembrança,
Saude envia Alcino, que a vingança
Da fortuna inconstante,
Do barbaro destino,
Chora na propria terra peregrino.

Se a flauta mal cadente
Entoa agora o verso harmonioso,
Sabei, me communica este saudoso
Influxo a dor vehemente ;
Não o genio suave,
Que ouviste já no accento agudo e grave.

Entorpeceu-se o canto ;
E a Muza tristemente enrouquecida
Se viu, depois que a sorte desabrida
Trocou o doce encanto
Das Nymfas do Mondego
Pelo deste retiro inculto emprêgo.

Ainda outra vez nos seguintes Sonetos :

Onde estoù ! Este sítio desconheço ;
Quem fez tão differente aquelle prado !
Tudo outra natureza tem tomado ;
É em contemplal-o tímido esmoreço.
Uma fonte aqui houve ; eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado ;
Ali em valle um monte está mudado :
Quanto póde dos annos o progresso !
Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera :
Nem troncos vejo agora decadentes.
Eu me engano : a região ésta não era :
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera !

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os roccedos;
São estes ainda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.
Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.
Oh quão lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e as vezes, que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido!
Tudo está a memória retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

A fabula do seu patrio Ribeirão, que publicâmos, é ainda um espelho do espirito do mesmo poeta. — A offerecer ao público a dita fabula dizia elle:

Se ella vos desagrada por sentida,
Sabei que outra mais feia em minha pena
Se vê entre estas serras escondida.

Sería a da sua ingrata Eulina?...

Eis porém as proprias expressões de Claudio na introducção ás suas obras:

« Aqui entre a grossaria dos seus genios,
« que menos podéra eu fazer, que entregar-me
« ao ocio, e sepultar-me na ignorancia! Que
« menos, do que abandonar as fingidas nymfas
« destes rios; e no centro delles adorar a pre-
« ciosidade daquelles metaes, que tem attrahido
« a este clima os corações de toda a Europa!
« Não são estas as venturosas praias da Arca-
« dia; onde o som das aguas inspirava a har-
« monia dos versos. Turva e feia a corrente
« destes ribeiros, primeiro que arrebate as idéas
« de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fa-

« diga de minerar a terra, que lhes tem per-
« vertido as côres.

« A desconsolação de não poder substabe-
« lecer aqui as delicias do Tejo, do Lima, e
« do Mondego, me fez entorpecer o engenho
« dentro do meu berço : mas nada bastou pâra
« deixar de confessar a seu respeito a maior
« paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas
« vezes, e a escrever a fabula do Ribeirão do
« Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que
« corre, e dava o nome á Cidade Marianna, mi-
« nha patria, quando era villa. »

Em Coimbra no anno de 1751 havia Claudio publicado varios folhetos de versos, com os titulos de *Munusculo Metrico*, *Labyrintho de Amor*, *Numeros Harmonicos*, etc. Mais tarde assentou de fazer um volume das obras poeticas escolhidas. Remetteu-as de Minas a Coimbra, e nesta última cidade se publicaram ellas em 1768, em um volume de 8.º Faz principalmente pasmar neste livro ver tanto verso italiano, e o que mais é, tanta boa poesia em boa linguagem italiana, que nos dá prova clara de quanto o autor devia ser versado na lingua de Petrarcha. Este livro foi por Claudio offerecido ao Capitão General de Minas, Conde de Valladares, que pelo que vemos o protegia, conservando-lhe o cargo de secretario do seu governo. No dito cargo de secretario do governo fizera o nosso poeta uma longa viagem, correndo annos antes a provincia de S. Paulo, com o governador Luiz Diogo Lobo.

Depois de 1768 compoz a *Saudação á Ar-*

cadia; desta era membro com o titulo de *Glauceste Saturnio.* O apparecimento do *Uraguay* de José Basilio parece que lhe deu desejos de estrear-se n'uma especie de epopéa. Mas o poema *Villa Rica* * offerecido em 1773 ao irmão do heroe do *Uraguay* deve ser mais consultado como uma memoria historica do que como um grande monumento poetico.

Nesse tempo estava a sua provincia convertida n'uma verdadeira Arcadia de poetas. Lá estavam os Alvarengas, o professor Ribeiro, e o celebre Gonzaga que, mais moço que Claudio, o soube ganhar pâra companheiro inseparavel e bom amigo. Como existem poucas poesias de Claudio depois do estabelecimento desta amisade (posterior á data da publicação das obras) não apparecem della reminiscencias senão nas obras de Dirceu. Este, feliz com as attenções da sua Marilia, não podia ver sem pena os repudios que seu amigo Glauceste recebia: ouçamol-o :

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e fêa,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria aldêa !

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra do alto cedro na campina
Eu versos te, compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O éco agora diz: *Marilia terna*;
E logo : *Eulina ingrata.*

* Este poema foi impresso no ouro Preto de 1839 a 1841 em um folheto em 4.º

E ainda instava o leal amigo Dirceu:

Eu, Glauceste, não duvído
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de roza,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpureos beiços,
Vejo o peito cristalino;
Nem ha coisa que assemelhe
Ao crespo cabello loiro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesoiro!

Ella vence muito e muito
A larangeira copada,
Estando de flores,
E fructos ornada.
É Glauceste, os teus amores;
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cansára
As divinas cordas de oiro.
Ah! Que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesoiro!

Sim, Eulina é uma Deosa;
Mas anima a formosura
De uma alma de féra;
Ou ainda mais dura.
Ah! Quando Dirceu pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de oiro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesoiro.

O fuzil que imitta a cobra,
Tambem aos olhos é bello:
Mas quando alumeia,
Tu tremes de vel-o.
Que importa se mostre cheia
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata,
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdoiro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesoiro.

, A minha Marilia quanto
A natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente:
Se canot, canta comigo,
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello loiro.
A minha Marilia vale,
Vale um immenso thesoiro.

Mais ou menos feliz nos amores, mais ou menos melancolico, Claudio gosava das delicias d'amisade, depois que tinha ao pé de si a Gonzaga, que com outros amigos litteratos reunia em casa:

Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa chêa:
Todo o congresso ali anda,
Só o meu amado não,
Mandarás aos surdos Deoses
Nóvos suspiros em vão,

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado.

Mas já nos assalta o desfecho tremendo que resultou destas innocentes reuniões, em que a lingua discorria acompanhando um pouco a liberdade do pensamento. Essas e outras reuniões foram denunciadas como incendiarias, e tentadoras de proclamar a independencia, não do Brasil, mas de Minas, e por essas suspeitas começou-se a prender gente...

Pertencem á historia as considerações sôbre a fantasiada conspiração do *Tiradentes*. Gonzaga foi apanhado antes de Claudio, pois a este, como solto, se refere escrevendo á sua Marilia na quadra acima e na seguinte lyra:

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! Vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegasó fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calúmnia,
E forge o meu tormento;
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
E toca um pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella:
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgôsto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos e os penedos attrahia.
De outro destro cantor tambem affirma
A sábia antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De uma grande cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah! Tu a ninguem cedes meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto;
Podes fazer prodigios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito afflicto;
Que é menos ainda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce linitivo;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

Por fim tambem o apanharam; e na cadêa de Villa Rica em 1790 foi assassinado com veneno, ou talvez assassinou-o o seu genio concentrado.

O conceito em que o tinha Gonzaga deduz-

se da lyra citada, em que lhe dá por encargo pintar-lhe a sua Marilia ; encargo que Claudio naturalmente desempenhou ; pois que outra lyra (a 33) assim o accusa :

> Tu tens, Marilia,
> Cantor celeste ;
> O meu Glauceste
> A voz ergueu ;
> Irá teu nome
> Aos fins da terra,
> E ao mesmo ceo.

A linguagem de Claudio, como elle proprio diz, não é inchada, nem

> « Daquella que lá se usa entre essa gente,
> Que julga que diz muito, e não diz nada. »

Quanto ao mais quasi tudo nas obras de Claudio, é como o fim de sua vida, repassado mysterio, de tristeza e ás vezes de horror...

Lea a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Porque vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio:
Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês nymfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.
Turvo banhando as palidas arêas
Nas porções do riquissimo thesouro
O vasto campo da ambição recrêas.
Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas vêas,
Quanto em chammas fecunda, brota em oiro.

Fabula do Ribeirão.

Aonde levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema e rara
Desta inculta região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte.

De uma penha, que espôsa
Foi do invicto gigante,
Apagando Lucina a luminosa,
Alampada brilhante,
Nasci: tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha glória n'um só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta e prado
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco ou penha,
Que não désse tributo
A meu braço feliz, que já desdenha,
Despotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glórias tantas.

Mas ah! Que Amor tyranno
No tempo, em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano,
Por aleivosa via
Intruduziu cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Visinho ao berço caro,
Aonde a patria tive,
Vivia Eulina, este prodigio raro,
Que não sei, se inda vive,
Para brazão eterno da belleza,
Para injúria fatal da natureza

• —— •

Trez lustros, todos d'oiro,
A gentil formosura,
Vinha tocando apenas, quando o loiro,
Brilhante Deus procura
Acreditar do pai o culto attento,
Na grata acceitação do rendimento.

Mais formosa de Eulina
Respirava a belleza;
De oiro a madeixa rica e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção da neve bella
Entre as rozadas faces se congela.

Mas inda, que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meu destino que uma dura,
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor; para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu nome: a dor, vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Qne o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha indústria o meu despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de um roubo (oh misero delicto!)
A ventura de um bem, que era infinito.

Sabía eu, como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume,
Para doirar de luz outro horisonte)
Banhar-se nas correntes de uma fonte:

A fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a patria, onde tive o berço amado,
Recolhi numeroso
Thesoiro, que roubára diligente
A meu pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
De um bosque á fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da nymfa; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empreza)!
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; opprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega fôrça tanta:
Mas ah! Eu não sei como, de repente
Densa nuvem me põe do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meu bem intento;
Onde a meus ternos laços..!
Onde te escondes, digo, amada Eulina?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mas ía por diante,
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella nymfa, já roubada
Do Numen, a quem fôra consagrada.

Em seus braços a tinha
O loiro Appollo prêsa
E já ludlbrio da fadiga minha,
Por amorosa empreza,
Era despôjo da deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebata.

Então já da paciencia
As redeas desatadas,
Toco de meus delirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acêrto as luzes, busco a morte impia,
De um agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sôbre mim caindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numen soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meu damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E pàra que a lembrança
De minha desventura
Triunfe sôbre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella Eulina,
A côr inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende;
E sôbre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende:
Que chegando a ser ímpia uma deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesoiros preciosos
Chegou notícia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão estranhas;
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrazadora chamma
Sôbre os meus hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvello da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah mortais! Até quando
Vos cega o pensamento!
Que máchinas estais edificando
Sôbre tão louco intento.
Como nem inda no seu reino immundo
Vive seguro o Bárathro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetrais o centro,
Que Apollo não banhou, nem viu Lucina;
E das entranhas dentro
Da profanada terra,
Buscais o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Em fim, sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantazia está presente.

Um murmurar sonoro,
Apenas se me escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que choro,
A deidade absoluta
Não consente ao clamor, se force tanto,
Que mova a compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fábrica eminente
De uma grande cidade; aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

. — .

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas; que a fatal porfia
Da humana sêde ordena,
Se attenda apenas o ruido horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deus, que o temperado côro tece,
Me foge, me castiga, e me aborrece!

Em fim sou, qual te digo,
O Ribeirão presado,
De meus engenhos a fortuna sigo:
Comigo sepultado
Eu chóro o meu despenho: elles sem cura
Choram tambem a sua desventura.

Lyra

Que busco, infausta lyra,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Allívio me não dáis?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te;
Que tu tambem és parte
De meu saudoso mal.
Tu foste, eu não o nego,
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que amor soube adorar;

De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado;
Tambem te hei de deixar.
Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto:
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te;
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.
Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado;
Amando o meu cuidado,
Jámais te hei-de deixar.
Ah! De minha ância ardente
Perdeste o caro imperio:
Que já n'outro hemisferio
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo:
Porque outro norte sigo;
Que fino amor me dá.
Amei-te, eu o confésso,
E fosse noite ou dia,
Jámais tua harmonia
Me viste abandonar.

Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A teu obsequio em calma
Eu pude serenar.
Ah ! Quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar !
Só tu (disse) me encantas ;
Tu só, bello instrumento,
Tu és o meu alento ;
Tu o meu bem serás.
Vê, de meu fogo ardente,
Qual é o activo imperio :
Quem em todo este hemisferio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incêndio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.
Se tanto bem confésso,
Ou seja noite ou dia,
Jámais essa harmonia
Espero abandonar.
Não ha de a tanto excesso,
Não ha de, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.
Ah ! Quantas âncias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho a temperar !

No gôsto, em que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento;
Que eterno me serás.
Vai-te; que já não quero,
Que devas a meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.
Comtigo já mais fero
Só trato de quebrar-te:
Tambem has de ter parte
No estrago de meu mal.
Não saberás desta alma
Segredos, que sabías,
Naquelles doces dias,
Que amor soube alentar.
Se aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura
Tambem naufragarás.
Nize, que a cada instante
Teus numeros ouvia,
Ou fosse noite ou dia,
Jámais não te ouvirá.
Cançado o peito amante
Somente ao desengano
O culto soberano
Pretende tributar.
Comtigo partir quero
As mágoas de meu peito;
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já!

Não cuides, que sou fero;
Porque já quiz quebrar-te:
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.
Se tu só de minha alma
O caro amor sabías,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jámais naufragarás.
Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.
De todo em fim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Arachne tecerá.
Em paz se fique a amada,
Por quem teu canto inspiras;
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.
Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;

Conheço, ó lyra amada,
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

Ao Desembargador José Gomes d'Araujo.

Sabio e recto ministro, aquella idéa,
Que eu formo desse espirito, alguma hora
Ha de chegar a dispensar-se ao mundo.
Inda que em sombras de uma imagem tosca,
Ver-se-ha, que quanto a mão do rei augusto
Mais liberal, mais pródiga vos honra,
Tanto o merito vosso os mesmos premios
Acredita, ennobrece e condecora.
Entregue á vossa direcção prudente
Foi o erario real; e apenas louva
A fortuna este bem, já vos admira
Cingir no Porto a senatoria toga.
Estes os louros são, que vos prepara
Vossa egregia virtude: que se de outra,
Estranha mão brotassem produzidos,
Não sería a vantagem tão preciosa.

. — .

Seguindo os vossos passos, desde quando
Pizaes das minas as montanhas toscas,
Que coisa ha, que não seja testemunho
Do zêlo, que distingue as acções vossas?
Diga-o do Sabará na régia casa,
Onde do erario se regula a somma,
Aquella prespicacia nunca vista,
Aquella sempre vigilancia prompta.

Velando pelo rei que segurança
Não tem os seus direitos! menor sombra
Não póde substituir no engano indigno,
Da maldade uma vez cerrada a porta.
Este o theatro foi, onde a virtude
Mil padrões erigiu á vossa glória,
Acreditando em diligencias graves
Do serviço real vossa pessoa.
Sem temer as distancias e os perigos
Por asperos certões, empresa heroica,
Desde lá vos conduz a ver os matos,
Onde o Paracatú seu termo logra.
Ali provendo em equilibrio tudo,
Quanto acredita da justiça as normas,
Desprezaste as calúmnias; e sómente
Déste á verdade a subsistencia propria.
Vencidas neste giro (quem tal crêra!)
Mais de trezentas legoas, a derrota
Terminaes, respirando sem fadiga,
Ao ver, que pelo rei ella se abona
Não bem cerraste os destinados dias
Do cargo de intendente, já sem nota,
Que infame a residencia, o rei vos chama,
Já da fazenda o tribunal vos gosa.
E pâra seres com maior ornato
Exposto a nossos olhos, vos colloca
Na junta da Bahia, entre os que a béca
Distingue, illustra, qualifica, approva.
Agora se outro alento me assistíra,
Eu descrevêra as peregrinas provas,
Que fizeste avultar, junto áquellas,
Que a fama em tanto giro admira absorta.

Eu dera a conhecer, que neste emprêgo
Resplendeceu vossa virtude, posta
No mais distincto gráo: dissera ao mundo,
Que em vós do erario se duplica a fôrça.

. — .

Nunca das minas o paiz doirado
Com tão crescidas, avultadas sommas,
Honrando o real sêllo, os cofres pôde
Ver tão soberba a lusitania frota.
Não só do tribunal junto á fadiga,
Vos applicaes, senhor; mas vos remonta
Novo cuidado a investigar os passos,
Que abre o extravio por estranhas bocas.
Pela comarca, onde os verdes campos
Tem do Sapucahí banhado as ondas,
Atravessais, entregue ao real serviço,
Os sertões, que inda as feras mal povoam.

Saudação a José Basilio e outros novos arcades.

Em fim eu vos saudo,
Ó campos deleitosos,
Vós, que á nascente arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Bellas estancias do pastor Termindo.

Já sinto que respira
Uma aura em voz suave;
Orfeo pulsa de novo a doce lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu número é mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos
São estes, que vos pizam?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matizam?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, tempo gastador, os não consomes;
Briareu aqui diz este,
Ninfeu diz outro, aqui diz outro *Eureste*.

Na mais copada faya
Abriu o ferreo gume
O nome de *Termindo;* o sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle o inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! Se da glória vossa,
Pastores, cá me víra
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpíra!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memória se guardára.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,
Pastores póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Comvosco está *Glauceste*,
Comvosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom pastor d'Anfriso,
Se de Jove e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando um doce riso:
Saberei nesta praia
A Titiro imitar junto da faya.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floreça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

SONETOS.

Quem és tu? Ai de mim! eu reclinado
No seio de uma vibora! Ah tyranna!
Como entre as garras de uma tigre hircana
Me encontro de repente suffocado!
Não era essa, que eu tinha posta ao lado,
Da minha Nize a imagem soberana?
Não era..? mas que digo! ella me engana;
Sim, que eu a vejo inda no mesmo estado;
Pois como no lethargo a fantasia
Tão cruel m'a pintou, tão inconstante,
Que a vi..? mas nada vi; que eu nada cria.
Foi sonho; foi quimera; a um peito amante
Amor não deu favores um só dia,
Que a sombra de um tormento os não quebrante.

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,
Na muda solidão deste arvoredo,
Communiquei comvosco o meu segredo,
E apenas brando o Zefiro me ouvia.
Com lagrimas meu peito enternecia
A dureza fatal deste rochedo,
E sôbre elle uma tarde triste, quedo,
A causa de meu mal eu escrevia.
Agora torno a ver, se a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memória,
Que debuxou então minha esculptura.
Que vejo! esta é a cifra: triste glória!
Pàra ser mais cruel a desventura,
Se fará immortal a minha história.

Campos, que ao respirar meu triste peito
Murcha e sêcca tornais vossa verdura,
Não vos assuste a palida figura,
Com que o meu rosto vêdes tão desfeito.
Vós me vistes um dia o doce effeito
Cantar do Deus de amor e da ventura;
Isso já se acabou; nada já dura;
Que tudo á vil desgraça está sujeito.
Tudo se muda em fim: nada ha, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.
Esta ordem natural a tudo alcança;
E se alguem um prodigio vêr deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

Quando cheios de gôsto e de alegria
Estes campos diviso florecentes,
Então me vem as lagrimas ardentes
Com mais ância, mais dôr, mais agonia.
Aquelle mesmo objecto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.
Se das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Pàra dar uma idéa da ventura,
Como, ó ceos, pâra os ver terei constancia,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ância?

Polir na guerra o barbaro gentio,
Que as leis quasi ignorou da natureza,
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio;
Ésta a virtude, a glória, o esfôrço, o brio
Do russiano heroe, ésta a grandeza,
Que igualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario:
Mas se a lei do heroismo se procura,
Se da virtude o espirito se attende,
Outra idéa, outra maxima o segura:
Lá vive, onde no ferro não se accende;
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensinaes, ó rei; em vós se aprende.

Destes penhascos fez a natureza
O berço, em que nasci: oh quem cuidára,
Que entre penhas tão duras se criára
Uma alma terna, um peito sem dureza!
Amor, que vence os tigres, por empreza
Tomou logo render-me; elle declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.
Por mais que eu mesmo conhecesse o damno,
A que dava occasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:
Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que amor tyranno,
Onde ha mais resistencia mais se apura.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

Sería ingratidão negar que á Companhia de Jesus deveu o Brasil a sua tão rápida civilisação. Uma sociedade que contava em si homens como os Anchietas, os Nobregas e os Vieiras dotados de ardor religioso, de coragem e de talentos não podia ter deixado de conseguir os fins a que se propuzera.

Mas conseguidos como eram esses fins alguns novos filhos da Companhia começaram a pesar a fôrça de influencia que á custa da louvavel abnegação de seus predecessores haviam alcançado, e por ventura persuadiram-se que do serviço que estes haviam feito ao christianismo e á civilisação deviam elles successores ir colhendo alguma retribuição. Apoderados inteiramente da educação da mocidade (como dissemos na biographia precedente), um dos meios que empregavam era d'entre os seus discipulos atrahir os mais talentosos pâra a sua irmandade, encaminhando-os com geito e promessas.

Entre os moços que no princípio do meio seculo passado frequentavam no Rio de Janeiro as aulas de humanidades, em que ensinavam os jesuitas, distinguia-se um, que fôra

trazido da provincia de Minas por certo religioso franciscano, que talvez instigado pela esperteza do mesmo pequeno, tomou a si esse encargo. O nosso joven estudante nascido na hoje villa de S. José do Rio das Mortes, ahi fôra baptizado na freguezia de Santo Antonio, chamando-se José Basilio da Gama. Fôra seu pai o capitão mór Manoel da Costa Villas Boas. Sua mãi Dona Quiteria Ignacia da Gama, apesar de possuir titulos de nobreza, e de ser neta de um governador da Colonia, depois de enviuvar, caíra em grande penuria, e achava-se falta de meios n'uma terra onde era então raridade não possuir algumas libras de oiro. — Em quanto o estudante seu filho faz no Rio de Janeiro progressos, os jesuitas já têm nelle deitado a mira como um dos futuros apostolos dignos de Santo Ignacio. — Por fim conseguiram captal-o, e assim vestiu a roupeta o irmão José Basilio.

Ainda era noviço quando chegou ao Rio de Janeiro a notícia do *golpe d'estado* da extincção da Companhia, que o Marquez de Pombal julgou conveniente dar. Se José Basilio já houvesse professado tinha de soffrer desnaturalisação e desterro. Porém como noviço era-lhe permittido optar por uma módica congrua quando se decidisse a deixar o hábito, ao que elle se resolveu, continuando porém no Rio a estudar humanidades. — Até que, ou levado pelo gôsto de viajar ou induzido talvez por alguem, deixou o Rio, e por Lisboa se passou a Roma.

Na Côrte Pontificia os seus talentos lhe grangearam logo não só um logar na Arcadia, com o nome de *Termindo Sipilio*, mas tambem uma cadeira em certo Seminario. Esta última parece que cedo o apoquentou de fórma, que não quiz nella continuar, passando precipitadamente a Napoles, d'onde veio a Lisboa, afim de regressar pâra o Brazil.

Que intenções teria Basilio neste regresso á patria não nos é permittido hoje atinar. Levaria projectos de ser mineiro ou senhor de engenho? — Quereria dedicar-se ao magisterio ou ao estado ecclesiastico? Quem sabe?!... O que apenas sabemos é que já então era elle um poeta de consideração, pois fôra capaz, ao lançar-se ao mar a náo *Serpente*, de produzir o soneto que publicâmos e é a primeira producção sua que chegou até nós. É natural que á sua recommendação devessem Claudio e outros litteratos brazileiros a entrada na Arcadia de Roma, e provavelmente essa entrada se effectuou por meio de alguma filiação ultramarina, que o nosso proprio *Termindo* dirigiria.

Depois de pouco tempo de residencia no Rio, de certo intrigas lhe teceram taes, que d'ahi foi remettido prêso pâra a Côrte, como ex-jesuita, desertor ou coisa similhante. Eram males que lhe vieram por bem da sua reputação litteraria, sem embargo de ser pâra isso arrancado do seu paiz. Em Lisboa foi entregue ao *Tribunal de inconfidencia*, e este tinha resolvido envial-o pâra Angola, quando José Basilio

a fim de se resgatar se lembrou de empenhar a sua lyra, aliàs ainda não affamada.

Em um epithalamio que compoz em magnificas oitavas envolveu elogios a Pombal pela reedificação de Lisboa, e, o que é mais, pela expulsão dos Jesuitas; e por fim concluia que pâra presenciar a felicidade dos descendentes deste grande ministro fizessem os conjuges seus descendentes que o mesmo Pombal o não mandasse pâra as praias africanas.

Foi um anjo, nem que caído do ceo, a favor do primeiro ministro do rei D. José! Um candidato a Jesuita indignado contra seus preceptores, um poeta talentoso prompto a empregar o estro em seus feitos, ainda quando não se reunissem na mesma pessoa, não eram pâra deixar de ser angariados pelo marquez. José Basilio sensivel ás demonstrações de favor do mesmo primeiro ministro estimulou-se a ponto de concluir o seu poema do *Uraguay*, cujo assumpto era nada menos do que a anniquillação e derrota do poder jesuitico nas Missões.

Desde então ganhou José Basilio a confiança plena de Pombal, que tratou logo de o chamar ao seu gabinete, nomeando-o official de secretaria: pouco depois, em 10 de Julho de 1771, foi-lhe passada carta de nobreza e fidalguia. *

Os trabalhos de enfadonho expediente não lhe fizeram abandonar as lettras: pelo contrário distrahia-se estudando os classicos, lendo frequentemente Dante e Petrarcha, traduzindo peças de Metastasio e Goldoni; e emprehendendo

* Reg. no Liv. 1.º dos *Brazões* fl. 135 v.

outras composições, v. gr. um canto á reedificação de Lisboa, um segundo epithalamio em 1776 aos condes da Redinha (isto é á alliança do 2.º filho de Pombal 1.º conde da Redinha com a herdeira de Nuno Gaspar de Lorena), *o Lenitivo da saudade* do principe D. José em 1788, o *Quitubia* em 1791, etc.

Por fim foi feito socio da Academia de Lisboa.

Mas José Basilio não era physicamente de constituição mui robusta. — Em 1792 foi a Coimbra fazer uso de umas aguas da *Mó*, que ficam nas visinhanças. Voltando a Lisboa não encontrou melhoras; — até que afinal, depois de varios soffrimentos, em 31 de Julho de 1795 acabou seus dias. — Morava em Lisboa perto da Ajuda na rua das Mercês, e está enterrado na igreja da Boa-Hora, que hoje é freguezia.

Pessoas que conheceram muito José Basilio affirmam-nos que era homem de bom trato e bastante estimado na melhor roda da côrte; dotado de serenidade de espirito, e de vêa fecunda em anecdotas. Era mediano de corpo, e no seu rosto trigueiro brilhavam dois olhos vivos.

Concluiremos esta noticia com um conto a seu respeito que caracterisa seu bom humor e sangue frio.

Frequentava José Basilio muito os passeios a Cintra; e uma vez foi roubado no caminho. Os ladrões apenas tinham satisfeito suas intenções, disseram-lhe que se « pozesse ao fresco » = Já não me posso pôr mais, respondeu José Basilio (que estava nú), e Vm.ces se acaso ficam quentes é á custa da minha roupa.

Ao Marquez de Pombal.

De ti a lyra e o loiro a Arcadia fia,
Não envileças nunca o dom sagrado,
Canta do pai da patria; assim dizia
Com a trémula voz o velho honrado,
Quando junto do Tibre, que o ouvia
Sôbre tropheus antigos reclinado,
Cingiu na minha frente o verde loiro,
E pôz nas minhas mãos a lyra d'oiro.
Amada lyra, se o teu doce accento
Abala troncos, e levanta muros,
Enfrea as ondas, adormece o vento,
E abranda os corações dos tigres duros:
Acompanha o meu novo atrevimento,
Faze-te ouvir nos seculos futuros.
Se te assusta ir comigo aos pés do throno,
Instrumento infeliz, busca outro dono.
Póde um heroe no berço recostado
Despedaçar co' as mãos dragões torcidos,
Romper da eterna noite o horror sagrado,
Mostrar a luz ao cão dos tres latidos;
E um dos joelhos sôbre o chão firmado,
Os braços pelas nuvens estendidos,
Sustentar elle só cheio de assombros
Todo o pêso do ceo sôbre os seus hombros.

Pòde depois de longa resistencia
Ver a seus pés o susto do Erimanto,
Dar um asylo á tímida innocencia
Na terra, e o crime encher de horror e espanto;
Possuir os thesouros da eloquencia,
Quem cuidou que os mortaes podiam tanto?
Pôde Pombal... Ó Grecia, não duvides;
E tu cuidavas que eu cantava Alcides?
Afoga as serpes o indiano ousado,
E os ferozes leões c'o a garra erguida,
De curto ferro e de destreza armado
Lança por terra o caçador numida;
Porém contra as Esfinges, que rasgado
Tem no seio da Europa alta ferida,
Deu o ceo um heroe aos portuguezes,
Dadiva, que o ceo dá bem raras vezes.
Europa, envolve o rosto em negro manto,
Tu viste o crime nos altares posto,
E viste o irmão, da irmã, banhado em pranto
O peito virginal rasgar com gôsto;
Consagrar o punhal no templo santo
Pàra depois ferir voltando o rosto
Os velhos pais, os filhos innocentes;
Tanto a superstição póde nas gentes!
Infama agora um povo de guerreiros,
Vomita essas injúrias, que tens promptas,
Porque entornava o sangue dos cordeiros,
Ou porque á branca rez dourava as pontas,
Os barbaros do mundo derradeiros
Não contam mais estragos, que tu contas:
O sangue humano, e não um crocodilo,
Tornou infame o habitador do Nilo.

Se a Lusitania diz em seu abono
Que não teme que a guerra hoje a destrua:
Se são a fé, e o amor guardas do throno,
Grande marquez, a glória é toda tua.
Ninguem perturba da innocencia o somno,
Ensina aos povos a verdade nua
O sacerdote em candidos vestidos,
As mãos, e os olhos pâra os ceos erguidos.

O lavrador c'o as uvas enlaçadas
Entoa em teu louvor alegre o hymno,
Responde o cegador c'o as mãos doiradas
De seu nobre suor tributo dino,
E só c'o a tua vista amedrontadas
Aos gelos boreaes, ao Ponto Euxino,
Fogem de nós as guerras sanguinosas
Detestadas das mãis e das esposas.

No capacete a abelha os favos cria,
Curva-se em fouce a espada reluzente,
O insecto industrioso as roupas fia,
Outras fia a serrana diligente;
Manda ao Téjo brilhante pedraria
O último Occaso, o último Oriente
Ao Téjo manda perolas redondas,
Arbitro antigo das ceruleas ondas.

Formoso Téjo que do patrio assento,
Respeitado das tropas do inimigo,
Ves ondear á discrição do vento
No elmo as plumas, na seára o trigo:
Reconhece do throno o firmamento,
A balança do premio e do castigo,
O pai da patria, o defensor da igreja:
Vai ao grande marquez, e os pés lhe beija.

Depois ao mar, que viu o caso triste,
Que a cinzas reduziu Lisboa inteira,
Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
Que não tinha saudades da primeira;
Conta-lhe a doce paz, dize que a viste,
De carvalho e pacífica oliveira
Enramadas as torres, e altos muros,
Ir pôr as mãos sôbre os altares puros.
O monstro horrendo do maior delicto,
Que abortou do seu seio a noite escura,
Por obra desta mão no alto conflicto
Manchou de negro sangue a terra impura,
Range debalde aos pés do throno invicto
A soberba, e debalde erguer procura
A atterrada cabeça, em que descança
O duro conto da pesada lança.
Quiz erguer a ambição com surdas guerras
Fantastico edificio, aerias tráves,
Porém geme debaixo d'altas serras
E tem sôbre o seu peito os montes graves.
Lá vão passando o mar a estranhas terras
Os negros bandos das nocturnas aves,
Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
Que nem se atrevem a encarar o dia.

Excerptos do *Uraguay.*

LINDOYA.

...............Tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos:
Em verdes annos, com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A glória enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida
Presenciou dos dois amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descobria
Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O canteloso Balda que Lindoya
Chegue a falar ao seu espôso: e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem dos reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida espôsa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que á fôrça

De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio d'um licôr desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o illustre Cacambo: entre os gentios
Unico, que na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo.
Chorado occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis ministros, encubrí ao menos
A funesta notícia. Ai que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o espôso longamente a espere
No reino escuro, onde se não ama.
Mas a enrugada Tanajura, que era
Prudente e experimentada, e que a seus peitos
Tinha creado em mais ditosa idade
A mãi da mãi da misera Lindoya,
E lia pela história do futuro,
Visionária, supersticiosa,
Que de abertos sepulcros recolhia
Nuas caveiras e esburgados ossos,
A uma medonha gruta, onde ardem sempre
Verdes candeias, conduziu chorando
Lindoya, a quem ama como filha;
E em ferrugento vaso licor puro
De viva fonte recolheu. Tres vezes
Girou em roda, e murmurou tres vezes
Co' a corcomida bocca, ímpias palavras,

E as aguas assoprou: depois com o dedo
Lhe impõe silencio, e faz que as aguas note.
Como no mar azul, quando recolhe
A lisongeira viração as azas,
Adormecem as ondas e retratam
Ao natural as debruçadas penhas,
O copado arvoredo e as nuvens altas.
Não de outra sorte á tímida Lindoya
Aquellas aguas fielmente pintam
O rio, a praia, o valle e os montes, onde
Tinha sido Lisboa; e viu Lisboa
Entre despedaçados edificios,
Com o solto cabello descomposto,
Tropeçando em ruinas encostar-se,
Desamparada dos habitadores
A Rainha do Téjo, e solitaria
No meio de sepulcros procurava
Com seus olhos soccorro; e com seus olhos
Só descubria de um e de outro lado
Pendentes muros e inclinadas torres.
Vê mais o luso Atlante, que forceja
Por sustentar o peso desmedido
Nos roxos hombros. Mas do ceo sereno,
Em branca nuvem próvida donzella
Rapidamente desce, e lhe apresenta
Da sua mão, espirito constante,
Genio de Alcides, que de negros monstros
Despeja o mundo, e enxuga o pranto á patria.
Tem por despojos cabelludas pelles
De ensanguentados e famintos lobos,
E fingidas raposas. Manda e logo
O incendio lhe obedece, e de repente
Por onde quer que elle encaminhe os passos,

Dão logar as ruinas. Viu Lindoya
Do meio dellas, só a um seu aceno,
Saír da terra feitos e acabados
Vistosos edificios. Já mais bella
Nasce Lisboa de entre as cinzas: glória
Do grande Conde, que co' a mão robusta
Lhe firmou na alta testa os vacillantes
Mal seguros castellos. Mais ao longe
Promptas no Téjo, e ao curvo ferro atadas
Aos olhos dão de si terrivel mostra,
Ameaçando o mar, as poderosas,
Soberbas náos. Por entre as cordas negras
Alvejam as bandeiras: geme atado
Na popa o vento; e alegres e vistosas
Descem das nuvens a beijar os mares
As flamulas guerreiras. No horisonte
Já sôbre o mar azul apparecia
A pintada Serpente (obra e trabalho
Do novo-mundo) que de longe vinha
Buscar as nadadoras companheiras;
E já de longe a fresca Cintra e os montes,
Que inda não conhecia, saudava.
Impacientes da fatal demora,
Os lenhos mercenarios junto á terra
Recebem no seu seio e a outros climas,
Longe dos doces ares de Lisboa,
Transportam a ignorancia e a magra inveja,
E envolta em negros e compridos pannos
A discordia, o furor. A torpe e velha
Hypocrisia vagarosamente
Atraz delles caminha; e inda duvída
Que houvesse mão, que se atravesse a tanto.
O povo a mostra com o dedo; e ella

Com os olhos no chão da luz do dia
Foge, e cubrir o rosto inda procura
Com os pedaços do rasgado manto.
Vai, filha da ambição, onde te levam
O vento e os mares: possam teus alumnos
Andar errando sôbre as aguas: possa
Negar-lhe a bella Europa abrigo e porto.
Alegre deixarei a luz do dia,
Se chegarem a ver meus olhos, que Adria
Da alta injúria se lembra e do seu seio
Te lança: e que te lançam do seu seio
Gallia, Iberia e o paiz bello, que parte
O Apenino e cinge o mar e os Alpes.
Pareceu a Lindoya, que a partida
Destes monstros deixava mais serenos,
E mais puros os ares. Já se mostra
Mais distincta a seus olhos a cidade.
Mas viu, ai vista lastimosa! a um lado
Ir a fidelidade portugueza
Manchados os purissimos vestidos
De rôxas nodoas. Mais ao longe estava
Com os olhos vendados, e escondido
Nas roupas um punhal banhado em sangue,
O Fanatismo, pela mão guiando
Um curvo e branco velho ao fogo e ao laço.
Geme offendida a natureza; e geme
Ai! muito tarde a credula cidade.
Os olhos põe no chão a Igreja irada,
E desconhece e desapprova e vinga
O delicto cruel, e a mão bastarda.
Embebida a magica pintura
Goza as imagens vans, e não se atreve
Lindoya a perguntar. Vê destruida

A republica infame, e bem vingada
A morte de Cacambo; e attenta e immovel
Apascentava os olhos e o desejo,
E nem tudo entendia; quando a velha
Bateu co' a mão, e fez tremer as aguas.
Desapparecem as fingidas torres
E os verdes campos; nem já delles resta
Leve signal. Debalde os olhos buscam
As náos: já não são náos; nem mar, nem montes,
Nem o lugar, onde estiveram. Torna
Ao pranto a saudosissima Lindoya,
E de novo outra vez suspira e geme.
Até que a noute compassiva e attenta,
Que as magoadas lástimas lhe ouvíra,
Ao partir sacudiu das fuscas azas,
Envolto em frio orvalho, um leve somno,
Suave esquecimento de seus males.

Salvas as tropas do nocturno incendio,
Aos povos se avisinha o grande Andrada,
Depois de affugentar os indios fortes,
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os Tapes cavalleiros, que arremeçam
Duas causas de morte em uma lança
E em largo gyro todo o campo escrevem.
Que negue agora a perfida calúmnia
Que se ensinava aos barbaros gentios
A disciplina militar, e negue
Que mãos traidoras a distantes povos
Por asperos desertos conduziam
O pó sulphureo e as sibilantes balas,

E o bronze, que rugia nos seus muros.
Tú que viste e pizaste, ó Blasco insigne,
Todo aquelle paiz, tu só podeste,
Cσ' a mão, que dirigia o ataque horrendo,
E aplanava os caminhos á victória,
Descrever ao teu rei o sítio e as armas
E os odios e o furor e a incrivel guerra.
Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Co' o peso opprime e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge á terra, pouco a pouco
Ir crescendo o horisonte, que se encurva,
Até que com os ceos o mar confina,
Nem tem á vista mais que o ar e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o ceo, que o mais lhe encobre
A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encôsto do dourado assento,
Co' a creadora mão desfaz e corre
O veo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
Daquella altura, por espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhádas
De tremulos ribeiros, claras fontes
E lagos cristalinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produziu a superflua Natureza.
A terra soffredora de cultura

Mostra o rasgado seio; e as várias plantas,
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.
Ajuntavam-se os indios entre tanto
No logar mais visinho, onde o bom padre
Queria dar Lindoya por espôsa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
E a régia authoridade de Cacambo.
Então patentes as doiradas portas
Do grande templo, e na visinha praça
Se vão dispondo de uma e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.
Co' a chata frente de urucú tingida,
Vinha o indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento.
Traz comsigo os selvagens da montanha
Que comem os seus mortos: nem consentem
Que jámais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedêra
A Cepé no logar: inda em memória
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr, que Cepé usára sempre em guerra.

Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam
E que têm por injúria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz ; mas são tão destros
No exercicio da frexa, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranís de amavel gesto.
Ésta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do ceo trazem vestidas :
Com cintas amarellas : e Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu Jardim : * até o meio a lança
Pintada de vermelho e a testa e o corpo
Todo cuberto de amarellas plumas.
Pendente a rica espada de Cacambo,
E pelos peitos ao través lançada,
Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa
De donde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Revia-se em Baldetta o santo padre ;
E fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta recebia

* Nome do cavallo que montava Baldetta.

O esperado Tadêo activo e prompto.

• — •

.................Não faltava,
Para se dar princípio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas
Festões de flores as gentís donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscal-a,
Estes da crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co' a vista, e treme de encontral-a.
Entram em fim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,

E param cheios de temor ao longe ;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Em fim sacode
O arco, e fez voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a bocca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco,
Açoita o campo co' a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dor ! no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte ; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos écos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trémula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.

Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!
Indifferente admira o caso acerbo
Da estranha novidade ali trazido
O duro Balda; e os indios, que se achavam,
Corre co' a vista e os ânimos observa.
Quanto póde o temor! Seccam-se a um tempo
Em mais de ũ rosto o pranto; e ẽ mais de ũ peito
Morreram suffocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura,
E exposta ás feras e ás famintas aves,
Sem que algum se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flores e piedosa terra.
Fastosa Egypcia, que o maior triumpho
Temeste honrar do vencedor Latino!
Se desceste inda livre ao escuro reino,
Foi vaidosa talvez da imaginada
Barbara pompa do real sepulcro.
Amavel indiana! Eu te prometto
Que ẽ breve a iniqua patria envolta ẽ chammas
Te sirva de urna, e que misture e leve
A tua e a sua cinza o irado vento.

• — •

Lançando-se ao mar no Rio de Janeiro
a náo Serpente.

Já do lenho as prisões se desataram;
E assustada Serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as âncoras pegaram.
Os ventos sôbre as azas se firmaram
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto pêzo da disforme quilha,
Gemeu Neptuno, e as ondas se incurvaram.
Verdes nymphas azues do pégo undoso,
Conduzí pelos humidos logares
Esse errante edificio magestoso:
E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual é mais glorioso,
Dar leis á terra, se pôr freio aos mares.

Ao Marquez de Pombal.

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,
E em cima a estatua de um heroe perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.
Mostra no jaspe, artifice fecundo,
Em muda história tanto illustre feito,
Paz, justiça, abundancia e firme peito,
Isto nos basta a nós, e ao nosso mundo.
Mas porque póde em seculo futuro,
Peregrino, que o mar de nós affasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro:
Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta,
E o commercio; em logar remoto e escuro,
Chorando a hypocrisia. Isto lhe basta.

Não temas, não marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da inveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.
 Pâra ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido ;
Em mais firmes padrões fica insculpido
Teu nome excelso, teu valor robusto.
 Lisboa restaurada, o Reino ornado
De sciencia, de industria e de cultura,
De politica e commercio apropriado :
 A tropa regulada, a fé segura,
O thesoiro provído, o mar guardado :
Eis-aqui do teu genio a cópia pura.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JULGÂMOS que a ninguem melhor toca um logar ao lado de José Basilio que ao seu comprovinciano, amigo e protegido, que nos vai occupar.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga nascêra em S. João d'El-Rei. Cursados os preparatorios no Rio de Janeiro passou a Coimbra afim de formar-se em direito na universidade, o que não sem distincção effectuou.

Sobrevindo a reforma dos estudos em 1772 apresentou-se Silva Alvarenga a saudal-a no seu *Desertor das lettras*, poema heroi-comico, em que não falta merecimento. — A este titulo de recommendação para o ministerio de então ajuntou o nosso poeta o de ser um dos que mais fez brilhar seus talentos, quando se inaugurou a estatua equestre d'El-Rei D. José. Isto lhe valeu talvez a graça de ser feito coronel de milicias dos pardos da sua comarca do Rio das Mortes.

Regressando ao Brazil continuou Silva Alvarenga a dar provas de sua applicação, já em várias epistolas e poesias eroticas que em parte aqui transcrevemos, já reunindo á prática do

fôro a regencia de uma cadeira de Rhetorica e Poetica que sollicitou, e da qual fez pública abertura em 1782, em presença de seu novo protector o vice-rei Vasconcellos.

Foi Silva Alvarenga quem então introduziu na capital do Brasil, a favor da mocidade estudiosa, o bom gôsto, que graças á litteratura franceza começava já a lavrar pela Europa, em vez dos pezados syllogismos dos jesuitas, ou dos affectados conceitos ferteis de antitheses e trocadilhos da escola que a si mesma se chamou culta. « Talvez que sem os esforços e lições de Manoel Ignacio não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sampayos, os Ferreiras d'Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes e outros prégadores de nomeada, que deixando os habitos da antiga escola abriram carreira luminosa aos que annunciam com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa santa religião. » — Ao transcrever estas palavras não necessitâmos dizer que são do illustre conego Januario, pois só assim podia seu nome ser excluido de menção entre aquelles oradores. — Da propria bocca d'este último ouvimos nós muita vez justos louvores ao seu mestre Alvarenga, de quem escreveu a biographia, que temos á vista ao redigir ésta notícia.

Não se limitaram os esforços de Silva Alvarenga a reformar o gôsto, quanto ao estylo ; mas, prevendo já a necessidade de nacionalizar a litteratura na America, fez para o conseguir alguns ensaios nos *rondós* e madrigaes. Igual-

mente se dedicou a animar o theatro, e a dar impulso a outros ramos de litteratura na *Arcadia Ultramarina*, de que era socio, com o nome de *Alcindo Palmireno*.

Ésta associação lhe custou porém a suspeita de cumplice nos projectos, de que foram accusados outros seus collegas como Claudio e Gonzaga. As perseguições contra o nosso poeta impórtaram-lhe dois annos de prisão, os quaes muito influiram no seu caracter, tornando-o melancolico, até que findou seus dias no 1.º de novembro de 1814 com setenta e tantos annos de idade.

Era Silva Alvarenga pardo de côr, alto de estatura e mui lhano no trato, falava pausado e presava-se de bom musico, sendo a rebecca seu instrumento favorito. As suas poesias correm publicadas; mas mui dispersamente. *

---

* No *Desertor* não se menciona anno nem typographia; mas deve ser de 1775 e dos prelos conimbricenses. Os poemas eroticos, com o nome de *Glaura*, foram publicados por um seu amigo em Lisboa no anno de 1801, n'um volume de 248 paginas de 8.º — Outras poesias viram á luz na *Collecção* de *Poesias Ineditas* em 12.º (Lisboa 1809 — 1811), no *Parnaso* do conego Januario etc. *O Poema ás Artes* reimprimiu-se avulso em Lisboa (1821, 15 paginas de 8.º).

A Gruta americana.

N'um valle estreito o patrio rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que as féras ensurdece.
Aqui na vasta gruta socegado
O velho pae das nymphas tutelares
Vi sôbre urna musgosa recostado;
Pedaços d'oiro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o ceu quiz derramar nestes logares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphiteatro, onde respiram
No ardor da sesta as driades formosas.
Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco nestes bosques giram.
Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas fortissima amazona
Rege do alto logar, em que se assenta.
Prostrado aos pés da intrepida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.
Quem és, do claro ceu inclita filha?
Vistosas pennas de diversas côres
Vestem e adornam tanta maravilha.
Nova grinalda os genios e os amores
Lhe offerecem, e espalham sôbre a terra
Rubins, saphiras, perolas e flores.

Juntam-se as nymphas, que este valle encerra,
A Deosa acena e fala: o monstro enorme
Sôbre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme.

Brilhante nuvem d'oiro
Realçada de branco, azul e verde,
Nuncia de fausto agoiro,
Veloz sobe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortaes damnos
O grande rei José d'entre os humanos.

Quando ao tartario açoite
Gemem as portas do profundo averno,
Igual á espessa noite
Voa a infausta discordia ao ar superno,
E sôbre a lusa America se avança
Cercada de terror, ira e vingança;

Eis a guerra terrivel
Que abala, atemorisa e turba os povos,
Erguendo escudo horrivel,
Mostra Esphinge e Medusa, e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iniquo braço:
Tem o rusto de bronze, o peito d'aço.

Palida, surda e forte,
Com vagaroso passo vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acerba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

Ruge o leão ibero
Desde Europa troando os nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pesares.
E as vagas sombras ao trifauce grito
Deixam medrosas o voraz Cocyto;

Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacilam assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphurio, que no bronze sôa
O ceu, a terra, e o abysmo atrôa.

Os ecos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a glória inunda,
Armados correm de uma e d'outra parte
Ao som primeiro do terrivel Marte.

A hirsuta Mantiqueira,
Que os longos campos abrazar presume,
Viu pela vez primeira
Arvoradas as quinas no alto cume,
E marchar as esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

Mas, oh rainha augusta,
Digna filha do ceu justo e piedoso,
Respiro, e não me assusta
O estrepito e tumulto bellicoso,
Que tu lanças por terra n'um só dia
A discordia, que os povos opprimia.

As horridas phalanges
Já não vivem d'estrago e de ruina,
Deixam lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado, e malha fina;
Pâra lavrar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e á rigida bigorna.

Já cáem sôbre os montes
Fecundas gotas de celeste orvalho;
Mostram-se os horisontes,
Produz a terra os fructos sem trabalho;
E as nuas Graças, e os Cupidos ternos
Cantam á doce paz hymnos eternos.

Ide, sinceros votos,
Ide e levai ao throno lusitano
Destes climas remotos,
Que habita o forte e adusto americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue, e a propria liberdade.

Assim falou a America ditosa,
E os mosqueados tigres n'um momento
Me roubaram a scena magestosa.
Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde á mão, que já com glória
O fez subir ao estrellado accento.
Sabes do triste Alcindo a longa história,
Não cuides que os meus dias se serenam,
Tu me guiaste ao templo da memória
Torna-me ás musas, que de lá me acenam.

Sôbre o *Uraguay*.

Genio fecundo e raro, que com polidos versos
A natureza pintas em quadros mil diversos:
Que sabes agradar, e ensinas por seu turno
A lingua, que convem ao tragico coturno:
Teu Pegaso não vôa furioso, e desboccado
A lançar-se das nuvens no mar precipitado,
Nem piza humilde o pó; mas por um nobre meio
Sente a doirada espora, conhece a mão, o freio:
Tu sabes evitar, se um tronco ou jaspe animas,
Do sombrio hespanhol os gothicos enigmas,
Que inda entre nós abortam alentos dissolutos,
Verdes indignações, escandalos corruptos.
Tu revolves e excitas, conforme as occasiões,
Do humano coração a origem das paixões.
Quem vê girar a serpe da irmã no casto seio,
Pasma, e de ira e temor ao mesmo tempo cheio
Resolve, espera, teme, vacilla, gela e cora,
Consulta o seu amor, e o seu dever ignora.
Vôa a farpada setta da mão, que não se engana;
Mas ai, que já não vives, ó misera indiana!
Usarás Catullo na morte de quem amas
D'alambicadas frazes, e agudos epigrammas?
Ou dirás como é crivel, que ẽ mágoa tão sentida
Os eixos permaneçam da fábrica luzida?
Da simples natureza guardemos sempre as leis
Para mover-me ao pranto convẽ que vós choreis.
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala
Ao que de mágoa e dor geme, suspira e cala.

Tu sabes os ẽpregos, que uma alma nobre busca,
E aquelles que são dignos do mandrião Patusca,
Que alegre em boa paz, corado e bem disposto,
Insensivel a tudo não muda a côr do rosto :
Nem se esquece entre sustos, gemidos e desmaios
Do vinho, do presunto, dos saborosos paios.
Tu espalhando as flores a tempo e em seu logar,
Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.
Indiscreta vanglória aquella, que me obriga
Por teima de rimar, a que em meu ver o diga
Quanto vi, quanto sei, e ainda é necessario
Mil vezes folhear um grosso diccionario.
Se a minha Musa esteril não vem sendo chamada,
Debalde é trabalhar, pois não virá forçada.
Se eu vou falar de jogos, só por dizer Floraes,
Maratonios, Circenses, Pythicos, Jovenaes,
O critico inflexivel ao ver esta arrogancia
Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundancia.
Quem cego d'amor proprio colerico s'accende,
E monstruosos partos porque são seus defende,
Sua, braceja, grita, e já depois de rouco
Abre uma grande bocca pâra mostrar q̃ é louco :
Fórma imagens de fumo, phantasticas pinturas,
E sonhando c'as Musas em raras aventuras
Vai ao Pindo n'um salto de lyra e de corôa :
Nascem-lhe as curtas pennas, e novo cysne vôa :
Igual ao cavalleiro, que a grossa lança enresta,
C'o elmo de Mambrino sôbre a enrugada testa,
Vai á região do fogo n'um banco escarranchado,
Donde traz os bigodes, e o pello chamuscado.
Se cheio de si mesmo por um capricho vão
Tem por desdoiro o ir por onde os outros vão,
E c'o dedo apontado famoso e delirante,

Que por buscar o bello, caiu no extravagante :
Bem como o passageiro, que nescio e presumido
Quiz trilhar por seu gôsto o atalho não sabido,
Perdeu-se, deu mil giros, andou o dia inteiro,
E foi cair de noite em sórdido atoleiro.
Eu aborreço a plebe dos magros rimadores,
De insipidos poemas estupidos auctores,
Que freneticos suam sem gôsto, nem proveito,
Amontoando frazes a torto e a direito :
Vẽ o loiro Mondego por ẽtre as nymphas bellas
Que de flores enlaçam grinaldas e capellas :
Surgem do verde seio da espuma crespa e alva,
Do velho Doiro as cans, do sacro Téjo a calva.
Escondei-vos das ondas no leito cristalino,
E saí menos vezes do reino neptunino :
O que se fez vulgar perdeu a estimação :
E algum rapaz travesso vos póde alçando a mão
Cobrir d'arêa e lama, por que sirvaes de rizo,
Á turba petulante da gente ainda sem sizo.
Se fala um deus marinho, e vem a borbotões
Ameijoas e perseves, ostras e berbigões :
Se os languidos sonetos manquejam encostados
Ás flautas, aos surrões, pellicos e cajados :
Minha Musa em furor o peito me enche d'ira
E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.
Auctor, que por acaso fizeste um terno idilio,
Não te julgues por isso Theocrito ou Virgilio :
Não crêas no louvor de um verso, que recitas,
Teme a funesta sorte dos Meliseos e Quitas :
Que muitos applaudiram quinhentos mil defeitos
Nos papeis, q̃ hoje ẽbrulham adubos e confeitos.
Se o casquilho ignorante, com voz enternecida,
Repete os teus sonetos á dama persumida ;

Por mais que ella te acclame bravissimo poeta,
Da espinhosa carreira não tens tocado a meta:
Pois tarde, e muito tarde por um favor divino
Nasce por entre nós quem de corôa é dino.
Quem sobe mal seguro, tem gôsto de cair,
E a nossa idade é fertil de assumptos para rir.
Equivocos malvados, frivolos trocadilhos,
Vós do pessimo gôsto os mais presados filhos,
Deixai ao genio luso desempedida a estrada,
Ou Boileau contra vós torne a ẽpunhar a espada.
Mas onde, meu Termindo, onde me leva o zêlo
Do bom gôsto nascente? O novo, o grande, o bello
Respire em tuas obras, em quanto eu fito a vista
No rimador grosseiro, no misero copista,
Tantalo desgraçado, faminto de louvor,
Que ẽ vão mendiga applausos do vulgo adorador.
Do throno regio, augusto, benigno ũ astro brilha
Entre esperança, amor, respeito e maravilha;
E a clara luz, que nasce do sceptro e da corôa,
Grãde se mostra ao mũdo, nova immortal Lisboa:
Se ella o terror levou nas voadoras faias
Por incognitos mares a nunca vistas praias,
Se entre nuvens de settas ao meio dos alfanges
Foi arrancar as palmas, q̃ ainda chora o Ganges,
Da paz no amavel seio, á sombra dos seus loiros
Hoje aplana os caminhos aos seculos vindoiros:
A gloria da nação se eleva e se assegura
Nas lettras, no cõmercio, nas armas, na cultura.
Nascem as artes bellas e o raio da verdade
Derrama sôbre nós a sua claridade.
Vai tudo a florecer e porque o povo estude
Renasce nos theatros a escóla da virtude.
Consulta, amigo, o genio que mais em ti domine:

Tu podes ser Molière, tu pódes ser Racine.
Marquezes tem Lisboa, se cardeaes Pariz:
José póde fazer mais do que fez Luiz.

O Templo de Neptuno.

Adeos Termindo, adeos augustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já sólta a branca véla aos frescos ares.
Amor, o puro amor do patrio ninho,
Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do deus marinho.
Eis a náo que já d'um, já d'outro lado
Se deita, e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem Termindo amado.
Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia e Jonia a voz e a lira encerra.
Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.
Já não distingues a real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.
Sei que te hão de assustar de quãdo em quando
O vento, os varios climas e o perigo,
De quem tão longos mares vai cortando.
O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'um só dia
O suspirado irmão, e o caro amigo.

Rijo norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltaram, e só mar e ceo se via.

• — •

Cheia de limo e de ostras dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceu o novo dia.
Se em fim respiro os puros climas nossos
No teu seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.
Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

Longe, longe daqui, vulgo profano,
Que das Musas ignoras os segredos.
Eu vi sôbre rochedos,
Onde nunca tocou vestigio humano,
Alta Deosa descer com fausto agoiro
Em branca nuvem realçada d'oiro.

Ah ! vem, formosa candida verdade.
Nos versos meus a tua luz derrama ;
Por elles nome e fama
Terei com glória na futura idade :
Premio, que me não rouba a mão escassa
Do tempo injusto, que voando passa.

A perfida lisonja, pregoeira
De palmas e tropheos não merecidos,
Aos ecos repetidos
Da minha lyra foge mais ligeira.
Do que cruza os limites do hemisferio
O leve fuzilar do fogo ethereo.

Levante embora os façanhosos templos
Barbaro habitador do cego Egypto,
Onde de infame rito
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,
Louca vaidade e orgulho, que nutriram,
E inda agora as pyramides respiram.

De nações que assolou com guerra dura,
Obeliscos transporta a antiga Roma:
Nos curvos hombros toma
O vasto pêzo, que elevar procura;
E a molle immensa, que o averno opprime,
Fere co'a ponta aguda o ceo sublime.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa glória monumentos?
Insultados dos ventos
Estereis passarão de idade a idade,
Qual Gelboé, que o ceo não abençôa,
E só d'aridas pedras se povôa.

Tu sim, cõ glória ao mundo e aos ceos acceito
Te elevas, firme asylo da innocencia;
Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito!
Estes não são os muros, onde dorme
A vã superstição, e o vicio enorme.

Eu t'admiro qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce:
Por ti risonha desce
Suave Primavera deleitosa.
Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho creador do ceo benigno.

Em vão gelado inverno extenda as azas
Sôbre o carro de Bóreas proceloso;
Em vão o cão raivoso
Chamas espalhe nas celestes casas:
Sempre illesa serás, segura, eterna;
Quanto se deve á mão, que nos governa!

Ó generosa mão, que não desmaias
No meio das fadigas! Ou dos montes
Desçam as puras fontes,
Ou fuja o mar infesto ás nossas praias:
Ou a peste horrorosa, magra e escura
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
E alegres, a colhêr a flor e o fructo:
E as Musas por tribũto,
Enlaçando corôas engraçadas,
Mandam nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento,

Doce paz, ah! não fujas! longos annos
A guerra n'outros campos homicida,
Semeie enfurecida
Co'a mão ensanguentada os mortaes damnos;
E em tanto no seu bosque alto, e sombrio
Descance em urna d'oiro o patrio rio.

N

Mas que trovões? Que nuvem sôbre os ares
Vôa açoitada do soberbo noto?
Vem, ó sabio piloto,
A furia contrastar dos negros máres,
E a vencedora náo possa contente
Lançar na curva praia o ferreo dente.

Se a discordia com ecos furibundos
Sacode a negra facha accesa em ira:
Se o furor, que respira,
Turba os vastos confins d'ambos os mundos:
Tu abrirás no campo da victória
Novos caminhos para nova glória.

Qual o leão feroz, que generoso,
Brando e grave, na paz encobre a furia,
Mas que depois da injúria
Encrespa a grenha, e firme, e valeroso
Arresta o inimigo, e não descança
Sem tomar no seu sangue alta vingança:

Tal espero de ver-te, ó novo Marte,
Por entre estragos, mortes e ruinas,
As lusitanas quinas
Levando vencedor por toda a parte,
E igual aos teus maiores sôbre a terra
Grande sempre na paz, grande na guerra.

Na refórma da Universidade.

A fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz lusitana mocidade,
Viste passar, caindo de êrro em êrro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos sabios, dos antigos portuguezes,
Que em prémio das fadigas alcançaram
Os verdes loiros, de que a frente ornaram.

Longe de seus altares
Jaz a deusa, que horror! posta em desprêso.
Cobre de sombra os ares
Deus do trovão, um raio d'ira acceso
Vingue a filha do ceo. Os mundos tremem,
O sol desmaia, o vento e os máres gemem.

A face descorada
No manto azul co' a propria mão esconde,
Por não ver coroada
A ignorancia, qu' insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto ás cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do ceo caido;
Nem ha portas de bronze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do augusto braço.

Aos cegos africanos
Vôa a superstição buscando asylo.
Fanaticos enganos,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expõe sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar; um claro dia
Aparta a névoa escura
Do teu templo, immortal sabedoria:
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desusada luz offende os olhos.

Aquella mão robusta,
Dos herculeos trabalhos não cançada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos astros, adornada
Do nativo esplendor e magestade,
Qual já te viu de Roma a bella idade.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuscita mais bella e mais formosa,
Para admirar de nova glória cheia
Os aridos desertos da Sabéa.

Ó candida verdade,
Filha da immensa luz, que o sol conserva,
Illustra em toda a idade
Este sagrado templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A deusa tutelar do nosso Imperio.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse
Amor das lettras no regaço alheio,
Cortando os máres, desde as praias onde
O oiro nasce, e o sol o carro esconde:

Pizai cheios de gôsto
Da bella glória os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O imperio florecente, e firme a igreja.

Longe do fero estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto.
O sibilante drago
Caiu sem vida aos pés do throno augusto!
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grande heroe a lança inevitavel.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza:
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a patria, o mundo, a glória, a fama.

RONDÓS.

O Beija-Flor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Neste bosque alegre, e rindo
Sou amante afortunado;
E desejo ser mudado
No mais lindo Beija-flor.
Todo o corpo n'um instante
Se atenûa, exhála e perde:
É já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.
Deixo, ó Glaura, etc.

Vejo as pennas e a figura.
Provo as azas, dando gyros;
Acompanham-se os suspiros,
E a ternura do pastor.
E n'um vôo felíz ave
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.
Deixo, ó Glaura, etc.

Tóco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permitte;
É o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor.
Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
É fingido o meu temor.
Deixo, ó Glaura, etc.

Se disfarças os meus erros,
E me sóltas por piedade;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor.
Não me julgues innocente,
Nem abrandes meu castigo;
Que sou barbaro inimigo,
Insolente e roubador.
Deixo, ó Glaura, etc.

Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Mal toquei, ó Glaura bella,
(De prazer eu me confundo)
Nesse cravo rubicundo,
Que ama e zéla o mesmo amor.
No teu puro e brando seio
Por castigo me encerravas;
Eu me ria, e tu pensavas
Ver-me cheio de temor.
Beija-flor, etc.

Minha voz não entendeste,
E querendo ver-me afflicto
Por vingança de delicto
Me fizeste o bem maior.
A prisão, em que me via,
Era o templo da ternura,
Onde em braços da ventura
Não temia o teu rigor.
Beija-flor, *etc.*

Alva mão ... eu me enterneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servir-te me condemnas;
É sem preço o teu favor.
Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo ... que martyrio!
Nem procuro o branco lyrio
Nem da rosa a viva côr.
Beija-flor, *etc.*

Ir comtigo só desejo;
Es cruel ... cruel me agradas;
Chóro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu pastor.
Ah que eu morro de saudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E é verdade a minha dor.
Beija-flor, *etc.*

O Cajueiro.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor.

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no ceo desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.
Pâra fructos não concorre
Este valle ingrato e sêcco
Um se enruga murcho e pêco,
Outro morre ainda em flor.
Cajueiro, etc.

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.
Cajueiro, etc.

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste simivivo
Não alenta o doce humor.

Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,
E te deixa nu e exposto
Ao celeste intenso ardor.
Cajueiro, etc.

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor.
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.
Cajueiro, etc.

Vem, ó nymfa, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezámos;
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
O seu tronco te convida,
E entre as folhas escondida
Aura pura e doce está.
Inda a mão do estio ardente
Não crestou no campo as flores:
Vem, que a Deosa dos amores
Tua frente adornará.
Vem, ó nymfa, etc.

Lá chorando e namorada
Hamadryade te acena:
Sem soccorro em sua pena
Desmaiada ficará.
Vem, consola por piedade
Os seus miseros gemidos,
E os seus ais, que enternecidos
De saudade morrem já.
Vem, ó nymfa, etc.

Nelle viu feliz minha alma
Triumfar o amor e a glória;
E em signal desta victória
Verde palma crescerá.
Vôa triste o meu martyrio,
E de longe turba os ares:
Semeei crueis pezares
Rôxo lyrio nascerá.
Vem, ó nymfa, etc.

Vem tecer uma capella
Ao amor, que nos inspira;
E na voz da curva lyra
Glaura bella soará.
Vês o amor, e não o entendes?
Tem occulto ali seu ninho;
E te diz que é passarinho;
Se o não prendes, voará.
Vem, ó nymfa, etc.

A serpente.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memória
Essa história renovar.

Este o valle, é esta a fonte:
Glaura achei aqui dormindo:
Sonha alegre, e se está rindo,
E eu defronte a suspirar.
Junto della pavoroso,
Vi, oh ceos! monstro enrolado.
Fero, enorme, atroz, manchado
E escamoso scintillar.
Verde cedro, etc.

Ardo e tremo, e louco amante
Mil horrores n'alma pinto:
Vou..., receio..., ah que me sinto
Vacilante desmaiar.
Vence amor: (doce ternura!)
Tomo a nynfa nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E assegura o triumfar.
Verde cedro, etc.

Em si mesma se embaraça
A serpente enfurecida;
Ergue o collo, e atrevida
Ameaça a terra e o ar.

N'uma pedra rude e feia
Já lhe envio a morte afloita;
Já co' a cauda o tronco açoita,
Morde a areia ao respirar.
Verde cedro, etc.

Venturoso e satisfeito,
« Glaura bella, (então dizia)
« Vê de amor e de alegria
« O meu peito palpitar. »
Ella em mim buscando arrimo,
Cora, e diz inda assustada,
« Esse puro ardor me agrada,
« Eu te estimo e te hei de amar. »
Verde cedro, etc.

Dezembro.

Já dezembro mais calmoso
Perguiçoso o gyro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem pastora aqui te esperam
Os prazeres deste rio;
Onde o sol e o sêcco estio
Não podéram penetrar.
Nuas graças te preparam
A conchinha transparente,
O coral rubro e luzente,
Que buscáram sôbre o mar.
Já dezembro, etc.

Entre os mimos e a frescura,
Entre as sombras e entre as aguas,
Do pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.
Pelo golfo curvo e largo
Apparece a Deosa bella:
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.
Já dezembro, etc.

De me ouvir ao som desta aura,
Que menea os arvoredos,
Apprenderam os rochedos
Glaura, *Glaura* a suspirar.
Oh, que doce amenidade!
Loiras Dryades se ajuntam;
Por teus olhos me perguntam
Com saudade e sem cessar.
Já dezembro, etc.

Ah cruel! porque não vamos
Colher mangas preciosas,
Que promettem venturosas
Os seus ramos encurvar?
Se no abrigo destes prados
Não achares lindas flores,
Acharás os meus amores
Desgraçados a chorar
Já dezembro, etc.

MADRIGAES.

Se eu conseguisse hum dia ser mudado
Em verde *Beija-flor*, oh! que ventura!
Despresára a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias ó Glaura, em novos gyros
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

Jasmins e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira:
Á fonte Glaura vinha,
Escondi-me entre a rama lisongeira:
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cair as flores
Ella me vê, e exhala, que ventura!
Dois suspiros de amor e de ternura.

Excerptos do *Desertor das letras.*

. . . .

Com largo passo longe do Mondego
Alegre a forte gente caminhava.
Gonçalo excede a todos na estatura,
Na força, no valor e na destreza.
Sôbre um magro jumento se escarrancha
Tiburcio, e já d'um ramo de salgueiro
Desata ao norte fresco, que assobìa,
Por vistoso estandandarte um lenço pardo.
Cosme infeliz e sempre namorado
Sem ser correspondido, vai saudoso;
Ama, e não sabe a quem : vive penando,
E se consola só porque imagina
Que tem de conseguir melhor ventura.
Rodrigo que de todos desconfia,
E de indole grosseira e genio bruto,
Não conhece os perigos, nem os teme :
Melancolico sempre, vai por gôsto
Viver na choça, aonde foi creado.
Qual o tatú, que o dextro americano
Vivo prendeu, e em vão depois se cança
Por faze-lo domestico, que sempre
Temeroso nas conchas se recolhe,
E parece fugir á luz do dia.
Tambem vinha Bertoldo, e traz comsigo
Carunchosos papeis por onde affirma
Vir do septimo rei dos longobardos.
Grita contra as riquezas : a fortuna
Segundo o que elle diz não muda o sangue :

Piza com força o chão, e empavezado
De acções, que elle não póde chamar suas,
Aos outros tracta com feroz desprêzo.
Iracundo Gaspar, que te enfureces
No jogo, e quando perdes não duvídas
Metter a mão á ferrugenta espada,
Tu não ficaste: as noites sobre os livros
Não queres supportar, porque não temes
Da já viuva mãi as froxas iras.
Nem tu Alberto alegre, e desejado
Nas vistosas funções das romarias,
Que és vivo prompto, e agil, e nos bailes
Tens fama de engraçado, e galantêas
Co' a viola na mão trocando as pernas.
Os que apprendem o nome dos autores,
Os que leem só o prologo dos livros,
E aquelles cujo somno não perturba
O concavo metal, que as horas conta,
Seguiram as bandeiras da ignorancia
Nos incriveis trabalhos desta empreza.
  O sol já sôbre os campos de Amphitrite
Inclina o carro, e as nuvens carregadas
Importunos chuveiros ameaçam;
Quando a velha estalagem os recebe.
  Meza de tosco pinho se povôa
De negras azeitonas, e salgado
Queijo, que estima a gente que mais bebe.
D'um lado e d'outro lado se levantam
Picheis, e copos em que o vinho abunda.
Corriam para aqui desafiados
Rodrigo o triste e o glotão Tiburcio.
Este instante fatal é que que decide
Da dubia sorte dos heróes cobrindo

Um de eterna vergonha outro, de glória.
  A feia noite, que aborrece as luzes,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate, e affugentada
Pela sombria luz d'uma candêa
De longe observa o novo desafio.
Um e outro occupando as mãos, e a bocca
Avidamente a devorar começa.
Assim esse animal grosseiro, e pingue,
Que de alpestres bólotas se sustenta,
A pressa come, e tendo uma nos dentes,
N'outra tem o desejo, e n'outra a vista.
Rodrigo quasi certo da victoria
Co'as mãos ambas levanta um grande cópo,
Cópo digno de Alcides, e á saude
De todos os famosos desertores
De uma vez o esgotou; então Tiburcio
Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma um largo pichel, e assim lhe fala.
  « Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu filho da cêpa generoso,
Se estimas e recebes os meus votos,
Derrama sôbre mim os teus encantos. »
Já tinha dito muito: e em quanto bebe
Voa a cega discordia, que se nutre
De sangue e de vingança e sôbre os cópos
Tres vezes sacudio as negras azas.
Viam-se já nos lividos semblantes
A raiva sanguinosa, a má tristeza;
A noite a quem o acaso favorece,
Estende a fusca mão, e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito,

Perturba os corações e inspira o odio.
Só tu Gonçalo descrever poderas
Os terriveis estragos desta noite,
Tu, que posto debaixo d'uma banca
(Por não manchar as mãos no sangue amigo)
Sentiste pela casa e pelos ares
Rolar os pratos e tenir os cópos.
Range os dentes Gaspar, e pelo escuro
Não acerta co'a espada nem co'a porta:
Quando Ambrosio, que tinha envelhicido
Da estalagem na misera officina
Co'a candêa na mão assim falava.
É crivel, que entre vós já mais se encontre
Um genio docil, serio e moderado?
Isto deveis ás letras? respondei-me,
Ou insultai tambem os meus cabellos
Da triste e longa idade embranquecidos.
Julgais acaso, que o saber se infunde
Deixando o vosso nome assignalado
Pelos muros e portas da estalagem?
Oh nescia mocidade! é necessario
Muito tempo soffrer, gastando a vista
Na continua lição, e sôbre os livros
Passar do frio inverno as longas noites.
E quando já tivesseis conseguido
De tão bella carreira os dignos premios;
Muito pouco sabeis, se inda vos falta
Essa grande arte de viver no mundo;
Essa, que em todo o estado nos ensina
A ter moderação, honra e prudencia.
Eu tambem já na flor da mocidade
Varri co'a minha capa o pó da salla:
Eu tambem fui do *rancho da carqueija*,

Digno de fama e digno de castigo.
Era então como vós. Jámais os livros
Me deveram cuidado, e me alegrava
Das nocturnas emprezas, dos disturbios:
Os dias se passavam quasi inteiros
Nos jogos, nos passeios, nas intrigas,
Que fomentam os odios e as vinganças.
Por isso estou no seio da miseria:
Por isso arrasto uma infeliz velhice
Sem honra, sem proveito, sem abrigo.
Tempo feliz da alegre mocidade!
Hoje eucurvado sôbre a sepultura
Eu chóro em vão de vos haver perdido!
Assim suspira, geme e continua:
Conservai sempre firme na memória
D'um velho desgraçado o triste exemplo,
E apprendei a ser bons, que a vossa idade
As indignas acções não justifica.
Mas se vós desprezais os meus conselhos,
Nunca gozeis o premio dos estudos:
Afflicções e trabalhos vos opprimam,
Em quanto o mar das Indias vos espera.
Então Gaspar tomando o caso em brio
Acceso de ira com valor responde,
Traça o capote, e tira pela espada.
O velho grita e foge: ás suas vozes
De rusticos um povo se enfurece,
E toma as armas e bradando avança.
Qual nos immensos e profundos mares
O voraz tubarão entre o cardume
De argentadas sardinhas: ellas fogem,
Deixam o campo e nada lhe resiste;
Assim Gonçalo, a quem já todos temem,

Faz espalhar a turba, que o rodêa,
E só deixa a quem foge de encontral-o.

. — .

Em tanto a fama heroica vam seguindo
As velozes, e incognitas notícias
Que trazem e que levam os successos
De paiz em paiz, de clima em clima.
Ellas voam em turba, enchendo os ares
Dos éccos dissonantes, a que attendem
Crédulas velhas e homens ociosos.
Qual no fertil certão da Ajuruóca
Vaga nuvem de verdes papagaios,
Que encobre a luz do sol e que em seus gritos
É similhante a um povo amotinado:
Assim vam as noticias e estas vozes
Pelo campo entre os rusticos semeam.
Gente inexperta, alegre e sem cuidados,
Fero esquadrão, que os vossos campos tála,
Vem destruindo as terras, e os lugares.
O povo indocil, cego e receoso,
Que as funestas palavras accredita:
Toma os caminhos, e os outeiros cobre.
Por onde irás, intrepido Gonçalo,
Que escapes ao furor da plebe armada?
O povo cerca e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbaram.
Vós ó musas, dizei como a discordia
Com o negro tição, que accende os peitos,
Mostra o rosto de sangue e pó coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui não apparecem refulgentes
Escudos d'aço e bronze triplicado:
Não assombram a testa dos guerreiros

Fluctuantes pennachos, que ameaçam,
Como tu viste, ó Troya, ante os teus muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De chuças, longos páos e curvas foices,
É similhante a um bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando núas
As elevadas pontas. Animoso
Dispõe Gonçalo a fórma da batalha
Posto na frente: á sua voz a um tempo
Todos avançam, todos se aproveitam
Das perigosas e terriveis armas,
Que o terreno offerece em larga cópia.
Vôa a cega desordem e apparece
No meio do combate. Por um lado
Gaspar se oppõe arremeçando pedras
Com fôrça tal, que atroam os ouvidos.
Gonçalo d'outra parte invicto e forte
Abre co'ferro agudo amplo caminho.
Já pendia a balança da victoria
Contra a tímida gente, que se espalha;
Quando chega attrevido Braz o forte.
(Gigante Ferrabraz lhe chama o povo
Pela enorme estatura e fôrça incrivel)
Ergue a pezada maça sem trabalho
Qual nos montes de Lerne o fero Alcides:
Gonçalo evita a morte com destreza:
Elle renova os formidaveis golpes;
Mas o irado mancebo ao desviar-se
Tropeça e cae. Neste arriscado instante
Serías morto intrepido Gonçalo,
Se Gaspar c'um rochedo aspero e rombo
Não atalhasse do inimigo a furia,

Quebrando-lhe com golpe repentino
Ambas as canas do direito braço.
Rangem os ossos, e a terrivel maça
Caindo sôbre a terra ao longe sôa.
Torna a ajuntar-se a fugitiva plebe,
E o prudente Gonçalo, que deseja
Mostrar o seu valor n'outros perigos,
Finge-se morto : a turba irada o piza,
Mas elle não se move contra todos
Então Gaspar em cólera se accende :
Ameaça, derriba, ataca e fere ;
Até que já sem fôrças rodeado
Vê de seus companheiros os opprobrios.
Sôa nas costas dos herúes valentes
O duro azambujeiro, e são levádos
Ao som terrivel de insultantes gritos
Para a escura prizão, que os esperava.
Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
Os olhos para o chão, porque era terno
Não refreou o compassivo pranto.
A par delle Bertoldo em vão lamenta
A falta de respeito, que devia
Rustica plebe ao n to de Alarico.
Com vagaroso passo todos marcham,
Como as ovelhas por um caminho estreito.
Tal depois da ruina de um Quilombo
Vem a indomita plebe da Ethiopia,
Quando rico dos loiros da victória,
O velho Chagas sempre valeroso
Cobre o fuzil da pelle da guariba,
E forra o largo peito c'os despojos
Da malhada panthéra, e do escamoso
Jacaré nadador, que infesta as aguas.

• — •

Alto concelho aqui se faz, aonde
Infeliz Dorothéa, o teu destino
Cruel e dubio d'um só voto pende.
Dos tres heroes discordam as sentenças
Um deseja que fique em liberdade,
E do pai ultrajado exposta ás iras:
Inexoravel outro pensa, e julga,
Que a sua morte deve dar exemplo,
Que encha de horror as perfidas amantes.
Gonçalo, que era o unico offendido,
Consulta o coração e se enternece.
Mas o ardente ciume, que se alegra
De pintar como crimes horrorosos
Innocentes acções, então lhe mostra
A feia ingratidão e o torpe engano.
A vingança cruel, e o vil desprêzo
Ainda mais terrivel, que a vingança,
Ganham do coração ambas as portas.
Mimosa Dorothéa, e como ficas
Co'as mãos ligadas a um pinheiro bronco
Sem outra companhia, que os teus males!
É este o premio, filhas namoradas,
Este o premio de amor, quando imprudente
Os termos passa, que a razão prescreve.
De quando em quando um ai do peito arranca,
Que ao longe os tristes magoados écos
Desperta, e faz sentir os duros troncos;
E espera sem defeza (sorte ingrata!)
Que a devorem os lobos carniceiros.
Assim ligada aos asperos rochedos
A filha de Cephêo ao mar lançava
A temerosa vista, e lhe parece
A cada instante ver surgir das ondas

A verde espalda do marinho monstro.
Sem espôso, sem pai, sem liberdade
Misera Dorothéa chora e geme.
Ai Marcella cruel, que m'enganaste
Com teus bellos, fantasticos agoiros!
Queira o ceo que outras lagrimas sem fructo
Mil vezes tresdobradas te consumam
Os encovados olhos! Que inda a morte
Ás tuas vozes surda correr deixe
Peiorando em seu curso vagaroso
Os momentos de dor e de amargura?
Assim falava: a leve fantazia
Com as côres mais vivas lhe apresenta
D'escarpados rochedos no alto cume
O palacio da candida innocencia
Cercado de funestos precipicios.
Ó morada feliz, onde não torna
Quem uma vez rodou entre as ruinas!
Giram no plano do elevado monte
Cruas dores, remorsos devorantes,
As tres irmans a peste, a fome, a guerra,
O palido receio, o crime, a morte,
As furias e as harpias, que s'involvem
No turbilhão dos miseros cuidados.
Então de tantas lagrimas movida
A mãi soberba do propicio acaso,
A mudavel fortuna, e já cançada
De ouvir as tristes queixas de Rufino,
Taes palavras ao filho dirigia:
Esse amante infeliz, que em vão suspira
Ache a dita uma vez e enxugue o pranto.
Acaba de falar, e ao mesmo tempo
Rufino para o bosque s'encaminha,

O

E o acaso o conduz por entre as sombras
Da pavorosa noite, que já desce.
Á rouca voz da misera donzella
Palpita o coração: o amor e o susto
Chimericas imagens lhe afiguram;
Mas elle chega: o proprio crime e o pêjo
Cobrem de rôxas nuvens o semblante
De Dorothéa ao ver-se ainda amada
Por aquelle, que foi ha poucas horas
Alvo de seus insultos e desprezos.
A molle vista, as lagrimas em fio,
Que aos corações indomitos abrandam,
Que fariam n'um peito namorado?
Tu lhe ensinas c'o fraco rendimento
Os meios de vencer. Ó sete vezes
Venturoso Rufino, s'ella um dia
Não quizer renovar os seus triumfos,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande podêr das suas armas!

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO.

EM 1777 cessára, pela morte de el-rei D. José, o podêr do marquez de Pombal. Este acontecimento trouxe a Portugal vários individuos, que andavam foragidos por terras estranhas.

No anno seguinte, ao abrir-se no mez de outubro o curso lectivo da Universidade de Coimbra, é um desses foragidos quem pronuncía em latim a oração de sapiencia. Preside tal acto solemne o bispo reitor, glória da Universidade e do Brazil, sua patria; entre os ouvintes não faltam outros brazileiros tanto nas doutoraes como nos bancos dos estudantes. Filho do Brazil é tambem o orador, que não terá ainda cincoenta annos de idade: seu rosto grande e trigueiro, se destaca perfeitamente junto do alvo do capello de Theologia que tira por venia de quando em quando.

Elogiando os antigos reis portuguezes, exalta os monumentos por elles deixados, como quem tinha direitos para o fazer em comparação dos que víra por outros paizes; circumstancia que faz sentir nas primeiras quatro palavras do discurso: = « *Perambulantem me*

sæpe orbem » = E com effeito o orador durante obra de dezoito annos, pois tantos havia que deixára Portugal, tinha percorrido pelo menos a Hespanha e Italia. N'outro tempo pertencêra (como ao depois tornou a pertencer) á ordem dos eremitas de Santo Agostinho, e chamava-se nella Fr. José de Santa Rita Durão; mas estando em Roma deixou o *frei*, e o habito grave de graciano tambem lá o deixára em trôco de um amaneirado vestuario *à l'abbé*, com que o viu o Sr. Fr. José das Dores, depois seu confrade, e a cuja boa memória, apezar da idade, devemos ésta notícia, que é confirmada pelo seguinte modo, com que se apellida o orador, quando imprime seu discurso: = *Jos. Duram, Theolog. Conimbricensis.* =

Que motivos teria pâra secularisar-se, não será facil averiguar, a não admittirmos a conjectura tão natural da inconstancia de caracter que tantas vezes acompanha as almas exaltadas e poeticas. E o nosso orador tanto é poeta, que veio a ser auctor de uma epopea, na qual cada dia se encontra mais merecimento. E a maior prova de que essa resolução não foi tomada com grande firmeza a encontrâmos nós no facto de haver elle pouco depois voltado novamente á sua antiga situação conventual. Porém desta vez julgaria por ventura favoravel á inspiração o silencio dos claustros, ou preferiria á vida privada a contemplativa para ter o espirito livre de cuidados, em quanto se entregava á sua epopea? O caso é que esta, se foi começada

pelo Padre Durão, quem a concluiu e publicou foi Fr. José de Santa Rita.

Affirma-nos o nosso erudito amigo o Sr. F. Freire de Carvalho que o célebre José Agostinho de Macedo, lhe assegurára que sendo então tambem graciano em Coimbra, víra muita vez o nosso poeta religioso no valle de Coselhas dictando estancias com a maior facilidade a certo pardo liberto, a quem no accento patrio, que nunca perdêra, chamava *Bérnardo*. Nem que essa amena ribeira de Coselhas, vertente do Mondego, fosse inspiradora para o nosso epico, como para o famoso Ariosto a do moinho dos Malaguzzos, tributária do Rhodano.

Propoz-se Durão a compor uma *braziliada*; isto é, uma epopea da colonisação do Brazil. Não podia melhor provar seu amor pela terra natal, obra de trinta annos depois de a ter deixado. « Os successos do Brazil (diz) não mereciam menos um poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria. » — Ha que notar nas expressões transcriptas, a menção do poema de Camões, com exclusão de tantos que o seguiram, uns em assumptos da Asia, outros da Africa. Acaso a íntima consciencia o obrigava a não fazer honrosa menção d'outras epopeas portuguezas que no entender de alguns criticos são perferiveis á sua? Pâra realisar o pensamento de uma epopea brazileira não foi o nosso poeta procurar heroe guerreiro na fórma costumada por seus predecessores, se bem lhe não faltassem na Historia

do Brazil, além d'outros, Mem de Sá e Fernandes Vieira. Achou mais original, ou talvez mais justo, cantar um heroe

........« na adversa sorte
Pois só *conhece* heroe quem nella é forte. »

Transcreveremos junto a estas palavras da proposição, a estancia 49 do Canto 2.° do *Caramurú*, em que o autor se justifica da escolha do assumpto que fizera :

Quanto merece mais que em douta lyra
Se cante por heroe quem pio e justo
Onde a cega nação tanto delira
Reduz á humanidade um povo injusto!
Se por heroe no mundo só se admira
Quem tyranno ganhava um nome augusto
Quanto o será maior que o vil tyranno
Quem nas feras infunde um peito humano!?

O poema viu a luz em Lisboa em 1781. É provavel que o autor se achasse presente á impressão, se bem que foi o mercador de livros *Du Beux* quem dirigiu esta, cuja tiragem foi de dois mil exemplares, parte dos quaes em melhor papel. Temia o nosso escriptor que se lhe levasse a mal apparecer publicamente como poeta, sendo religioso. Eis parte das desculpas com que a tal respeito se occupa no prologo :

« Sei que a minha profissão exigiria de mim « outros estudos; mas estes não são indignos « de um religioso; por que o não foram de « bispos e bispos santos; e o que mais é, de « santos padres como S. Gregorio Nazianze- « no, S. Paulino e outros! »

A nova epopea foi recebida friamente em

Portugal. Ao Brazil talvez por muito tempo não passasse um exemplar. O poeta apenas dois annos sobreviveu á publicação. Sucumbiria de dor ao ver a indifferença com que era recebido o fructo de suas lucubrações? Não sería o primeiro.

No comêço do anno de 1784 pedia-se no hospicio graciano do *Colleginho* em Lisboa, um P. N. e uma A. M. pelo Padre Mestre Fr. José de Santa Rita, que acabava de fallecer. Um anno depois resava-se ahi mesmo uma missa por sua alma. Deus a tenha em glória! Seu corpo foi enterrado junto aos degráos que da igreja dão para o claustro do mesmo Colleginho.

Sua obra, que avaliámos n'outro logar, pertence á posteridade, a qual fará por certo immortal o nome de Fr. José de Santa Rita Durão.

Ainda desta vez somos obrigados a confessar escacez de notícias ácerca do poeta, de cuja vida acabâmos de esboçar o último periodo. — Era elle nascido na Cata-preta, arrayal do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade episcopal de Marianna, em Minas.

Doutorou-se em Coimbra em 1756, de modo que foi contemporaneo de Claudio Manoel. Não sabemos como passou á Europa, nem onde professou; nem sequer podêmos justificar certo dito de que se resolveu a tal profissão em virtude de uma paixão mallograda por uma parenta sua. Sabemos só que depois de doutorado estava de conventual em Leiria, em 1758,

e que na Sé desta cidade prégou um magnifico sermão em acção de graças de salvar-se elrei D. José da mysteriosa scena de 3 de Setembro; serviram-lhe de texto as palavras: « *Benedictus Deus tuus qui conclusit homines qui levaverunt manus suas contra Dominum meum regem!* »

Um anno depois, sendo decretada a expulsão dos jesuitas, o bispo de Leiria, célebre mais tarde com o titulo de Cardeal da Cunha, aproveitou-se da occasião para augmentar seu valimento com Pombal, publicando uma pastoral fulminante contra os mesmos jesuitas. E, ou porque a dita pastoral continha proposições injustas, ou porque pela propria fórma se prestava á satyra (o que succederia sendo originalmente obra do dito mitrado) é certo que Durão saiu a campo pulverisando-a * , a ponto de se comprometter, e ver-se obrigado, a fim de livrar-se das iras do prelado, a evadir-se para Hespanha. Mâs, se ao devassar a fronteira estava livre da perseguição das autoridades portuguezas, nem por isso a hospitalidade estrangeira lhe valeu por muito tempo; pois, rebentando logo a guerra, que resultou do pacto de familia, foi prêso como suspeito de ser espia. Não sabemos em que terra de Hespanha teve logar essa prisão.

Solto, depois d'assignadas as pazes de París

* Segundo o mencionado Sr. Fr. José das Dores (n'outro tempo eleito bispo de Cochim) ésta é a verdadeira explicação desse facto que em outro logar apresentâmos só como provavel.

a 10 de Fevereiro de 1763, tratou de ir buscar em Italia mais seguro asylo, e lá se conservou até voltar a Portugal. Suas viagens lhe foram sem duvida uteis para estudar melhor a lingua e litteratura hespanhola e italiana, cujo conhecimento, bem como do dos classicos latinos, comprovam muitos logares do poema. Consta que compoz outras poesias; mas até hoje nenhuma outra obra, além da epopea e do discurso mencionado, chegou a nosso conhecimento.

Moema.

E fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o espôso pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.
Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apega ao leme.
« Barbaro, a bella diz, tigre e não homem....
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco....
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?
Tão dura ingratidão menos sentíra,
E este fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumfar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguíra,
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.
Em fim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar muribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irríta,
Disse vendo-o fugir, ah não te escondas;
Dispara sôbre mim teu cruel raio... »
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.
Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Palida a côr, o aspecto muribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
« Ah Diogo cruel! » Disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam dellas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro Heroe sem pena vel-as,
Com tantas provas, que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore ou grato gema.

Descobrimento do Brazil.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de um Zefiro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a espuma.

Du Plessis, qne os francezes governava,
Em uma noite clara á pôpa estando,
Os casos de Diogo, que escutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heroe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, o como e quando
Ganhára no recondito hemisferio
Tanto thesoiro o lusitano imperio?

Dois monarcas, responde o lusitano,
Já sabes que no occaso e no oriente
Novos mundos buscaram pelo Oceano,
Depois de haver domado a Lybia ardente:
E que, onde não chegou grego, ou romano
Passea o forte hispano e a lusa gente;
Que instruidos na nautica com arte,
Dascubriram do mundo outra grã parte.
Do Téjo ao china o portuguez impera,
De um pólo ao outro o castelhano voa;
E os dois extremos da redonda esfera,
Dependem de Sevilha e de Lisboa:
Mas depois que Colon signaes trouxera,
Colon de quem no mundo a fama voa,
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o luso ardente.
Já se dispunha a guerra sanguinosa;
Porém o commum pai aos dois intíma
Arbitrio na contenda duvidosa,
Que a parte competente aos reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E uma linha lançando ao Ceo profundo,
Por Fernando e João reparte o Mundo.
Na vasta divisão, que ao luso veio,
O precioso Brazil contido fica:
Paiz de gentes e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vasto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sôbre gráos dezeseis do nosso occaso.

Da nova região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil erva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Cuberta a praia está de grã caterva
De incognita nação, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe o troféo do autor da vida.
Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta que murchou no inverno;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o rei triumfou da morte eterno:
Tão sagrada memória a frota incita
A celebrar ao vencedor do inferno
O sacrificio donde a fé venera,
A paixão que em tal tempo succedêra.
Em frondosa ramada o lusitano
Um altar fabricou no prado extenso,
Onde assista ao mysterio soberano
Da lusitana esquadra o povo immenso:
Ao rei triumfante do infernal tyranno
Odorífero fuma o sacro incenso,
E a victima do ceo, que a paz indica
Á gente e nova terra sanctifica.
Notar o americano ali contende
Do sacrosanto altar o acto sublime;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gesto arremedar que orando exprime,
E as mãos une e levanta, e talvez sólta,
E quando o vê voltar tambem se volta.

Como as nossas acções talvez espia
O pelloso animal que o matto hospéda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo posto a observar, logo arremeda:
Tal o gentio simples parecia,
Que nem um pé, nem passo d'alli arreda,
E ao santo sacrificio attento e mudo,
O que aos mais viu fazer, fazia-o tudo.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro orador pio conceito,
E a fé dispensa no ânimo valente
Do nobre povo a propagal-a eleito:
Participa da cea a christã gente,
E o dom recebem com fiel respeito;
E é fama que Cabral, que os convocára,
Montando sôbre um alto, assim falára.

« Gloriosa nação, que a terra vasta
Vais a livrar do paganismo immundo,
A quem esse orbe antigo já não basta,
Nem a immensa extensão do mar profundo:
Neste occulto paiz, que o mar affasta,
Tem teu zêlo por campo um novo mundo;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro mundo acharás, se outro se esconde.

« Oh profundo conselho! Abysmo immenso
Do podêr e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no orbe extenso
Tanta parte do mundo á sábia gente!
Cincoenta e cinco seculos sem senso
Das nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita,
Não cair-nos na mente nem suspeita!

« Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triumfadora
Tremolámos as chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue
Vir neste dia a offerecer seu sangue.
« Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da paixão na igreja
Da fé renovo pelo fructo nobre,
Que o dia nos mostrou que te descobre. »
Dizendo assim, ajoelha; e cruz em tanto
Sublime n'um outeiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prosta humilde, pondo em terra a bôcca:
Pasma o gentio e admira com espanto
A melodia, com que o ceo se invoca,
Hymno entoando á cruz pios cantores,
E respondendo as tropas e os tambores.
Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura glória,
Aos bens attento só da transitoria.

Observa o bom Cabral todo o prospecto
Da immensa costa: e pelo clima puro,
Pelo abôrdo tranquillo e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto,
Do seu destino se lamenta escuro,
Que pela empreza, a que mandado fôra,
Não permitte na armada outra demora.

Manda depois ao luso dominante
Um aviso do clima descuberto;
Nem tarda Manoel então reinante
A enviar um cosmografo, que experto
Da escola fôra, que o famoso Infante
Para a nautica sciencia tinha aberto:
E Americo dispõe que ao Brazil parta,
De quem deu nome ao continente a carta.

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se attrevessem forte
A esperar no sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus, que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Armas lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lh'a especie, que ali bem se commuta,
Em que possam tratar por compra e venda;
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutelos,
Campainhas, fuzís, serras, martellos.

Nem se demora mais a forte armada;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vêl-a,
Com acenos e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.
Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao gentio vendem:
Talvez os tem co' a cithara encantados;
Talvez com cascaveis todos suspendem;
Mas o objecto que a vista mais lh'assombra,
É ver dentro do espelho a propria sombra.
Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terso crystal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem é, como se ouvíra;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De uma parte a outra parte o espelho víra;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que observou no centro.
Mas em quanto estes erram vagabundos,
Americo Vespucci e o forte Coelho,
A longa costa e os seios mais profundos
Demarcavam no nautico conselho:
Descubridor tambem dos novos mundos
Foi Jaques na marinha experto e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

Eu depois destes na occasião presente,
Quanto o vasto sertão nos encubria,
Descubri pondo em fuga a bruta gente
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde a Prata ao Pará se for contando.

Antigas Provincias do Brazil.

Dá princípio na America opulenta
Ás provincias do imperio lusitano
O grão Pará, que um mar nos representa,
Émulo em meio á terra do Oceano:
Foi descuberto já, como se intenta,
Por ordem de Pisarro, de Arelhano;
Paiz, que a linha equinocial tem dentro,
Onde a torrida zona estende o centro.
Em nove legoas só de comprimento,
Vinte seis de circuito se espraia
No vasto Maranhão d'agua opulento,
Uma ilha bella, que se estende á praia:
Regam-lhe quinze rios o assento,
E um breve estreito, que lhe fórma a raia,
Póde passar por isthmo, que a encadêa
Á terra firme por mui breve arêa.

O Ceará depois, provincia vasta,
Sem portos e commercio jaz inculta;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta:
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lado do sertão, de que resulta
Rio onde pescam nas profundas minas
As brazilicas pedras mais finas.
Da fertil Paraíba não occorre
Que informe a gente vossa, sendo empreza
Do commercio francez, que ali concorre
A lenhos carregar, que a Europa préza:
Não mui longe da costa, que ali corre,
Uma ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica e povoada
É d'Itamaracá de nós chamada.
A oito gráos do equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fructa grata
A madeira entre as outras mais preciosa,
O prospecto que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o êrro se escuse a meu aviso
De crer que fôra um dia o paraiso.
Serzipe então d'elrei: logo o terreno
De que viste a belleza e prospectiva;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem onde com mais gôsto a gente viva:
Clima saudavel, ceo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura...
Não ha depois do ceo mais formosura.

A quinze gráos do sul na foz extensa
De um vasto rio, por ilheos cortado,
Outra provincia de cultura immensa
Tem dos proprios Ilheos nome tomado :
Depois Porto Seguro a quem compensa
O espaço da provincia limitado ;
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa região pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende :
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, se presago não me engano,
Muito sangue ao francez e ao lusitano.

S. Vicente e S. Paulo os nomes deram
Ás extremas provincias, que occupámos :
Bem que ao Rio da Prata se estenderam
As que com proprio marco assignalámos ;
E por memória de que nossas eram,
De Marco o nome no logar deixámos,
Povoação que aos vindoiros significa,
Onde o termo hespanhol e o luso fica.